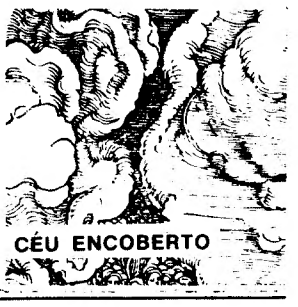
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 1972-N.º 17684-ANO 51.º-PREÇO 1$50



Nixon com Wallace contra o "busing"

WASHINGTON, 17 _ (F.P.) _ O presidente Nixon pronunciou-se ontem contra o «busing» __ transporte forçado dos alunos, para favorecer a integração racial nas escolas __ num discurso transmitido pela rádio e televisão.

«O «busing» é um mau meio para atingir um bom objectivo, e a grande maioria dos americanos, brancos e negros, sentem, de forma muita viva, que o transporte forçado dos alunos para longe dos seus bairros, com o fito de conseguir a integração racial, é inconveniente» __ disse Nixon.

O presidente pediu ao Con-

Continua na pag. 14

Cassius no rumo de Pequim

Muhammed Ali, aliás Cassius Clay, está desde ontem em Tóquio, onde combaterá no próximo mês contra Mac Foster, em mais uma etapa da sua preparação para a luta desforra com Joe Frazier. Desembarcou de quimono e recebeu um ramo de flores de uma linda jóvem nipónica. E, como sempre, fez declarações sensacionais, confirmando seus propósitos de visitar Pequim e de manter conversações com Mao e Chu En-Lai. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

Um milhão de contos em vidro

No conjunto das duas zonas económicas europeias, Portugal ocupa o último lugar entre os consumidores de vidro. No entanto, a produção desta indústria, no nosso País, atingiu, em 1970, cerca de um milhão de contos. Estes números foram revelados, hoje de manhã, em Albufeira, no Algarve, durante uma reunião dos comités de estatística e de questões sociais da Associação das Federações Vidreiras Europeias. (Páginas interiores).

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

A morte de Feltrinelli

Foto do último passaporte de Feltrinelli

Uma foto anterior do conhecido editor

ROMA, 17 (ANI/FP/«DL») A morte do editor italiano Giangiacomo Feltrinelli, cujo corpo foi oficialmente identificado pelas autoridades esta madrugada, causou profunda emoção em Itália, ocupando as primeiras páginas de todos os jornais. O adjunto do Procurador Distrital, Ottavio Pomarici, declarou que o corpo foi identificado na morgue de Milão pela antiga e terceira mulher de Feltrinelli, Inge Schoental, e por um dos colaboradores do editor, e que outras testemunhas afirmaram ter «85 por cento da certeza» de se tratar efectivamente de Feltrinelli. (Segue nas páginas interiores)

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Como se faz crítica

Publicamos hoje, no Suplemento Literario um texto (polemico) de Eduardo Prado Coelho «Como se faz critica». Tambem, nas centrais, alem de um artigo de Ruy Belo, «Da Sinceridade em Poesia», conferimos especial relevo ao escritor espanhol Juan Goytisolo e ao seu livro «Reivindicacao do Conde Julião», recentemente editado entre nos e que é um documento literario de excepcional craveira. Somam-se as seccoes habituais, «Folhetim Artistico», «Artes Visuais», «Do Outro Lado da Tela», «Aplausos e Assobios», «Literogramas». O leitor interessado tem materia para ler. E formar opiniao.

O suposto Borman é inquirido hoje

Bormann

BOGOTÁ, 17 - (ANI e R.) - É hoje trazido para Bogotá, a fim de ser interrogado, o misterioso estrangeiro que diz ser Juan Ehrmann, mas que o semanário «Cromos 7 dias» considera ser Martin Bormann, o adjunto de Hitler.

O homem em causa foi capturado na zona selvagem do rio Putaumayo, próximo da fronteira da Colômbia com o Equador, por quatro agentes da Direcção Nacional de Segurança, mas negou terminante-

Continua na pág. 15

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 1972-N.º 17684-ANO 51.º-PREÇO 1$50

Nixon com Wallace contra o "busing"

WASHINGTON, 17 _ (F.P.) _ O presidente Nixon pronunciou-se ontem contra o «busing» __ transporte forçado dos alunos, para favorecer a integração racial nas escolas __ num discurso transmitido pela rádio e televisão.

«O «busing» é um mau meio para atingir um bom objectivo, e a grande maioria dos americanos, brancos e negros, sentem, de forma muita viva, que o transporte forçado dos alunos para longe dos seus bairros, com o fito de conseguir a integração racial, é inconveniente» __ disse Nixon.

O presidente pediu ao Con-

Continua na pag. 14

Cassius no rumo de Pequim

Muhammed Ali, aliás Cassius Clay, está desde ontem em Tóquio, onde combaterá no próximo mês contra Mac Foster, em mais uma etapa da sua preparação para a luta desforra com Joe Frazier. Desembarcou de quimono e recebeu um ramo de flores de uma linda jóvem nipónica. E, como sempre, fez declarações sensacionais, confirmando seus propósitos de visitar Pequim e de manter conversações com Mao e Chu En-Lai. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

Um milhão de contos em vidro

No conjunto das duas zonas económicas europeias, Portugal ocupa o último lugar entre os consumidores de vidro. No entanto, a produção desta indústria, no nosso País, atingiu, em 1970, cerca de um milhão de contos. Estes números foram revelados, hoje de manhã, em Albufeira, no Algarve, durante uma reunião dos comités de estatística e de questões sociais da Associação das Federações Vidreiras Europeias. (Páginas interiores).

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

A morte de Feltrinelli

Foto do último passaporte de Feltrinelli

Uma foto anterior do conhecido editor

ROMA, 17 (ANI/FP/«DL») A morte do editor italiano Giangiacomo Feltrinelli, cujo corpo foi oficialmente identificado pelas autoridades esta madrugada, causou profunda emoção em Itália, ocupando as primeiras páginas de todos os jornais. O adjunto do Procurador Distrital, Ottavio Pomarici, declarou que o corpo foi identificado na morgue de Milão pela antiga e terceira mulher de Feltrinelli, Inge Schoental, e por um dos colaboradores do editor, e que outras testemunhas afirmaram ter «85 por cento da certeza» de se tratar efectivamente de Feltrinelli. (Segue nas páginas interiores)

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Como se faz crítica

O suposto Borman é inquirido hoje

Bormann

BOGOTÁ, 17 - (ANI e R.) - É hoje trazido para Bogotá, a fim de ser interrogado, o misterioso estrangeiro que diz ser Juan Ehrmann, mas que o semanário «Cromos 7 dias» considera ser Martin Bormann, o adjunto de Hitler.

O homem em causa foi capturado na zona selvagem do rio Putaumayo, próximo da fronteira da Colômbia com o Equador, por quatro agentes da Direcção Nacional de Segurança, mas negou terminante-

Continua na pág. 15

REFERENDO DE POMPIDOU SURPREENDE A EUROPA (P. 16)

O Algarve insiste na Universidade

Na Casa do Algarve, em Lisboa, realizou-se uma reunião para debate do problema da criação de uma Universidade ou de estudos gerais a nível universitário naquela província. Presidiu o sr. Brás Conde, estando presentes diversas personalidades algarvias, nomeadamente o deputado Leal de Oliveira. Falaram o dr. Maurício Monteiro, presidente da direcção da agremiação regionalista; o deputado Leal de Oliveira, o sr. Brás Conde, o eng. Lajinha Serafim, os drs. Garcia Domingues e António Sousa Pontes e o eng. João Rocheta. De um modo geral, os oradores sublinharam que a grave crise económica que o Algarve atravessa implica um processo de recuperação, dentro do qual os frutos da educação se fazem sentir. Por outro lado, o prof. Délio Nobre dos Santos, catedrático da Universidade de Lisboa, defendeu que a existência de uma Universidade na província meridional impõe-se por interesses globais do País. Finda a reunião, foi nomeada uma comissão encarregada de estudar o problema e estruturar uma solicitação formal ao Governo.

DL de ONTEM para HOJE

VET CLUBE

O subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, dr. Augusto Ataíde, foi o palestrante regulamentar da reunião do Vet Clube de Lisboa. Falou sobre o tema «Reforma no sector da Juventude e Desportos».

AMIGOS DE LISBOA

O prof. Abílio do Amaral fez uma palestra no salão dos «Amigos de Lisboa em que falou da história da Fonte Santa, que, embora de humílima traça, não deixa de constituir uma legenda popular de Lisboa, o que seria bastante para a tornar um centro de interesse público.

CIÊNCIAS

Na reunião da classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa, o prof. Abílio Fernandes apresentou uma comunicação subordinada ao tema «Progressos no estudo da flora de Moçambique», tendo procurado demonstrar que é falsa e injusta a acusação de que Portugal não tem procurado proceder à inventariação dos recursos naturais das suas províncias ultramarinas.

TOUROS BADAJOZ

19-3-972

De passagem por ELVAS

RESTAURANTE

Ambiente Familiar

Auto-Parque

Local aprazível preferido pelas pessoas de bom gosto

MAISON

Quinta das Águias

Reservas pelo Telf. 245

No ALGUEIRÃO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Agente António José Matos da Cruz, Vivenda Conceição-Baratã.

1.º ANIVERSÁRIO DA SOVENDO AGÊNCIA CITROËN

Apenas há um ano que nasceu a nossa Sociedade. No entanto, crescemos depressa e cedo verificámos que eramos uma empresa demasiado pequena para a preferência manifestada pelos nossos clientes. Assim na passagem do nosso 1.º aniversário temos o prazer de anunciar a ampliação das nossas instalações de venda que de 36 m² passaram agora a ocupar 200 m². Para melhor o servir. Venha visitar-nos. Sem qualquer compromisso. Poderá por exemplo ver em exposição o Citroën DS que ganhou a XXIII Volta a Portugal ou um Citroën SM idêntico ao que ganhou Rallye de Marrocos.

ESTAMOS ABERTOS DIÀRIAMENTE ATÉ ÀS 24 HORAS.
(até 18 do corrente).

SOVENDO
AGÊNCIA CITROËN
AO SEU SERVIÇO

Av. Infante Santo, 15-A — LISBOA

CITROEN

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

3.º Sector **Concelho de Lisboa**: Rua do Borja de 3 a 99, Trav.ª. da Torrinha de 1 a 41. (Das 8 às 12 horas).

5.º Sector Rua do Conde de 17 a 81. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector Av.ª Almirante Reis de 119-D a 145-B. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector Rua Alexandre Herculano de 1 a 13, Rua Rodrigues Sampaio de 98 a 132 e de 41 a 91. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector Rua Bernardim Ribeiro de 2 a 32 e de 3 a 49, Rua Ferreira Lapa de 2 a 32 e de 1 a 27, Rua Gonçalves Crêspo de 2 a 38 e de 1 a 11. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector Est.ª da Pontinha de 36 a 38, Rua Neves Costa de 68 a 86 e 71, Rua do Norte a Carnide de 1 a 9, Est.ª da Correia n.ºs 2,53, 53-A, 53-B, Est.ª Poço do Chão de 93 a 97 e de 115 a 127, Est.ª dos Arneiros 10. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector P.ª Carlos Ramos, Rua Dr. José Saraiva, Rua João de Castro Osório, Rua Vice-Almirante Augusto de Castro Guedes, Banda-6, Banda-4, Banda-3, Banda-11, Banda-5, Banda-8, Banda-9, Banda-10, Banda-2. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector Rua Fernando Palha de 1 a 63 e de 2 a 24, Rua Zófimo Pedroso de 1 a 43 e de 6 a 12-A, Rua Fábrica Material de Guerra de 4 a 12. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona, **Concelho de Oeiras**; **LINDA-A-VELHA:** Rua Pedro Álvares Cabral, Rua Luís de Camões, Rua Dr. Oliveira Salazar, Rua Almeida Garrett, Rua Eça de Queiroz, Rua António Nobre, Rua de Angola, Rua de Moçambique, Rua do Brasil, Rua Vasco da Gama, Rua D. Joana Simões Alves, Rua Fontes Pereira de Melo, Av.ª Tomás Ribeiro e imediações (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona, **Queijas**: Rua do Loureiro, Rua Quinta da Telha, Az.ª Cerrado do Olival, L.º Conde de Rio Maior, Bairro Oliveira, Caminho da Várzea, Rua da Mina, Escadinhas da Fonte e imediações. (Das 8 às 14).

3.ª Zona, **Concelho de Sintra**: Rio de Mouro — parte antiga. (Das 8 às 14).

4.ª Zona, **Negrais**. (Das 8 às 14 horas).

5.ª Zona **Concelho de Cascais: Parede:** Rua Febo Moniz, Trav.ª do Brás, Trav.ª de Rana e imediações. (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona, **Cascais**: Fisgas e Atrozela. (Das 8 às 14 horas).

7.ª Zona, **Concelho de Mafra**: Alcaínça e Mafra Gare. (Das 8 às 15 horas).

8.ª Zona Milharado (Das 8 às 15 horas).

9.ª Zona Sobreiro e Achada (Das 7 às 15 horas).

10.ª Zona **Concelho de Vila Franca**: Alhandra-Vila, B.º Quinta do Paraíso. (Das 8 às 12 horas).

11.ª **Alhandra**: Est.ª Nacional, Est.ª Subserra, Est.ª A-dos-Loucos, Est.ª da Arruda, Quinta da Várzea, Quinta do Poço das Eiras. (Das 8 às 14 horas).

12.ª Zona **Castanheira**: Av.ª Carlos Leal, Est.ª Nacional, B.º S. João, Rua D. António Ataíde, L.º S. José e imediações. (Das 8 às 14 horas).

13.ª Zona Est.ª Nacional, Est.ª do Carril, Rua D. Laura Palha e imediações. (Das 8 às 14 horas).

14.ª Zona **Concelho de Azambuja**: Vila Nova da Raínha, Azambuja. (Das 8 às 14)

15.ª Zona **Concelho de Alenquer**; Toda a rede de B.T. da Abrigada (8 às 14).

16.ª Zona Merceana (toda). (Das 8 às 14 horas).

17.ª Zona **Concelho de Torres Vedras**; Barro, Turcifal, Melroeira, Carvalhal, Freixofeira. (Das 8 às 14 horas).

18.ª Zona Sarge, Monte Redondo, Emergeira, Maxial, Aldeia Grande. (Das 8 às 14 horas).

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

JOGO DO GALO CONCURSO

SESSÃO nº 5

NOME _____

MORADA _____

IDADE _____ TELEF. _____

CORTAR

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

CONCURSO -JOGO DO GALO-

APARTADOS 3011 ou 3088

LISBOA

DL Polícia

O VIGÉSIMO ESTAVA VICIADO

O cliente apresentou o vigésimo da lotaria nacional premiado com 2 000$00 e a sra. Solange Yvette Pesacada Magro, dona da tabacaria da Rua dos Condes, não teve pejo nenhum em rebatê-lo, tanto mais que se tratava de um cliente de longa data. O pior é que depressa a sra. Solange Magro verificaria ter sido enganada. Ao mandar rebater, por sua vez, o vigésimo à «Casa Campião», logo a informaram de que era um vigésimo viciado. Apresentada a queixa à PSP, veio a saber-se que o sr. José Tomaz, de 64 anos, natural de Sintra, já utilizara o mesmo vigésimo para lesar outras duas tabacarias daquela área.

A PSP deteve o sr. Tomaz, que terá de prestar contas à justiça.

OS ARROMBAMENTOS CONTINUAM

De uma casa de artigos electricos, na Trav. Henrique Cardoso, os larápios sacaram, por arrombamento 2 cheques e 400$00 em dinheiro.

De uma loja de modas da Rua de Entrecampos, roubaram peças de roupa no valor de 7100$oo. Tentaram presa maior: um cofre que continha 3000$00, mas que não conseguiram abrir, decerto por falta da técnica.

O CHEQUE ERA ROUBADO

Por acaso, o sub-gerente dum banco da Av. Duque de Ávila, desconfiou, quando o Fernando do Nascimento, de 27 anos, natural de Satão, tentou ali rebater um cheque no valor de 4000$00. Havia fraude no caso.

A Policia Judiciária apurou que o cheque fazia parte da «maquia» de um assalto levado a cabo na noite de ontem num estabelecimento da Trav. Henrique Cardoso, 71-B, «maquia» que os gatunos completaram com outro cheque de 16552$00, 1190$00 em dinheiro e caixas de chocolate. Interrogado pelos agentes daquela corporação, o sr. Fernando do Nascimento acabou por dizer que ignorava a procedência do cheque, pois apenas fora abordado por dois desconhecidos que lhe ofereceram a gratificação de 200$00 se ele se prestasse a ir ao banco efectuar a operação do cheque.

Como as suas declarações não parecem muito conscientes, continua sob prisão até que se aclare devidamente o caso.

O «POLÍCIA» FOI PRESO

O caso passou-se na Rua de S. Paulo e já se arrasta há uns dias. Num fim de tarde da semana transacta, o sr. Celestino Soares Albino, empregado de limpeza duma firma situada na referida rua, viu entrar dois indivíduos, que se lhe dirigiram, pedindo-lhe licença para se servirem da casa de banho do estabelecimento. O sr. Celestino acedeu, não era favor que se negasse. À saída, porém, e alegando motivos obscuros, um dos indivíduos, intitulando-se agente da polícia, pediu ao sr. Celestino que o acompanhasse à esquadra. Também por motivos pouco claros, o sr. Celestino teve medo dessa intimação. Então, aproveitando-se da confusão que se gerou na cabeça do sr. Celestino, o «polícia» exigiu-lhe a entrega de 500$00, contra a promessa de o não levar à esquadra. O sr. Celestino Soares apressou-se a dar-lhe o dinheiro e o «polícia» desapareceu acolitado pelo outro indivíduo.

Desapareceu, mas por pouco tempo. Volvidos voltou ao estabelecimento, voltou a fazer a mesma ameaça e voltou a levar outros 500$00. Ontem quis subir a exigência para 700$00. O sr. Celstino não concordou e chamou um agente da PSP que logo deslindou o caso. O indivíduo que se intitulava polícia, o sr. António Augusto Gulherme, de 71 anos, natural da Covilhã e residente na Rua da Boa-Vista, 53, 4.º foi imediatamente detido e enviado ao Governo Civil de onde transitará para a Polícia Judiciária.

ASSALTADA A SOCIEDADE DE AUTORES

Por meio de chave falsa, os gatunos entraram a noite passada na sede da «Sociedade Portuguesa de Autores», situada na Rua Duque de Loulé, 111-1.º. À primeira vista, poder-se-ia pensar numa notícia sensacional sobre o assalto a tão prestigiosa entidade. Mas os assaltantes da S.P.A. ou eram muito tímidos, ou não acertaram com o pecúlio se havia pecúlio ou apenas quiseram saber como andavam por lá as coisas, pois limitaram-se a levar um pequeno cofre contendo alguns documentos sem valor.

O cofre foi encontrado esta manhã, nuns terrenos vãos do Alto da Ajuda, por elementos da GNR que ali andavam a treinar cães-polícias.

O caso foi participado à Polícia Judiciária pelo sr. Rogério Bracinha.

AMIGO QUE ROUBA AMIGO...

O sr. Carlos dos Santos Pancha, com comércio montado na Rua dos Sete Moínhos, ao ver o homem dirigir-se-lhe com o ar prazenteiro de quem descobre um amigo que já não vê há muito tempo, ficou um pouco perturbado.

— O sr. não se lembra de mim? Sou o Fernando Temudo...

Então o sr. Pancha lembrou-se de que tratava vagamente com o Temudo, uns tempos atrás. Conversa puxa conversa, o sr. Temudo, de 19 anos, contou-lhe que partia em breve para Angola e que isso andava a despedir-se de todos os amigos. Convidou mesmo o sr. Pancha a beber umas cervejas. Como no referido estabelecimento não se vendem bebidas, o próprio sr. Pancha se ofereceu para ir à taberna do lado comprar as cervejas. Ao voltar ao estabelecimento, um súbito presságio fê-lo olhar para a prateleira onde pendurava o seu relógio de pulso, no valor de 900$00. A prateleira estava lá, não havia dúvida, mas o relógio descera para os bolsos do sr. Temudo. Claro que se pediu a intervenção da PSP, e o sr. Temudo, que inventara a história da sua ida para Angola e arquitectara o plano de ficar só na loja do sr. Pancha, entrou nos calabouços do Governo Civil.

2.º comandante da Academia Militar

Na Academia Militar, o general Amaro Romão conferiu posse ao brigadeiro José Álvares da Cunha das funções de 2.º comandante daquele estabelecimento. Presentes ao acto o sub-chefe do Estado Maior da Força Aérea, brigadeiro Brás de Oliveira, e todos os oficiais e professores catedráticos civis. Assistiram ainda deputações de alunos dos diferentes cursos do Exército e da Força Aérea professores na Academia Militar.

CARROS ROUBADOS

Entre o número de viaturas desaparecidas e recuperadas, continua a haver uma certa despropoção, a favor, claro, dos ratoneiros. Veja-se a «movimento» entre as 12 horas de quarta-feira e a mesma hora de ontem.

Viaturas desaparecidas

IL-78-07 (Simca 1301)
FI-44-34 (Mercedes)
AL-29-75 (Austin 1000)
FL-42-33 (Morris 1000)
ED-28-47 (Fiat 600D)
EC-61-21 (Fiat 124)
BF-85-94)
AE-31-61 Volkswagen)
ID-30-36 (Anglaia)
HC-93-44 (Simca 1301)
FL-73-86 (Morris 1000)

Viaturas desaparecidas

AG-66-33
BC36-76
BH-70-42
BH-78-25
DD-86-87
633-BC-93

O OXIGÉNIO E A INFORMAÇÃO

Nunca serão em excesso as abordagens dos problemas da informação nos seus diferentes níveis.Tal como aquele herói de Molière fazia prosa sem o saber e vivia em contínua criação prosista sem de tal se dar conta, também os homens reais se movem através de uma massa pluriforme de massa informativa, recebendo e dando informações de modo anárquico, sem consciência crítica do que representa essa permuta nunca interrompida. Pode-se viver sem conhecer a composição da atmosfera: basta respirar. Mas, no que à informação respeita, a passividade da sua captação leva a um processo de envenenamento que será de tanto maior efeito quanto mais lento for...

Vivemos uma época em que a informação a si mesma se põe em causa. Tal como a crítica se debruça sobre a sua própria função, a informação torna a informação objecto das suas preocupações, no que não haverá tido pequena influência o advento dos ordenadores, capazes de receber e tratar milhões de informações, e por isso mantendo o homem num estado permanente de tensão, pois no mesmo momento as respostas se transformam, por sua vez, em objecto de análise nova e novo tratamento. É indispensável, pelos vistos, articular uma filosofia da informação, uma lógica, uma ética... E já não diremos uma mitologia, ainda que uma verificação mais atenta dos factos talvez a justificasse...

Somos levados e pensá-lo quando temos percepção mais viva do meio informativo que respiramos, após flutuarmos nele do modo alheado como respiramos o ar que nos rodeia. Há, realmente, alguma coisa de mitológico no quadro ainda agora traçado pelo deputado Barreto de Lara sobre as dificuldades postas ao exercício do direito que aos deputados assiste «de ouvir, consultar ou solicitar informações de qualquer corporação ou estação oficial acerca de assuntos de administração pública».

Depois de recordar a prerrogativa acima considerada, declarou o deputado Barreto de Lara: «Na prática, porém, as estações oficiais podem perfeitamente não digo impedir, mas ao menos (e já não é pouco), frustrá-la, o que equivale ao mesmo, sem que o deputado tenha meios ou forças para forçar a uma mudança de atitudes. Acontece isto por vários modos e até já aqui vi produzidos vários lamentos. Nomeadamente, quando a entidade a quem se solicitam as informações silencia a resposta ou a arquiva numa das milhentas gavetas que para mal da Nação proliferam nos departamentos públicos; ora também quando a resposta é tão tardia que a intervenção do deputado envelhece perdendo então toda a oportunidade; ora e até quando a resposta é tão vaga e por vezes tão sobranceira e na sua contextura ambígua(...)».

Basta esta transcrição. Diante dela, e de tudo quanto sabemos envolvê-la e motivá-la, talvez não seja despropositado acrescentar que a informação (como a paisagem...) é, além do mais que também é, um estado de espírito. Compreendemos muito bem que o espírito se perturbe aos dispensadores da informação quando esta se transforma numa necessidade vital, numa exigência da vida. Compreendêmo-lo tão bem quanto sùbitamente descobrimos justa, exacta e precisa a comparação que fizemos entre a informação e a atmosfera que fisicamente respiramos: pela falta de uma e de outra nos podemos asfixiar...

O Québec e a Bretanha

Richard Nixon visitará brevemente o Canadá, acompanhado de sua mulher, Pat Nixon, que parece ter descoberto repentinamente em si mesma um acentuado gosto pela actividade política. Segundo informam as agências, Nixon e Trudeau, o primeiro-ministro do Canadá, tratarão dos «grandes assuntos da actualidade internacional e de problemas de interesse mútuo», fórmula que serve tão bem como qualquer outra para programa de conversações políticas.

Esperemos que esta visita presidencial seja mais pacífica do que a do general De Gaulle, há anos, quando este levantou o grito de «Québec livre» e causou a comoção internacional de que todos ainda se lembram. Singular acontecimento esse, que parecia prometido a futuro agitado e veio a cair em sono profundo. Porque seria? Teria alguma influência nesta letargia a súbita vocação da Bretanha para a independência?...

Cooperação internacional na informação

Os organismos internacionais, que pràticamente não existiam no século passado, constituem hoje um conjunto de 300 organizações oficiais estabelecidas mediante acordo entre governos, 2700 organizações não governamentais, sem fins lucrativos, e 600 empresas multinacionais, o que representa um total de 4300 organizações que cobrem todos os campos da actividade humana e todas as regiões geográficas do mundo. Estas organizações produzem enormes quantidades de informação em progressão ascendente.

A União de Associações Internacionais, por exemplo, projecta estabelecer um banco mundial de dados. Entre os seus objectivos iniciais figura a codificação de 300 organizações internacionais, com os seus 30.000 membros institucionais nacionais, e de 20.000 a 70.000 importantes organizações nacionais de carácter voluntário.

A UNESCO, por seu lado, patrocina a criação de um sistema mundial de informação - o UNISIST - que coordena os serviços de informação científica e tecnológica nacionais, regionais e internacionais.

O programa do UNISIST, que não funcionará plenamente antes de 1980, procura abarcar a ciência e a tecnologia em toda a sua extensão e variedade, e cobrir, além disso, os principais idiomas que se usam no intercâmbio internacional da informação científica, para o que fixará normas técnicas que facilitem o referido intercâmbio, tanto entre diferentes sistemas nacionais como entre diferentes campos científicos. Os 90 países em desenvolvimento que aproximadamente o programa englobará beneficiarão da redução de barreiras administrativas e jurídicas e da ajuda que receberão para estabelecerem centros nacionais ligados à rede mundial.

O UNISIST não será planificado, integrado nem organizado sob uma só direcção, antes será «uma rede flexível baseada na cooperação voluntária dos serviços de informação existentes e futuros», que tratará de evitar que os cem mil centros de informação que já funcionam no mundo, ao multiplicarem involuntàriamente os respectivos trabalhos, cheguem a criar uma verdadeira torre de Babel, piorando em vez de melhorar a comunicação internacional no campo da ciência.

PERSPECTIVAS

O ALUNO BÚLGARO

POR BERNARD MARGUERITTE/Especial para o «DL»

A Bulgária passava, há bem pouco tempo ainda, pelo «bom aluno da turma comunista.» Nada parecia passar-se neste «socialismo do silêncio», administrado com tacto e firmeza por Jivkov. A evolução dos últimos meses mostra que a cena, começa a animar. Em Outubro, pouco depois da visita de Brejnev a Belgrado e a Sófia, verificou-se uma viragem no plano da política externa. Desde então, Jivkov tem procurado acalmar a questão da Macedónia, o que não deixa de provocar discordâncias dentro do partido e na opinião pública. No plano interno, prossegue, ao «ralenti», a aplicação da reforma económica. A Bulgária até tem os seus escândalos financeiros. Começa a fazer-se sentir uma certa agitação entre os intelectuais e a juventude. Os debates não poupam sequer o próprio partido, onde se não hesita em formular juízos nem sempre conciliadores sobre a atitude da «eterna amiga»., a União Soviética.

Rádio Sófia admite que a reforma económica não correspondeu a todas as esperanças. Já não se ouve falar, por exemplo, como acontecia em 1967 ou 1968, da modificação radical do sistema de preços, para se poder ter em conta as leis do mercado, nem da crescente autonomia para as empresas. Em contrapartida, a reforma consiste aqui - ao contrário do que acontece noutros países socialistas - numa acentuada centralização. O número de «uniões» industriais desceu de cento e trinta para cinquenta e seis. Foram criados imensos «complexos agro-industriais», de 30 mil a 40 mil hectares. Num importante discurso proferido no dia 23 de Dezembro, perante os operários da fábrica de Pernik, Todor Jivkoov confirmou que continua a ser um dos objectivos do plano a instauração, daqui até 1975, da semana de cinco dias para todo o país. Afirmação que provocou, informa o «Rabotnitchesko Dielo», **«prolongados aplausos».** O orador acrescentou, no entanto, que isso só se poderia concretizar nas empresas capazes de dar cumprimento, em cinco dias, ao plano estabelecido para seis dias de trabalho. Este esclarecimento foi, segundo o mesmo jornal, recebido com **«animação»** («ogivienie») pela assistência. Esta indicação é tanto mais digna de interesse quanto, segundo observadores ocidentais, ter-se-ia feito sentir um certo descontentamento na fábrica de Pernik, no decurso do ano passado.

Por outro lado, os investimentos serão refreados em 1972, pois a realização do plano, neste domínio, suscita, na Bulgária, problemas semelhantes aos dos demais países socialistas da Europa Central; 30 por cento dos investimentos previstos para o ano em curso serão consagrados à modernização das empresas.

Há quem se pergunte se o afrouxamento da reforma se não deve, também, aos escândalos financeiros que, de há cinco anos a esta parte, atingiram duas grandes empresas. Deu-se, primeiro, o caso da firma Rhodope, responsável pelo comércio da carne e do leite. O seu director, Kosta Jankov, foi demitido. Recentemente, a firma de comércio externo Texim chamou a atenção dos inquiridores. Teriam sido pronunciadas, em Novembro, penas de alguns anos de prisão. O caso é tanto mais misterioso quanto os serviços de segurança, não apenas búlgaros mas também soviéticos (a Texim estava encarregada, entre outras coisas, da exportação para a União Soviética de navios cujos planos deveriam ser mantidos secretos), se viram imiscuídos no caso, tendo até recebido uma parte dos fundos desviados.

O escândalo teria sido a causa directa da demissão de Lachezar Avramov, antigo ministro do Comércio Externo, que perdeu o seu cargo de membro suplente do gabinete político do Comité Central, quando do Congresso do partido, que teve lugar em Abril de 1971, e de Angel Solakov, que deixou, em Julho, a direcção do Ministério do Interior, antes de ser afastado do Comité Central, quando do «Plenário» de Outubro, devido aos **«graves erros no seu estilo e métodos de trabalho, incompatíveis com os princípios e a moralidade do partido.»** Tanto Texim como Rhodope gozavam, graças à reforma lançada por Jivkov, de uma ampla autonomia financeira. Não será, portanto, de espantar que a tendência seja, hoje em dia, para uma nova centralização.

Lachezar Avramov parecia ser um desses jovens tecnocratas cujo peso se faz sentir, cada vez mais, no partido búlgaro, ainda que não estejam representados no gabinete político.

Aliás, Avramov não foi duramente atingido pois continua a ser director da União da Indústria Pesada. Calculam alguns observadores que a crescente influência dos jovens tecnocratas do Partido explica a decisão tomada pelo Plenário de Outubro, segundo a qual **«o Comité Central deve, de futuro, ser regularmente informado sobre os trabalhos do gabinete político e do secretariado»**, e que o próprio público deve ser mantido ao corrente **«das mais importantes decisões do gabinete político, do Conselho de Estado e do Conselho de Ministros.»**

Jivkov declarou, no seu discurso de Pernik, que, no domínio económico, se não devia exagerar a importância dos **«estímulos materiais»**, tendo exaltado, pelo contrário, aquilo a que chamou estimulantes não apenas morais mas **«espirituais»**. No que diz respeito às artes e à cultura, Veneline Kotzev, membro suplente do gabinete político e secretário do Comité Central, afirmou, no passado dia 26 de Janeiro, no decurso de um encontro com os cineastas, que **«os meios culturais búlgaros devem lutar com intransigência contra a ideologia burguesa.»**

Não obstante, é cada vez mais notória uma certa agitação nos meios intelectuais. Em Maio de 1971, quatro escritores, entre os quais os poetas Valéry Petrov e Khristo Genev, foram expulsos do Partido e da União dos Escritores por se terem recusado a condenar Alexandre Soljenitsyne, alegando que não tinham conseguido ler as últimas obras do romancista soviético. Uma polémica, travada muito recentemente, veio revelar a extensão do mal-estar. O crítico Lyuben Giorgiev, conhecido pelas suas corajosas atitudes contra a burocracia da cultura, atacou, nas colunas do «Narodna Kultura», jornal do Comité para as artes e a cultura, as edições dos **«escritores búlgaros».**

As autoridades, aliás, pronunciaram-se a favor da Associação dos Escritores. Karakachev, chefe da redacção do «Narodna Kultura», acaba de ser demitido das suas funções, e Pavel Matev poderá ter de abandonar, muito em breve, a direcção do Comité para as artes e a cultura.

Surgem também tensões entre a juventude. No dia 19 de Novembro de 1971 teve lugar em Pleven, no norte da Bulgária, uma conferência nacional consagrada ao **«combate contra as actividades anti-sociais»**, termos que abarcam os rendimentos de origem desconhecida, a especulação, a prostituição de menores, o alcoolismo, assim como as influências dos turistas ocidentais, ou ... os **«preconceitos religiosos».O jornal «Otetchestven Front», ao dar notícia do acontecimento, sublinhava que tais desvios «se expandiam de uma maneira alarmante entre a juventude.»** Pouco tempo antes, o semanário «Anteni» tinha revelado, pela primeira vez, o sério problema posto pela expansão do uso da droga entre a juventude. Um jovem, a quem o «Anteni» perguntara porque é que recorria aos estupefacientes, respondeu: **«Muito simplesmente, não aceitamos o esquema desta maneira estreita e filistina de pensar, para a qual os únicos ideais são o dinheiro, os automóveis e as vivendas. Não é isso que procuramos.»**

As autoridades tomam também medidas contra os jovens demasiado barbudos e guedelhudos. Algumas delas são radicais: foi criado pelo Ministério do Interior **«um salão especial de cabeleireiro»:** os delinquentes são «tosquiados» à força, o que, aliás, provocou os protestos do «Narodna Mladev», órgão dos «Komsomols». Ao mesmo tempo, está, actualmente, a ser conduzida uma grande campanha contra os jovens parasitas, que não estudam nem trabalham. O problema é tanto mais espinhoso quanto se verifica, todos os anos, a apresentação de mais de setenta mil candidatos ao ensino superior para quinze mil vagas a preencher. As autoridades mostram-se muito preocupadas com tais problemas: a direcção dos «Komsomols» acaba de ser profundamente remodelada e Jivkov chegou mesmo a interromper a sua visita a Varsóvia, aquando do congresso do Partido Comunista Polaco, para vir tomar parte, em Sófia, no Dia dos Estudantes, que teve lugar em 7 de Dezembro do ano passado.

A Bulgária tornou-se, pois, um país que se agita e que discute. Os búlgaros, no entanto, não gostam de falar com um jornalista ocidental sobre os conflitos intelectuais ou os escândalos financeiros. Depois de terem respondido com mais ou menos reticências, acrescentam, invariàvelmente: **«Essas coisas não são assim tão importantes para nós.**

PORTO

Está em estudo no gabinete de Urbanização do Município do Porto por incumbência do respectivo presidente, a construção de um jardim para invisuais num terreno anexo á Rua Júlio Dinis.

A ideia do eng. Arsénio da Fonseca, chefe da Repartição de Arruamentos da Câmara e a concretizar-se, será em moldes únicos no País e mesmo noutros. Parques e jardim para invisuais existem já noutros países, mas todos eles junto de hospitais ou clínicas de recuperação.

Na concepção do eng. Arsénio da Fonseca, o Jardim para Invisuais situar-se-ia em local próprio, junto de outro jardim ou parque e haveria uma zona com arruamentos bem pavimentados e bancos de madeira, da maior comodidade, tendo ao lado e nas traseiras pequenos canteiros de flores. Os arruamentos teriam uma cobertura de material plástico, translúcido e assim poderiam ser aproveitados mesmo nos dias de chuva.

A configuração desses arruamentos seria a de uma estreia e no centro haveria um pavilhão, provido de aquecimento e rodeado de bancos, especialmente construidos para duas pessoas, com uma pequena instalação sonora. Em cada um dos braços existiria um leitor de cassetes e uma ligação a um capacete auditivo que, através de um interruptor, permitiria a ligação a uma linha geral. Ao centro, uma empregada atenderia os pedidos dos invisuais ou poria em funcionamento a música que entendesse servir para todos.

Em cada dois bancos existiria ainda, uma instalação telefónica que, através de P. B. X, permitiria ao invisual contacto com o exterior.

De desejar que tão útil iniciativa tenha imediata realização, pois além dos seus benefícios, embelezaria e engrandeceria a cidade.

EXPORTADORES DE VINHO DO PORTO

Reuniu-se, sob a presidência do sr. eng. Manuel João de Almeida Barros, a assembleia geral do Grémio dos Exportadores de Vinho do Porto, cujos trabalhos decorreram com muito interesse.

No período antes da ordem dos trabalhos a reunião atingiu o ponto de maior exaltação, pois mais uma vez,foi discutido o litígio entre a direcção do Grémio e as Companhias Velha e Vinícola.

Procedeu-se depois á apreciação do relatório e contas da gerência finda e á eleição dos novos dirigentes para o triénio de 1972/74. Com excepção do presidente da assembleia geral os restantes foram reconduzidos nos seus cargos.

O presidente da assembleia geral é o sr. Armando Augusto Fernandes e Silva. Á direcção preside o sr. Fernando Luis AVanzeler.

«DIA DO TURISTA»

A Exposição Filatélica, Numismática e Filumenística «Dia do Turista-1972», organizada sob os auspícios da S. E. I. I. e que está patente de 16 a 22 de Abril inclui-se no programa das comemorações daquele dia anualmente dedicado aos visitantes estrangeiros e que se comemora a 20 daquele mês.

As inscrições estão abertas até 31 do corrente na sede da A. P. F. T. e são admitidos os coleccionadores de selos, medalhas, moedas, carteiras e caixas de fósforos, com colecções subordinadas ao tema «Flores».

SINDICATOS DOS VIAJANTES

Com a presença do secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto, iniciam-se amanhã, no Porto, as comemorações do cinquentenário de vida associativa e profissional dos empregados viajantes e de praça do norte do país.

Às 10 horas, o dr. Silva Pinto presidirá, no Sindicato dos Empregados Viajantes e de Praça do Distrito do Porto, à entrega de diplomas a 150 participantes dos últimos cursos de aperfeiçoamento profissional ali realizados, sendo-lhe depois oferecido um almoço ao qual se seguirá uma sessão solene no Palácio da Bolsa.

«A CRIANÇA E A ESCOLA»

No Liceu Normal de D. Manuel II, a secção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, da Sociedade Portuguesa de Higiene e Saúde Escolar, vai reunir-se amanhã e no domingo para apresentar quatro comunicações científicas.

Amanhã, a partir das 15 e 30, será a seguinte a ordem dos trabalhos: «A ficha médica das crianças que frequentam os jardins escolas» pelo dr. Farmhouse e «Norma estaturo-ponderal do português em idade escolar (sexo masculíno). Análise comparativa entre os distritos do Continente» pelo dr. F. Ribeiro Rosa e colaboradores.

No domingo, a sessão iniciar-se-á às 9 e 30, com «A experiência piloto do Centro de Saúde Escolar nas escolas primárias de Lisboa» pela dra. Maria Manuela Magro e colaboradores, seguindo-se «Saúde escolar em 1972. Perspectivas do Centro de Saúde Escolar de Lisboa», pela dra. Maria Adelaide Pinto Correia.

CONCERTO

No teatro S. João e dedicado aos sócios do Orpheon Portuense, haverá, na próxima segunda-feira, às 21 e 30, um concerto de piano, pela artista de nacionalidade húngara Annie Fischer.

SALÃO FILATÉLICO

De 29 de Abril a 7 de Maio próximos, decorrerá, no salão nobre da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, o I Salão Filatélico Universitário, exposição de carácter não competitivo que tem o patrocínio do Centro Universitário desta cidade.

A iniciativa conta com a participação efectiva dos maiores nomes da filatelia nacional que, como é seu timbre, sempre têm querido incentivar estas realizações juvenis.

No programa social estão previstas algumas conferências e colóquios, nos quais poderão participar todos os interessados.

A comissão executiva procederá, segundo data a afixar posteriormente, a visitas guiadas, das quais também poderá participar toda a população, desde que se apresente à hora marcada no recinto do certame.

Em ÁGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência Oliveira Salazar, 54.

ESCOLA DE CONDUÇÃO
CASA A. VIEIRA
Ensino perfeito de LIGEIROS, PESADOS e MOTOS. Inscreva-se hoje mesmo na Rua de Campolide 135.

LUSTRES
de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

Para o Dia do Pai

TIMEX®
o relógio mais vendido no mundo

RECOMMENDED BY TIMEX

19 de Março — Dia do Pai

Ofereça Timex — à sua disposição, os 7 famosos modelos da Linha «Precisão Eléctrica» Timex (790$00 a 1.190$00), o relógio com «Célula de Energia» que trabalha sempre, mesmo sem estar no pulso.

Os relógios Timex, são garantidos por um ano contra todos os riscos. Preços desde 245$00 e, para sempre, a assistência rápida e eficiente Timex.

À venda em todo o país na sua relojoaria ou ourivesaria

Também para si, minha senhora, finalmente em Portugal, um modelo da famosa linha «Precisão Eléctrica» Timex

DO MELHOR PANO ...SAI A NÓDOA

NO-DO-MIL é um amigo poderoso, eficiente e económico!
Uma nódoa, não justifica a despesa de limpar um fato inteiro!
Por uma nódoa imprevista, não precisa mudar de vestido.

TENHA SEMPRE NO-DO-MIL AO SEU ALCANCE!
O tira-nódoas poli-solvente, não inflamável e adaptado à limpeza instantânea de qualquer tipo de nódoa em qualquer tipo de tecido.

no-do-mil

UM PRODUTO NOVO, FABRICADO PELA
DOMIL — PRODUTOS QUÍMICOS, DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS, LDA.
PATENTE DA REEF CHEMICAL CORP. (PTY)
PORTO — R. FARIA GUIMARAES, 718, 4.º-DTO. — TEL. 49 50 25
LISBOA — R. PASCOAL DE MELO, 124, 2.º-ESQ. — TEL. 53 92 52

TER OU NÃO TER RAZÃO; TER OU NÃO TER TELEVISÃO

Persiste um mal-entendido entre a crítica e a televisão portuguesa. Em primeiro lugar, e antes de mais nada: a inteligência do indivíduo criticado consiste em saber aproveitar, para a sua construção, os materiais utilizados pela crítica. É claro que o objecto sobre que recaiu a crítica não se transforma por acção dela: pode é transformar-se a sua posição no mundo mas o objecto, enquanto objecto, permanece inalterável. O que pode transformar-se por acção da crítica, é o autor do objecto e os utentes dele.

Outros problemas deste complexo movimento se levantam, mas por agora o que fica dito, chega.

À meia noite e meia hora

Em continuação de estreia, o filme «Duas Mulheres... um Destino», de Curt Harrington, (cujo título é «What's the Matter with Helen?»), com Debbie Reynolds e Shelley Winters, será projectado no S. Jorge, no próximo sábado á meia-noite e meia hora.

A crítica aos programas nacionais da televisão admitamos que seja, na sua maior parte, desfavorável. Disto pode a televisão portuguesa retirar a conclusão de que a crítica é «negativa» ou seja, não simpatizante. Suponho que assim acontecerá.

POIS NÃO, À VONTADE!

Os críticos devem achar formidável aquela ideia de cantar ao ar livre dos jardins do Instituto Alemão. Deve achar formidável aquela sugestão do repuxo a enfeitar o acordeão. É muito bonito, é muito jogo de água, é brutamente Debussy,o Ferrão tem olho o Ferrão é realizador em bom.

E as cancões das operetas? Obra linda, obra limpa! É uma **canção do volga, de** Franz Leahr. **«É a canção de vitória, o grito de uma alma que, na vasta solidão da paisagem russa, apela para a graça de Deus: Dos muitos anjos, Pai, que tendes junto de vós, mandai um para junto de mim».**

Ou então: **«Vem cigano, toca para mim, mostra toda a tua arte e o teu saber. Dar-te-ei tudo o que quiseres, se sentires comigo a minha alegria e a minha dor».**

Ou ainda: **«A mais moderna máquina de fazer a barba. Não é uma lâmina, mas sim uma fita de acção inoxidável»...**

Considere quem quiser que no seu conteúdo e na sua realização, o **«Mundo a cantar»** é uma rubrica digna de ver-se. A crítica não pode embarcar nisso. Perante este Pedro Moutinho, ainda de barbas, logo nos convencemos que «O Mundo a cantar» é uma rubrica com barbas.Razões para sua manutenção haverá; mas razões de televisão é que não serão nunca. Quais?

Mistério. À vontade.

ANDAR

AVENIDAS NOVAS

Em prédio de boa construção, composto de 5 magnif. quartos, 2 salões, cozinha, copa, 3 casas de banho, despensa, roupeiros e hall.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

concertos do auditório dois

Segunda-feira, às 18.30 horas

MARTINE GELIOT, harpa

Programa: HAENDEL: Passacaglia e O Ferreiro Harmonioso ● J. L.DUSSEK: Sonata em dó maior ● SCARLATTI: Sonata ● ERIK SATIE: Gymnopédies ● FAURE: Une chatelaine en sa tour ● ROUSSEL: Improviso ● PIERICK HOUDY: Sonata

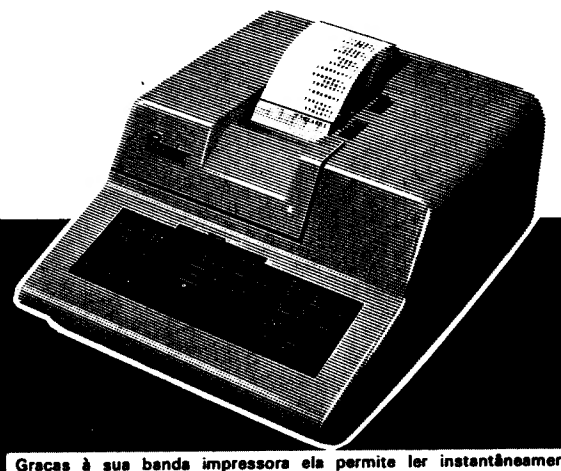
Preço: 30$00 ● 50 % de desconto a estudantes

GRUPO A — M/ 6 anos

Precisa CALCULADORA electrónica

MODELO 370

alta velocidade de impressão e silêncio de funcionamento



Graças à sua banda impressora ela permite ler instantâneamente os factores e os resultados dos cálculos mais complexos.
As suas 5 memórias fazem dela um instrumento de trabalho com múltiplas possibilidades.
Para as exigências menos ambiciosas, o modelo 374, dotado de 3 memórias, serve perfeitamente.

Por outro lado, Precisa apresenta igualmente uma gama completa de somadoras manuais e eléctricas e calculadoras eléctricas--impressoras completamente automáticas para as 4 operações, a preços módicos.
As calculadoras Precisa são fabricadas na Suiça com a mesma precisão e meticulosidade com que se fabricam os cronómetros e são vendidas em Portugal com a garantia e a assistência técnica dos seus representantes exclusivos:

ESTABEL. M. SIMÕES JR. S.A.R.L.
Lisboa-Porto-Aveiro-Braga-Beja

EXPOSIÇÃO Dalcopy 72

APARELHOS PARA RETROPROJECÇÃO
FOTOCÓPIA - ELECTROCOPIADORES
ACESSÓRIOS PARA COMPUTADORES

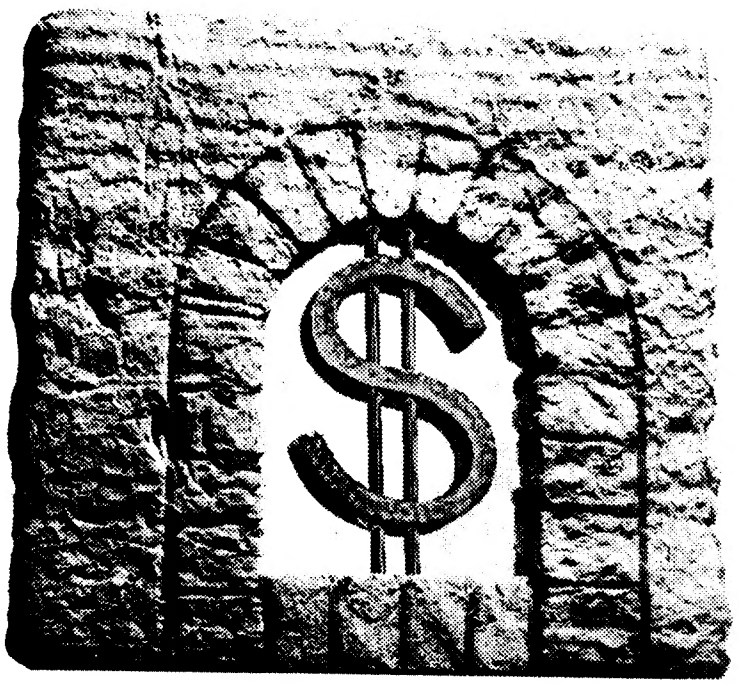
HOTEL FLORIDA

LISBOA-13a19deMARÇO-das16às23H

ENTRADA RIGOROSAMETE POR CONVITES PEDIDOS PARA

PRODUTOS FOTOGRAFICOS Dalcopy LDA

Rua do 4 de Infantaria 38 - Lisboa 3 - Telef 654112



CONFIE

conte connosco como o amigo que procurará resolver os seus problemas financeiros.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

Os grandes golpes "à francesa"

TÍTULO:O GOLPE (Le Casse)
REALIZAÇÃO: Henri Verneuil, 1971 (França)
INTÉRPRETES: Jean-Paul Belmondo, Omar Sharif, Dyan Cannon, Robert Hossein, Nicole Calfan, Renato Salvatori, José Luís de Villalonga, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Columbia Filmes.
ESTREIA: Cinema Monumental (10/3/1972)

TÍTULO: A PARTE DE LEÃO (La Part des Lions)
REALIZAÇAO: Jean Larriaga, 1971 (França)
INTÉRPRETES: Charles Aznavour, Robert Hossein, Michel Constantin, Raymond Pellegrin, Elsa Martinelli, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Sofilme
ESTREIA: Cinema Eden (10/3/72«)

TÍTULO: REVERENDO COLT (Reverendo Colt)
REALIZAÇÃO: Leon Klimowsky, 1970 (Itália-Espanha)
INTÉRPRETES: Guy Madison, Richard Harrison, Maria Martin, Perla Christiana, Marta Monterei, Pedro Sanchez, etc..
DISTRIBUIÇÃO: Rivus
ESTREIA: Cinema Olympia (13/3/72)

O cinema francês que não sabe o que há-de dizer, inventou sùbitamente o **policial**. Não que o tenha inventado de agora (a invenção é antiga e possui até uma tradição respeitável, com alguns nomes e títulos a reter). Mas **agora**, pelo menos, produz **em série**. Desde os veteranos que esgotaram a paciência e o saber para se abalançar a outros cometimentos até aos novatos que vêem no género uma porta aberta para a estreia. Toda a gente pega num qualquer romance policial e trata de o adaptar a imagens, imprimindo depois no celulóide. Celuloide de encomenda, com nomes de cartaz a investir capital, com receita de situações (perseguição de automóvel dá sempre, depois de **Bullit**) e sem o mínimo de qualidade, de talento, de imaginação...

Vejam-se mais dois exemplos: **O Golpe**, de Henry Verneuil, baseia-se num roubo de

esmeraldas praticado por um grupo de franceses em terra grega. Belmondo chefia o **gang**, enquanto (para mal dos seus pecados) Omar Shariff se coloca do lado da polícia helénica. O que, se nunca foi bom partido, presentemente é mesmo de azar. Por isso Belmondo lhe chama «asqueroso», bela tirada de um filme sem memória, e que se adapta não só ao polícia, como ao actor. Enfim, o termo é forte, mas Shariff é um desastre em qualquer lado, quanto mais a fazer de sádico. Pois nesta historieta de encomenda, cheia de coisas movimentadas e inúteis (todo o lado espectacular do filme é verdadeiramente lamentável, pois refere a mais completa falta de lógica que imaginar se pode, ou seja: nenhuma sequência de acção, perseguições, pancadaria, sadismo, etc., se encontra justificada ao nível de argumento; surgem, portanto, como necessidades criadas pelo **espectáculo** e resultam, pelo menos, ridículas) e de cenas de uma confrangedora monotonia, havendo apenas a salvar uma ideia curiosa: uma cena de bofetadas pregadas por Belmondo numa beldade grega e que têm como consequência o apagar e acender de um candeeiro comandado por vibrações sonoras. Tudo o resto não revela a mais pequena imaginação, o mais leve humor, a mais discreta inteligência.

(Le Casse estreou-se em Paris, em exclusividade em 19 cinemas. Na primeira semana: 207.000 espectadores. Nas primeiras nove semanas 730.000 espectadores. Estes os números! O filme está agora entre nós para se ver como é. Visto e pensado tudo isto são coisas que dão dor de cabeça ao mais bem intencionado dos mortais).

Segundo filme de série: **A Parte de Leão**, de Jean Larriaga. Para já, note-se a semelhança de processos. Ela é de tal ordem que, quem como nós viu os dois filmes no mesmo dia, não acredita que Robert Hossein, presente em A e B não tenha filmado de manhã um e á tarde o outro. A mesma gabardine, o mesmo ar, os mesmos carros, as mesmas perseguições (enfim, aqui um pouco mais justificadas, um pouco mais comedidas...) os mesmos ferimentos... As balas que saiem de Henry Verneuil vão aterrar no corpo do Hossein de Larriaga. Uma **escola.** Cheia de tiques, de cábulas, de efeitos especialmente estudados tendo em conta «o gosto do público». Aqui Aznavour é escritor, e de talento e resolve arquitectar um plano diabólico para roubar um banco. O prazer da aventura. Nada de vital. Um jogo. Hossein, amigo de infância, como um irmão, é o companheiro escolhido. O golpe resulta em cheio, mas o escritor, prémio Balzac, descai-se. Patinha, leva os **chuis** atrás.

De comum a **O Golpe** e a **A Parte de Leão** é ainda a retórica da escrita cinematográfica, a demagogia pleonástica dos diálogos (de uma literatice indesculpável), o enfatuado das situações... Enfim, polícias e ladrões! Recorda-nos um filme notável de Mocky **(O Inspector Original)**, onde um miúdo depois de ter assistido á descrição de um inquérito destes, acaba afirmando que quando for maior, não quer ser nem polícia nem ladrão. Quer ser uma pessoa honesta...

Para terminar: nós também não gostariamos de ser **cowboy** italo-espanhol. **O Reverendo Colt,** de Leon Klimowski, estreado esta semana no Olympia, também não anuncia nada de novo no Oeste **spagetti**. Mesmo tendo conta o inesperado do título. Só esperanças...

Robert Hossein, Belmondo e Nicole Calfan em «O Golpe»

A demissão do director do Teatro S.Luís

Após mês e meio de trabalho, quer dos actores, quer do encenador, período durante o qual se mantinha a dúvida no que respeitava à decisão final da Comissão de Censura, esta Comissão veio a proibir «em todo o continente e ilhas adjacentes» a peça « Mãe» de Witkiewicz, o que trouxe como consequência imediata o pedido de demissão do director teatral do S. Luiz, dr. Luis Francisco Rebelo.

«O programa apresentado para a primeira temporada do Teatro Municipal de S. Luiz previa um reportório composto por duas peças portuguesas e duas estrangeiras, sendo, em cada grupo, uma contemporânea, outra do século passado», disse Luis Francisco Rebelo aos representantes dos órgãos de Informação. E prosseguiu: **«A Mãe», de Witkiewicz, escrita em 1824 e só publicada e representada pela primeira vez depois da morte do seu autor (1939) é um texto fundamental do moderno Teatro, indispensável para uma perspectiva justa da sua evolução».**

Por sua vez, a Liga Portuguesa de Higiene Mental, na declaração emitida sobre a peça, afirma **«não ver inconveniente na sua exibição»** que **«não constituía perigo para a saúde mental»**, pois **«não incita às toxicomanias ou toxicofilias»** e, pelo contrário **«mostra de uma forma bem evidente os perigos dos abusos do alcóol e estupefacientes, que levam à mais profunda degradação da pessoa humana».**

Nesta conjuntura, o Teatro Municipal de Lisboa, assiste à demissão do seu director, que desempenhava essas funções desde Junho do ano passado, tendo proposto o programa para a presente temporada em fins de Julho. Depois de «A Salvação do Mundo», de José Régio, seguir-se-iam a peça agora proibida, «Figados de Tigre», de Gomes de Amorim, e «Platonov», de Tchekov.

Os acontecimentos precipitaram-se com o ensaio da peça perante toda a Comissão de Censura, no passado dia seis do corrente mês e com a chegada, no dia nove, da comunicação oficial da proibição.

Madrid e o Dia Mundial do Teatro

Realiza-se em todo o mundo, no próximo dia 23, o «Dia Mundial do Teatro» para o qual Maurice Béjart escreveu uma mensagem que começa com as seguintes palavras: — **O teatro é para mim uma forma de união.**

Na Espanha as celebrações estão a cargo de Joaquin Calvo Sotelo, presidente da secção espanhola do Instituto Internacional de Teatro.

Além da mensagem de Béjart que será lida em todos os teatros espanhóis pela primeira actriz ou pelo primeiro actor de cada companhia no início ou no intervalo dos espectáculos, haverá um ciclo de conferências e actos culturais relacionados com o teatro na sala «Goya» do círculo das belas artes. A entrada nesta manifestação é gratuita.

A maior parte dos teatros de Madrid e de Barcelona reduz de cinquenta a cem por cento o preço dos bilhetes, para que o maior número de pessoas possa assistir a espectáculos que de outro modo não teria oportunidade de ver.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

9.º CONCERTO

ÚLTIMA AUDIÇÃO

AMANHÃ
ÀS 16 H.

Grupo A — M/ 6 anos

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

MAESTRO
JOLY BRAGA SANTOS

SOLISTA
HELENA CLÁUDIO

PROGRAMA

L'APRÈS MIDI D'UN FAUNE
DEBUSSY

6 PEÇAS OP. 6
A. WEBERN

CANÇÕES DUM VIANDANTE
G. MAHLER (M. C.)

3 SONETOS DE CAMÕES
(1.ª audição mundial)
J. BRAGA SANTOS (M. C.)

4.ª SINFONIA
L. FREITAS BRANCO

BILHETES DESDE 12$50

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

VASCO MORGADO
APRESENTA
DE MOLIÈRE
Encenação de
ADOLFO MARSILLACH
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)

O TARTUFO

MODERNO E DIVERTIDÍSSIMO
com
Raul Solnado

E UMA GRANDE COMPANHIA: FERNANDO CURADO RIBEIRO, FERNANDA MONTEMOR, MÁRIO PEREIRA, MANUELA MARIA, JOÃO GUEDES, MARIA ALVIM, HENRIQUE VIANA, NORBERTO DE SOUSA, BEATRIZ VAZ, DAVID SILVA e MARIA DO CEU GUERRA no papel de «DORINA»

HOJE, às 21 h. e às 23 h.

TEATRO • tel 326037
VARIEDADES

VASCO MORGADO
APRESENTA
DE RAY COONEY
E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
7.º MÊS

Empresta-me o Teu Apartamento

Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
Encenação de VARELA SILVA
2.ª, 4.ª e 5.ª Feiras, 21.45 h.; 6.ª e sábados, 2 sessões: 20.45 e 23 h.
DOMINGO: à tarde, às 16 h.
4.ª Feira descanso da companhia

TEATRO
LAURA ALVES
TEL 84 4756

VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA
DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
4.º MÊS

Quem tem medo de Virginia Woolf?

Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUÍS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
2.ª, Feira descanso da companhia

50 % de desconto aos estudantes benefício da Fundação Gulbenkian

TEATRO
CAPITÓLIO
TEL 327493

GIUSEPPE BASTOS
e VASCO MORGADO
apresentam
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA POPULAR

com
JOSÉ VIANA — LÍGIA TELES
BARROSO LOPES — DORA LEAL
CARLOS MIGUEL — MARIANO FRANCO — DINA MARIA — EDUARDO VILAVERDE
e pela primeira vez no «compère»
CARLOS GONÇALVES

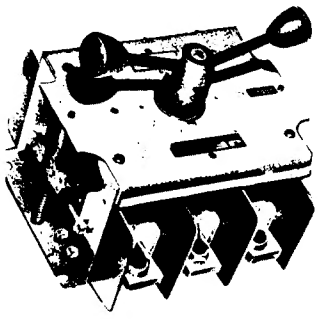
GRUPO D — M/ 18 ANOS

AOS DOMINGOS À TARDE
Às 16 HORAS

3.ª Feiras, descanso da companhia

INTERRUPTORES

PARALELOS



DE
100 A 3.200 AMPERES

JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & Cª,LDA

TEL. 654165 * LISBOA

Os complexos de Anouilh

«LES POISSONS ROUGES», de Jean Anouilh. Encenação de Jean Anouilh e Roland Pietri. Cenários e figurinos de Jean-Denis Malcels. Intérpretes: Jean-Pierre Marielle, Madeleine Foujane, Jacqueline Jehanneuf, Michel Galabru, Marifa Danset, Germaine Ledoyen, Gilberte Geniat, Françoise Hubert, Louise de Alva, Viviane Elbaz, Teddy Bilis, Marianne Pernety. Galas Karsenty-Herbert. Tivoli. 13/3/72.

O teatro de Anouilh e de Montherland é um produto de qualidade que os franceses exportam como exportam automóveis e moda. Não estranhemos, por isso, que as Galas Karsenty-Herbert nos tragam anualmente o seu Anouilh e o seu Montherland. Deste, já cá tivemos a peça da ordem, por sinal um dos seus melhores textos. O mesmo não poderei dizer deste Anouilh que não passa de um pretexto para o autor destilar os seus ódiozinhos pessoais, para libertar, à custa do espectador, os seus complexos.

«Les Poissons Rouges» põe em cena a personagem de um dramaturgo que é evidentemente um auto-retrato. A peça tem uma cena arrancada a «Vítor ou as Crianças no Poder», de Roger Vitrac: o dramaturgo aparece-nos vestido como uma criança dialogando com o fantasma da avó que o acusa de ter feito chichi no aquário de peixes vermelhos. A lembrança desta cena dos seus oito anos constitui o fio condutor das recordações da personagem que, por sua vez, formam a trama da peça.

Leva-nos a memória de Antoine de Saint-Flour (personagem de «Cher Antoine», peça anterior que também vimos num destes ciclos) a assistir a cenas em que o vemos com um condiscípulo que ao longo da vida foi, ao mesmo tempo, o seu maior amigo e o seu maior inimigo; com uma jovem actriz que transformou em amante e com o médico que a salva após uma tentativa de suicídio, o qual é ao mesmo tempo comunista e corcunda (características que o autor torna indissolúveis); com a mulher e com a sogra, e com as respectivas amigas, em que o autor tipifica as convenções pequeno-burgueses; com a filha, 15 anos, casada à pressa por causa de uma gravidez prematura; com o filho, oito anos convencionalmente contestatários como o pai na sua idade.

As cenas que se sucedem não passam, como disse, de mero e pobre pretexto para Anouilh atirar uma série de flechas vingativas contra os mais variados alvos, alguns dos quais lhe deveriam merecer mais consideração (mas ainda bem que não merecem) — desde o teatro de absurdo e Ionesco — que o autor parece invejar ao mesmo tempo que pisca o olho — até à crítica dramática em geral, e J. J. Gauthier em particular (coitado!) — que para Anouilh não passa da procura dos defeitos dos outros; desde a educação sexual a Sartre; da resistência francesa em particular ao «progressismo» em geral — Anouilh parece decididamente apostado em fazer um acto de fé reaccionário para não dizer fascista (o ar de brincadeira que adoptou não engana ninguém).

A este quadro ideológico corresponde uma forma dramática que embora pretenda armar ao modernaço não ultrapassa um nível primário e convencional. Dividida em quatro actos, esta peça é na realidade uma interminável sucessão de diálogos, doze longos diálogos entremeados por duas ou três cenas a que Anouilh conferiu certa estrutura cénica.

Situando-se entre o teatro de absurdo (bastante pianinho) e o teatro de «boulevard» (a que falta ta o mecanismo que o define) — «Les Poissons Rouges» não parece ter sido escrito pelo mesmo dramaturgo de «Antígona» e atesta, como outras peças anteriores, a aparentemente irremediável decadência de Anouilh.

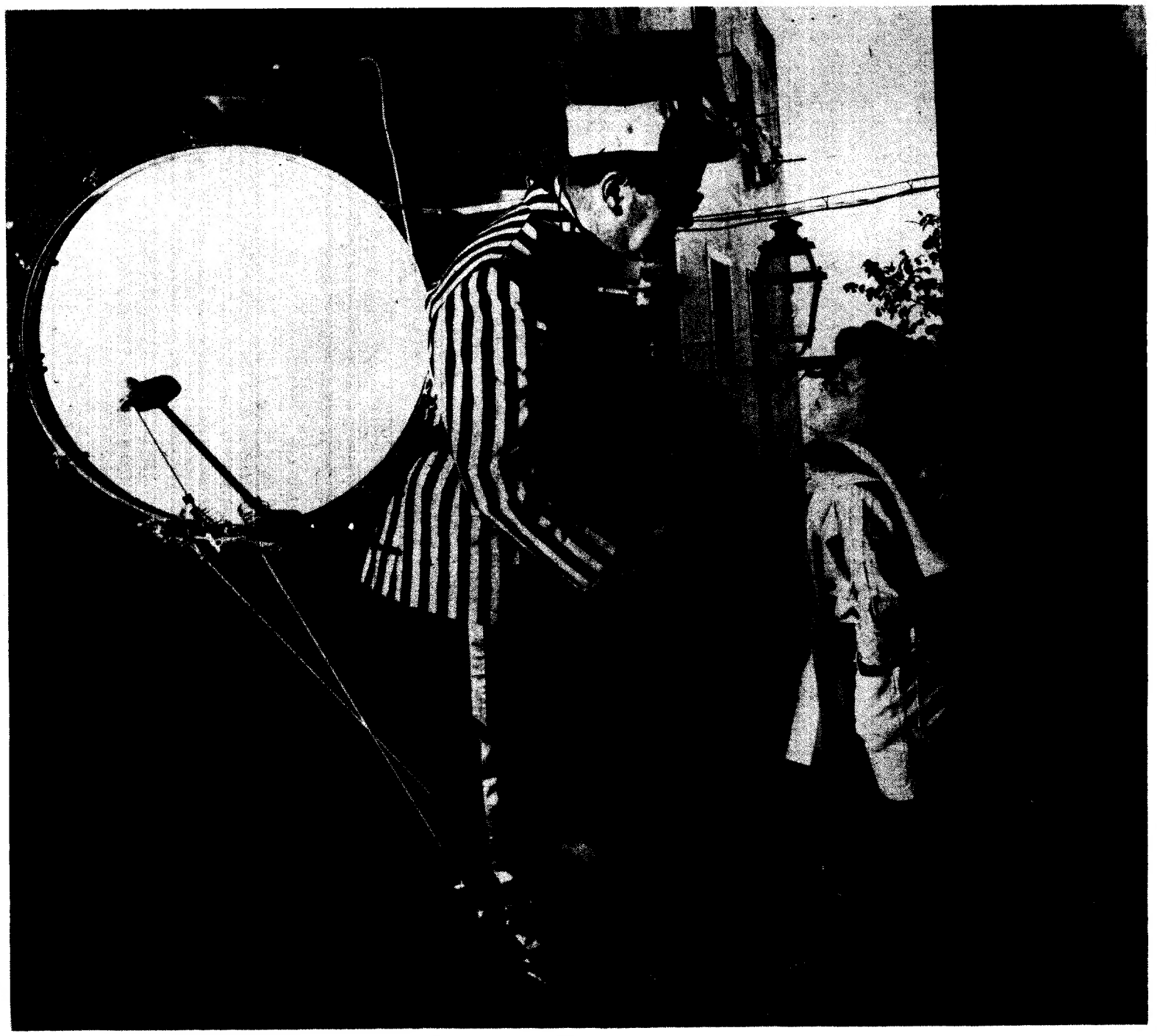
A crítica de hábitos e de uma mentalidade pequeno-burgueses patentes em duas ou três cenas da peça e os efeitos a puxar ao modernaço (uso de legendas luminosas que identificam històricamente a peça; personagens vivendo em épocas diferentes e interpretando simultâneamente a mesma cena), acabam por revelar a sua fragilidade intrínseca graças à debilidade e a mediocridade do contexto.

Não é difícil compreender o drama do dramaturgo. Ambicionando-se Shakespeare (fala tanto nele), Anouilh viu-se coagido a ser apenas o autor de uma classe, e de uma classe que prefere mil vezes Roussin ao dramaturgo inglês. E vemos assim um artista aplaudido, festejado, incensado pelas maiorias silenciosas (esta peça teve mais de 600 representações) a quem o próprio êxito torna azedo e rancoroso. A má consciência do artista que (se) traiu acaba por subverter os seus (falsos) valores e por destruir o seu talento.

O próprio Anouilh se encarregou da encenação (juntamente com o seu colaborador habitual: Roland Pietri). Mas não se pode falar em trabalho de encenação no sentido criador da palavra, único que interessa. Assistimos a uma leitura em que os actores se limitam a ilustrar o texto a partir de um comportamento cénico perfeitamente esteriotipado. Como o nível da interpretação nem sequer é excepcional, longe disso, o espectáculo não ultrapassa a barreira do banal, com dois ou três actores fazendo o seu número para a plateia de acordo com um conceito que ignora as capacidades de criação que o teatro (a sério) implica. Mais inteligente mas também mais chato, este teatro de qualidade (Anouilh é um nome) coloca-se ao fim e ao cabo, pela sua inteligência formal e pelas suas malandrices ideológicas, ao nível do teatro de «boulevard». Que um e outro venham de Paris parece-me significativo de um empalidecimento da ideia de uma certa França.

P.S. — A gerência do Tivoli entende que o crítico de teatro do «Diário de Lisboa»; e só do «Diário de Lisboa», tem tendências masoquistas. Destina-lhe, por isso, os piores lugares da plateia. Feitios...

Deixe os malabarismos ao Homem-Banda!



CINEVOZ 02-71

Este homem está preparado para reproduzir, sòzinho, os sons duma verdadeira orquestra. Os seus conhecimentos de música, sincronia de movimentos e pequenos segredos de que se serve, fazem deste homem o exemplo da versatilidade que o poder do cérebro humano comanda.

O copiador/duplicador Rank Xerox 3600 é o exemplo da versatilidade que o poder da Técnica põe à disposição da sua empresa.

A velocidade de 1 cópia por segundo (é o mais rápido do mundo), o copiador/duplicador Rank Xerox 3600 é especialmente rentável em empresas para as quais a informação escrita, rápida e fluida é uma necessidade constante.

Deixe os malabarismos ao Homem-Banda!

A versatilidade Rank Xerox* fundamenta-se na Técnica.

RANK XEROX

*RANK XEROX e XEROX são marcas registadas de Rank Xerox Limited

Filmes que Lisboa vai ver

No decurso da presente temporada de cinema vamos ter ainda um óptimo lote de películas, quer de cinema «fresquinho» quer de obras indispensáveis que, no devido tempo, não foi possível ver e preencher lacunas que estavam em aberto na cultura dos nossos cinéfilos.

Assim, ao nosso apetite, entre muitas outras, reservam-se-nos obras como estas, a exibir brevemente nos écrans alfacinhas:

«ATALANTE» de Jean Vigo (produção dos anos 30 e reputada como uma das boas obras da cinematografia mundial). Escreveu o célebre crítico Georges Sadoul: «**O Rimbaud do cinema, por uma obra demasiadamente breve, cheia de cólera e de amor, de lirismo e de verdade**». Declarou Astruc: «**Vigo foi, com Renoir, o único autor de filmes franceses do cinema de antes da guerra. Uma grande parte da «novelle vague» deve-lhe tudo...**»

«Provocações de Juventude», de Jean Eustache

«O Último a Rir...», de Alain Tanner

«O ÚLTIMO A RIR...» (Charles Mort ou Vif). Um filme de Alain Tanner. A obra mais representativa do novo cinema suiço. Um filme fascinante, denso e rico de implicações. Seleccionado para a semana da Crítica do Festival de Cannes de 1969. Prémio (por unanimidade) do Festival de Locarno pela «**clareza, rigor e verdade do tema**».

«PROVOCAÇÕES DA JUVENTUDE» curiosamente um filme duplo, ou seja com dois filmes de uma mesma temática em dois prismas diferentes dividido em « **Pai Natal de Olhos Azuis**» (Le pére Noel a Les Yeux Bleu) do realizador Jean Eustache e « **A Minha Amiga Pierrette**» (Mon Amie Pierrette) do realizador Jean-Pierre Lefebvre. Dois jovens autores, Jean Eustache da «nouvelle vague» francesa e Jean-Pierre Lefebvre do novo cinema canadiano, lançam sobre as experiências e as descobertas da juventude um olhar exigente, cúmplice e comovido. Um cinema moderno, responsável e actuante.

Em complemento: o documentário a cores «VIADUTO DE ALCÂNTARA», real. de Faria de Almeida e prod. de Telecine-Moro.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

CONCURSO

para a construção, apetrechamento e exploração de um restaurante na estação de PORTO (CAMPANHÃ)

Até às 16 horas do dia 5 de Abril de 1972, esta Companhia aceita propostas para a construção, apetrechamento e exploração de um restaurante na estação de Porto (Campanhã), com todas as despesas por conta dos interessados.

A anuidade mínima a oferecer pela exploração do restaurante é de 72 contos e cada concorrente efectuará prèviamente um depósito de 7200$00 em qualquer estação da Companhia.

As propostas, em carta fechada, deverão ser feitas com base no **Programa do Concurso** que os interessados poderão consultar nas estações e nos locais indicados em AVISO afixado nas principais estações, endereçando-as em seguida ao Serviço de Promoção do Tráfego da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses — Rua Vítor Cordon, 45, Lisboa-2. Na parte exterior do sobrescrito, a seguir a este endereço, deverá indicar-se o seguinte: «Proposta para a construção e exploração do restaurante da estação de Porto (Campanhã)».

DINHEIRO
EMPRESTA-SE
SOBRE PROPRIEDADES
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
RUA DO OURO, 292-1
(Esquina com o Rossio)
TELEFS.: 369 084 5 6

DL show

Informam de Lourenço Marques que a ante-estreia do novo filme de Manuel Guimarães, «Lotação Esgotada», efectuada anteontem no cinema «Estúdio» daquela cidade, obteve grande êxito junto do público e da crítica. «Lotação Esgotada», aguarda para muito em breve a sua estreia em Lisboa.

★

Os Estúdios Valentim de Carvalho gravaram ontem um disco de poesia com Vitorino Nemésio que será editado conjuntamente com o seu próximo volume de poemas numa colecção mista disco-livro.

★

O filme «O Criado» de Joseph Losey, recentemente exibido entre nós, será tema de um colóquio que Gonçalves Lavrador orientará, amanhã, pelas 21 e 30 na sede do Cine Clube do Porto.

★

Amanhã ás 21 e 45 realiza-se na sede do Orfeão de Matosinhos um sarau integrado nas comemorações do 55.º aniversário daquela colectividade.

★

Um interprete do tradicional fado de Coimbra, João Queiroz, é uma das atracções da «Fragata Real», todas as noites ao lado de Deolinda Rodrigues, Glória Maria e Natália dos Anjos.

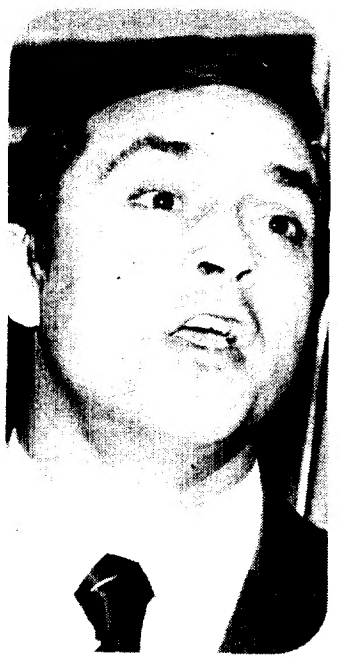
José Cid prepara-se para gravar mais um disco. Os estúdios de Valentim de Carvalho, em Paço d'Arcos, estão marcados para os primeiros dias da próxima semana.

★

Outro disco, outro género, outra casa editora: trata-se agora de um EP que foi lançado há dias no mercado pela etiqueta Alvorada, no qual o Conjunto Regional Duriense interpreta composições folclóricas como «Terras do Douro» e «Olhai para a Régua».

★

O Centro de Alegria no Trabalho «Teófilo Fontainhas Neto», de S. Bartolomeu de Messines leva á cena, no próximo sábado duas peças («Almas do Outro Mundo» e «A Calúnia»). Estará em palco o grupo cénico local.



João Queiroz

CINEMA NO MUNDO

NOVA YORK — O actor norte-americano Gary Grant intentou uma acção de danos no valor de três milhões de dólares contra a revista «Esquire» e um fabricante de vestuário cujo anúncio ele afirma tê-lo sujeitado a «humilhação e a ridículo público».

Grant afirma na acção não ter autorizado o anúncio na edição de Agosto do ano passado da revista, em que ele é apresentado a fazer propaganda de equipamento desportivo.

Na sua acção, Grant descreve-se como um homem «que mantém actualmente nos Estados Unidos e nos outros países uma reputação de estrela de grande dimensão e de apelo público».

«O anúncio dá a impressão que eu tive de recorrer à publicidade comercial, devido a circunstâncias económicas reduzidas e prementes» afirma o actor.

VIENA No concurso de cinema que terá lugar de 16 a 23 de Março em Viena estão representados vinte e dois países. O festival, que tem sido exclusivamente dedicado ao cinema humorístico, terá este ano a participação de filmes que reflectem problemas do nosso tempo, características dos países produtores.

Entre outras, serão projectadas as películas «Medeia», de Pasolini, «Amor de Leões», norte-americano, «As Troianas», de Cacoyanni, e «Rei Lear», de Kosingew, Pela primeira vez será apresentando em Viena um filme da China Popular, «O Destacamento Feminino Vermelho» estreado na China quando da viagem de Nixon a Pequim.

TUNES Jean-Paul Belmondo e Mia Farrow estão na Tunísia a filmar alguns exteriores da película «Le Piege à Loup».

Como noticiámos já é hoje, que no seu ciclo «Cinema de Aventura» o Império realiza o III Panorama do Cinema de Animação com produções da Bulgária, Canadá, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália, Jugoslávia e Portugal. No «foyer do 1.º balcão continua filme de animação realizada por Vasco Granja.

★

Informa-nos a Sociedade de Concertos de Lisboa que o próximo concerto de sua responsabilidade se realiza na próxima segunda feira, dia 20, ás 18 e 30 no Cinema Tivoli. Leonard Rose, considerado um dos maiores violoncelistas do mundo, será acompanhado ao piano por Karl Engel. Ambos interpretarão obras de Debussy, Bach, Schumann, Brahms e Chopin.

José Cid

MAIS DE 40 MIL VEÍCULOS PASSAM DIÁRIAMENTE NA AVENIDA PRINCIPAL

Em duas reuniões do Rotary Clube de Coimbra, presididas pelo sr. António Cordeiro, os srs. Francisco Falcato e José Garcia falaram, respectivamente, de «Aspectos humanos na actividade bancária» e de «Os caminhos do trânsito e as esperanças do costume».

O primeiro, referindo-se à actividade desses funcionários, disse, a certa altura, «que o bancário de vistas curtas, que, na melhor das hipóteses, não verá senão o lucro imediato da instituição para que trabalha, não servirá bem nem esta nem os seus clientes. A sua primeira preocupação deve ser produzir lucro para a instituição, mas criando e mantendo relações sólidas e estáveis com a clientela, a qual deve ficar com a certeza de ter usufruído do melhor serviço possível, o que implica interesse em encaminhar o cliente para a solução ou modalidade que lhe seja mais vantajosa. Afirmou, a concluir, que «a actividade bancária nunca produziu nos seus quadros, heróis nem mártires, mas é uma actividade onde, como em qualquer outra, o homem pode aspirar à sua realização.» Seguiu-se animado debate.

Ocupando-se dos prementes problemas do trânsito, o sr. José Garcia falou das estradas e dos caminhos que servem Coimbra, onde, como, aliás, nos arruamentos citadinos, o movimento de veículos se tornou em verdadeiro pandemónio, com engarrafamentos, saturação das rodovias e o lento escoamento do tráfego, o que disse melhor se avalia pela linguagem dos números. E, segundo as estatísticas, «no Mundo há, presentemente, cerca de 240 milhões de veículos motorizados, cabendo à Europa 58 milhões. Em Portugal existem cerca de 600.000 veículos.

«Nos mapas que reproduzem as vias de mais intenso tráfego - acrescentou -, verifica-se que Coimbra é uma região congestionada, não só por se encontrar na linha Norte-Sul como, também, por receber grande parte do tráfego das Beiras. Para o confirmar, basta saber que, numa contagem feita no ano passado, na Estação Velha, em dois meses, registou-se a passagem de uma média diária de 20.156 veículos. Mas essa contagem feita a meio da Avenida Fernão de Magalhães apresenta uma média superior a 40.000 veículos por dia.»

Acentuou as dificuldades dos gabinetes técnicos para fazerem uma planificação global, equilibrada, de modo a resolverem-se os problemas de trânsito em Coimbra, mas que nos restam esperanças, das quais algumas já se encaminham para solução, incluindo a auto-estrada Lisboa-Porto e a consequente ligação com a cidade, visto aquela moderna rodovia, ao que parece, ir passar longe da urbe.

ASSINADO UM CONTRATO ENTRE A CITROEN E DUAS EMPRESAS JUGOSLAVAS

Um contrato de investimentos em comum, acaba de ser assinado entre a Citroen e as empresas Jugoslavas Tomos e Iskra. Este contrato tem como efeito a constituição de uma sociedade mista franco jugoslava, a «Cimos» com uma participação de 51 por cento jugoslava e 49 por cento estrangeira.

A empresa mista «Cimos» assim formada tem dois objectivos fundamentais: 1.º Numa nova fábrica que será edificada em Nova Gorica, a «Cimos» produzirá viaturas Citroen 2 C.V., Ami-8 (Berline e Break), GS (Berline e Break) e montará os diferentes modelos DS nos ateliers especializados de Senozece, Buzet e Koper. 2.º a «Cimos» fabricará em maquinaria que a Citroen vai transferir para a Jugoslávia, peças necessárias à produção diária das fábricas Citroen em França.

Este programa representará para a Jugoslávia uma exportação anual de cerca de 90 milhões de francos franceses.

DL

COIMBRA

DOUTORAMENTO

Terminaram hoje, na Sala Grande dos Actos, com a apreciação e discussão da tese apresentada, as provas de doutoramento em Filologia Românica, pela Faculdade de Letras, prestadas pela dr.ª D.Ofélia Milheiro Caldas Paiva Monteiro.

DIA DO TURISTA

Os Serviços de Turismo da Câmara Municipal, trabalham na organização do «Dia do Turista». em 20 de Abril, de forma a proporcionar aos que, então, nos visitam recepção agradável.

FINALISTAS DE ENFERMAGEM

As finalistas dos cursos de enfermagem geral e de auxiliares de enfermagem da Escola de Enfermagem Raínha Isabel, da União Nolista, têm a sua festa de despedida amanhã, com o seguinte programa: às 16 horas, na Sé Velha, missa celebrada pelo vigário capitular, D.Alberto Cosme do Amaral; às 17 horas, no Instituto de Coimbra, sessão, presidida pelo director da Escola, prof. Bruno da Costa, no decorrer da qual serão entregues os diplomas às finalistas.

É assim que o 1604S curva. Com segurança!

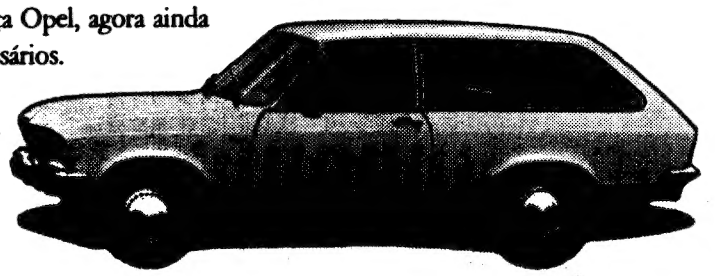
OPEL 1604S. Qualidade tradicional OPEL, conforto e luxo num carro familiar com a performance de um desportivo MANTA.

Potência – Os 92 cavalos do motor, que levam o Opel 1604S de 0 a 100 Km/h em 14 segundos e a uma velocidade máxima de 155 Km/h, transformam as ultrapassagens num hábito fácil e seguro. As suas viagens passam a ser os agradáveis momentos em que tira o máximo proveito do prazer de conduzir.

E, efectivamente, só conduzindo, se pode ter a exacta medida das vantagens da potência do Opel 1604S.

Segurança – A tradicional segurança Opel, agora ainda mais aperfeiçoada, para evitar riscos desnecessários.

O sistema «anti-dive» impede os movimentos bruscos para a frente, perigosos durante as travagens de emergência.



E, efectivamente, só conduzindo, se pode ter a exacta medida das vantagens da segurança do Opel 1604S.

Conforto – O interior do Opel 1604S, espaçoso para toda a família, oferece uma total liberdade de movimentos, acabando com o aborrecido entorpecimento das grandes viagens.

Toda a bagagem necessária aos 5 possíveis passageiros do Opel 1604S está no enorme compartimento de bagagens.

E, efectivamente, só experimentando, se pode ter a exacta medida do conforto do Opel 1604S. Pois experimente-o!

O concessionário Opel espera-o para o aconselhar.

Opel 1604 S. Uma satisfação que cresce a cada quilómetro.

Opel 1604S. Sempre mais carro pelo seu dinheiro.

MÉDICO PORTUGUÊS PRESO NA ZÂMBIA

LUSAKA, 17 (FPR) O Governo de Lusaka confirmou, ontem, que um médico do Exército Português e duas enfermeiras africanas, todos desaparecidos durante uma viagem de avião. há duas semanas, se encontram sãos e salvos na Zâmbia.

O capitão João da Cunha Ferreira e as ajudantes tinham desaparecido em 2 do corrente, quando efectuavam uma missão médica na região de Tete, no norte do Moçambique. Por razões desconhecidas, aterraram em território zambiano, O comunicado distribuído em Lusaka sobre o caso, não dá outros pormenores.

Mais tarde, o ministro Zambiano da Defesa, Grey Zulu, declarava que essas pessoas se encontravam presas.

Por outro lado, segundo notícias não confirmadas de Lusaka, parece que sobre Moçambique se perdeu uma equipa de voo de «pessoal clínico», sendo possível que o aparelho em que seguiam tivesse sido forçado a aterrar na Zâmbia.

Fogo no arquivo da Polícia

São de pouca importância os prejuízos causados pelo incêndio ocorrido, ontem à noite, na Divisão de Trânsito da P.S.P., na rua de Santa Marta. A actuação pronta e eficaz das 1.ª e 3.ª Companhias do B.S.B., dos quartéis da Avenida Defensores de Chaves e D. Carlos I e ainda dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses e da Ajuda, que ràpidamente dominaram o fogo, evitou estragos maiores.

Supõe-se que o sinistro teve origem numa fuga de gás, que se pegou a livros e papéis guardados num arquivo provisório, sito no corredor que dá acesso à secretaria, e ainda a uma parte da cobertura do referido arquivo.

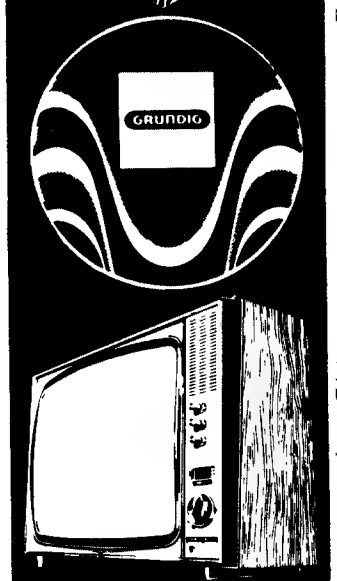
A poluição no Barreiro

Numa reunião , no Barreiro, com os representantes locais da Imprensa, a direcção das fábricas da CUF, a que preside o eng. Faria Santos, analisou o problema da poluição naquela vila, tendo anunciado as medidas tomadas para a sua extinção, nomeadamente a aquisição de um condensador de gases, que já entrou em funcionamento e o encerramento das actividades da fábrica de contacto .

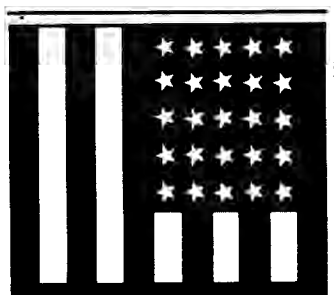
Se à MELHOR qualidade corresponde o MELHOR preço tenha V. também o MELHOR!

Tenha um

GRUNDIG



a qualidade...
...e a forma perfeita



«HAMBURGERS» AUTÊNTICOS NO ATRIUM !

Sim
temos «hamburgers»
a sério.
Tenros. Deliciosos.
Como os «made in U.S.A.».
E super-máquina que faz
1.000 «hamburgers»
numa hora!
No self-service,
no snack,
no mini-snack do Atrium
e mesmo
no Restaurante
prove
os nossos «hamburgers».
Únicos em Portugal.

ATRIVM
PARA VOS SERVIR

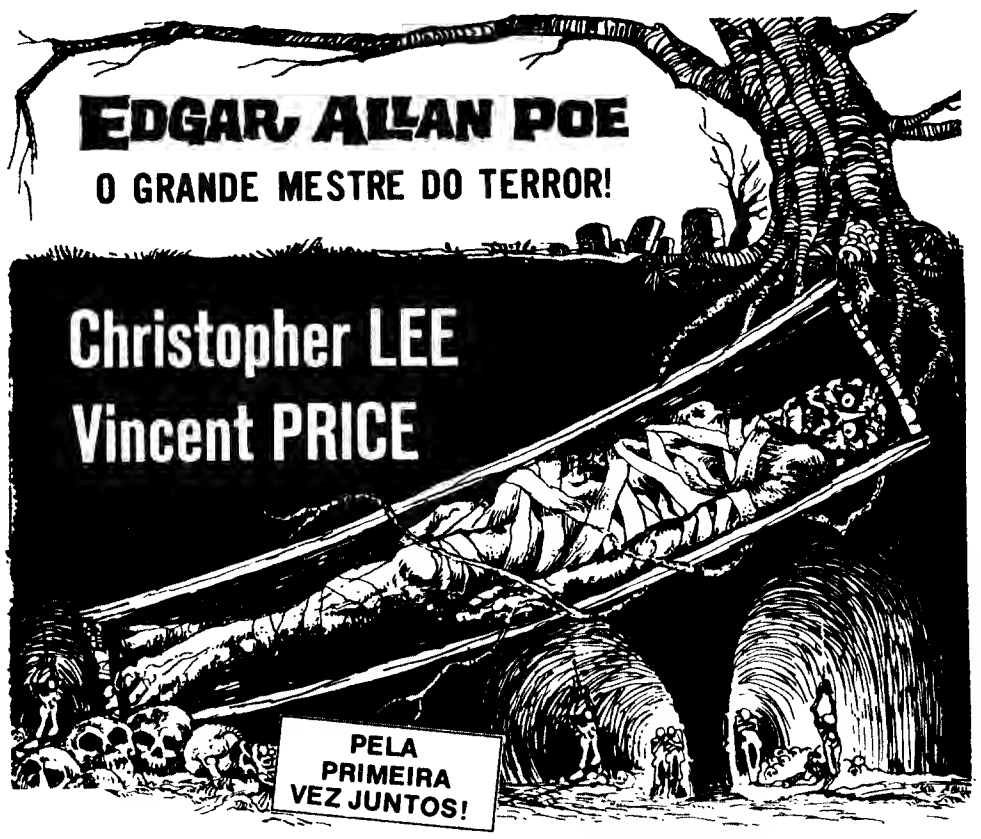
BANCO DO ALENTEJO
FUNDADO EM 1875
CAPITAL E RESERVAS 193.350.000$00

DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1971

A partir do próximo dia 20 de Março estará a pagamento na Sede em Evora, Filial de Lisboa e Agências, o dividendo de 8% referente ao exercício do ano de 1971.

Lisboa, 16 de Março de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



O CAIXÃO
Grupo D (18 anos)
Prod. Real. Gordon Hessler bas. na obra de EDGAR ALLAN POE
Arg. Lawrence Huntingdon – colorido

HOJE NO EDEN ÀS 21,45 ESTREIA

ANDARES
COM GARAGEM
ZONA DO AREEIRO
Rua Prof. Mira Fernandes, lote 1, 543
(Prolongamento da Av.ª João XXI)
Em prédio de luxo, habitações de 6 div. soalh., cozinha, roupeiros, despensa, marquise, hall, 3 casas de banho (sendo uma privativa de um quarto). PREÇO 950.000$00.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rua do Ouro,292 — Telef. 369384-5-6 — 328242-3 — 361756

notícia de LIVROS
TORQUATO DA LUZ

A POPULAÇÃO

Numa linguagem muito simples, acessível a toda a gente (trata-se de um livro de intenções didácticas), Alfred Sauvy escreveu «A População», volume publicado pela editora Livros do Brasil na sua colecção «LBL Enciclopédia». Trata-se de um trabalho que, nem por ser de divulgação, deixa de constituir um estudo atento.

Como se sabe, nos países europeus desenvolvidos continua o envelhecimento da população, que levanta problemas inéditos, até agora muito pouco estudos e que seria ingénuo considerar como independentes da explosão da juventude nos últimos anos. No Terceiro Mundo, pelo contrário, uma excessiva exuberância põe problemas de crescimento e às vezes de subsistência que comportam repercussões políticas.

Por outro lado, o número de demógrafos em todos os países é de uma extrema modéstia. Por muito lamentável e onerosa que seja esta lacuna, as suas consequências diluem-se ainda perante as de insuficiente divulgação dos factos reconhecidos e das leis estabelecidas.

O estudo de Alfred Sauvy, que aborda (em alguns casos com grande profundidade) os relativos à população, está dividido em três partes: exposição de métodos, dados de facto e investigação das causas e das consequências económicas e sociais dos fenómenos detectados. As duas primeiras partes são, como se depreende, de natureza descritiva, enquanto a última é doutrinal.

NOVELA

Joaquim Monteiro (Jorge) publicou a novela «Relógio do Tempo», Braga, 1971. Anteriormente, dera à estampa os volumes «Rumo a Cristo», «Devaneios sem distância» e «A Terra, o homem e o amor». Do autor disse A. Luís Vaz, no «Diário do Minho», que «domina a palavra, exprimindo estados de alma que têm a Natureza por paradigma».

Dois parágrafos da última página de «Relógio do Tempo:

«O dia, como que aporreado, deliquava-se exausto mas ainda com uns assomos de empafo.

A cidade, daí a nadinha, seria acariciada gulosamente pela noite que, soberba e frenética, a possuiria até às entranhas com requintes de macho garboso na sua pupulância nas artes de amar».

VERSOS

Cinco livros de versos: «Imagem Fulminante», por J. H. Santos Barros; «20 Poemas para a Vida», por Salvador Coutinho; «Emigrado - Poema de Amor à Terra», por Pereira Pinto; «Farrapos - Sonhos Reais», por António Nelson, e «Velhos Sonetos», por Lopes da Silva, este publicado no Rio de Janeiro.

A cada um deles, se tempo me restar quando tiver galgado a montanha de livros que se estende à minha frente, farei, talvez, mais pormenorizada referência. Que me desculpem os autores, mas por ora é impossível.

CARIMBOS COMEMORATIVOS DO BOEING 747-B

As estações Central Postal de Luanda e do Aeroporto Craveiro Lopes, na mesma cidade, de 20 do corrente a 20 de Abril, aporão em todas as correspondências que por elas transitarem, carimbos-flâmula especiais, para assinalar a utilização dos Boeing 747-B «Navigator Jets» na linha aérea Lisboa-Luanda-Lisboa, da TAP, a partir do dia 3. No dia 4, será também aposto um carimbo comemorativo do primeiro serviço, sendo o tema dos carimbos a silhueta do Boeing 747-B.

AS FÉRIAS Á PORTA

O seu corpo estará preparado para vestir o seu fato de banho ou vestidos próprios para a temporada? Num tempo «record» ele retomará o aspecto juvenil pelo mais moderno processo de emagrecimento: A GINÁSTICA ELECTRÓNICA. Tratamentos ao domicílio pelas nossas «visitadoras de beleza» especializadas. Marcações e inf. EURODINAMICA, LDA. T. 83 69 69.

BANCO
INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO

PROCESSOS SIMPLES
RAPIDEZ DE DECISÃO

REPORTAGEM

DE

JOSUÉ DA SILVA

OLIVENÇA de quem és tu?

A Espanha indigna-se com a teimosia dos ingleses sobre Gibraltar. Pede, exige, baseia-se em tratados considerando que os britânicos não têm mais o direito de ocupar o célebre rochedo, chave do Mediterrâneo.

Parece-nos, pois, que esta seria uma excelente altura para lembrar o caso de Olivença, terra portuguesa por direito, espanhola pela força das armas, cuja restituição está implícita no Tratado do Congresso de Viena de 1817, art.º 105, o qual nunca foi cumprido.

MARIA IDALINA: «Era bom, se os espanhois se lembrassem...»

Mas... que pensa disto o cidadão pacato, a braços com os seus problemas de renda de casa ou despreocupadamente sentado á mesa de um café?

«D.L» abre o inquérito ao povo de Lisboa. Seria possível fazer o mesmo ao povo de Olivença?

Olivença: antiga vila portuguesa, hoje cidade espanhola pela força das armas, ali mesmo encostadinha ao Alentejo, frente a Elvas. Nas suas pedras e monumentos sorve-se uma saudade bem lusitana e, no entanto, os mapas peninsulares mostram-na inserida na geografia de Espanha. A sua história, decerto por ser terra fronteiriça, está recheada de acontecimentos, alguns bastante penosos.

Pelo tratado de paz entre o rei D. Dinis e Fernando IV de Castela, para a fixação definitiva da linha de fronteira, assinado em Alcañides em 1297, o monarca castelhano cedeu ao **Lavrador** as povoações de Olivença, Ouguela, Campo Maior e S. Félix de Galegos, em troca de Aracena e Aroche que, embora pertencendo de direito a Portugal, estavam indevidamente na posse de Castela desde o tempo de Afonso X. Em 1298, D. Dinis deu-lhe foral idêntico ao de Elvas, mandando-lhe levantar as muralhas de praça forte. E praça forte teria de mostrar-se através dos tempos, pois a tranquilidade não seria, de modo nenhum, uma constante da sua existência. Durante a Guerra da Restauração, sofreria o assédio permanente do exército espanhol. O marquês de Leganés cercou-a em 1648, mas a vila defendeu-se com um denodo que despertou brados de admiração entre os seus inimigos. Leganés ver-se-ia obrigado a levantar arraiais, completamente descoroçoado. Mais feliz seria o duque de S. Germán, que em 1657 a investiu com uma poderosa força, muito superior em número e armamento às defesas da vila. Conseguiu tomá-la, de facto embora só depois duma batalha encarniçada em que os seus defensores se cobriram de glória.

A IDEIA FIXA DE D. MANUEL DE GODOY

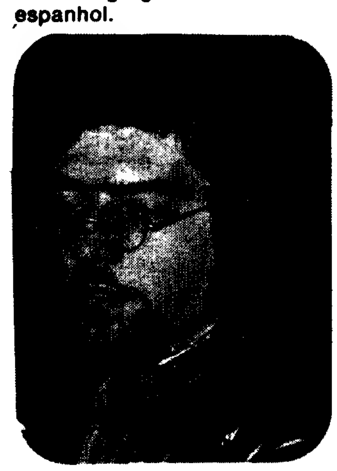
E assim caíu Olivença, pela primeira vez, em poder dos espanhóis. Por 11 anos, não mais. No tratado de paz de 1668. Olivença retornaria á coroa portuguesa com o inteiro aplauso do Governo espanhol de então. E passar-se-iam muitos anos, antes que a qualquer grande de Espanha se lhe extremasse a gula pela portuguesíssima vila raiana.

D. Manuel de Godoy era, aí por volta de 1800, homem de muita ambição e influência. Uma carreira vertiginosa levara-o de ajudante da companhia da raínha D. Maria Luisa de Parma, esposa de Carlos IV, a tenente-general, o posto mais alto do exército espanhol. Pois seria este homem quem cobiçaria Olivença, com tamanha pertinácia e arreganho, que a posse da praça portuguesa se lhe tornaria uma ideia fixa. Em 1801 vê chegada uma excelente ocasião de realizar o seu sonho: a Espanha, aliada à França de Bonaparte, declara guerra a Portugal. Os espanhóis juntam um exército de 34.000 homens e marcham sobre Olivença e Juromenha que se rendem. Estava consumada, até aos nossos dias, a ocupação duma parcela de território português.

UM TRATADO QUE NUNCA SE CUMPRIU

Quando a França napoleónica começou a declinar e, com ela, o poderio dos seus exércitos, os espanhóis, que haviam sido arrastados para a luta bem contra a vontade de muitos dos seus políticos, decidiram regressar de imediato à boa vizinhança com Portugal. A paz reina de novo na Europa e Fernando VII de Espanha adere ao acto final do Congresso de Viena, em 1817, durante o qual se firma um tratado cujo artigo 105.º fala do compromisso inadiável, que então toma o Governo espanhol, de restituir Olivença a Portugal. Esse tratado, porém, e especìficamente o artigo que se refere à restituição de Olivença, não iria além do papel.

Como a Espanha protelasse constantemente as condições do cumprimento a que se obrigara, o nosso Duque de Palmela resolveu usar todo o seu prestígio político para que a restituição de Olivença se fizesse sem perda de tempo e segundo as cláusulas do acordo de Viena. Entre 1823 e 1840, Palmela não descansaria nas suas (nossas) mais que legítimas exigências. Todo o esforço desse homem extraordinário seria, porém, baldado. Os compromissos políticos que algumas das maiores nações europeias haviam assumido então com a Espanha, levavam-nas a rejeitar tudo quanto pudesse desagradar ao Governo de Fernando VII. Deste modo, Olivença fica **definitivamente** agregada ao território espanhol.

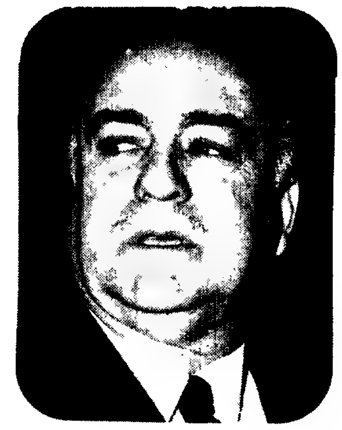


PAULO CASEL: «Se a população de Olivença se considera portuguesa...»

Mas agora os espanhóis resolveram, segundo direitos seus, levantar perante a Inglaterra, o problema da restituição do «peñon» de Gilbraltar. Decreto que legìtimamente. Pois nada mais sensato, para apoiar essa legitimidade, do que darem o exemplo restituindo Olivença a Portugal. Um momento bem oportuno para, com um gesto nobre e justo se dignificar ainda mais a amizade peninsular.

UM INQUÉRITO OPORTUNO

Há tanto tempo afastada da nossa comunidade política, Olivença está presente no espírito dos portugueses. Confirma-o este breve inquérito do «DL». Quase duas centenas de pessoas inquiridas numa rápida saída às ruas de Lisboa. Apenas trinta por cento, aproximadamente, responderam às perguntas, que formulámos desta maneira:



José Lopes: «Olivença fica na nossa perpétua recordação»

— Que pensa do caso de Olivença?

— Acha que o momento seria oportuno para reivindicar a sua restituição?

Desses trinta por cento, porém, só uns cinco por cento deram respostas concretas. Os vinte e cinco por cento, a deduzir deste número, mal sabiam o que era «o caso de Olivença». Os setenta por cento que se negaram a responder, apresentaram evasivas diversas. «Desculpe, eu de **políticas** não percebo nada». «Perdoe, mas estou com muita pressa». «Olivença? Não sei o que isso é». «Não quero responder».

Mas alguns dos nossos entrevistados estavam conscientes do problema.

Maria Idalina, estudante de matemáticas, 5.º ano: **«Pois se os espanhóis fazem tanto barulho em volta de Gibraltar, era hora de se lembrarem de nos restituir Olivença».**

Paulo Casel, estudante, 1.º ano de medicina: **«A propósito do problema de Olivença, considero que me encontro muito mal informado. No entanto, acho que, se a população de Olivença se considera ainda portuguesa, os espanhóis deviam dar-lhe oportunidade de fazerem parte da nossa comunidade, tanto mais que eles têm para resolver um problema em certos aspectos idêntico: o de Gibraltar».**

José Vasco Lopes, desenhador: **«Numa reflexão consciente temos de considerar que Olivença foi e é terra portuguesa. Houve um tratado: devia-nos ter sido restituída e isto ainda não aconteceu. Instintivamente podemos pensar no caso de Gibraltar e estabelecer um paralelo. Sentimos então toda a validade da nossa razão. Olivença não fica na rota do Cabo. Mas, tal como a Índia, fica na nossa perpétua recordação.»**

J. Dinis, funcionário aposentado: **Suponho que, dadas as nossas boas relações com a Espanha, o momento não é nada oportuno para tais reinvindicações, embora as considere legítimas.»**

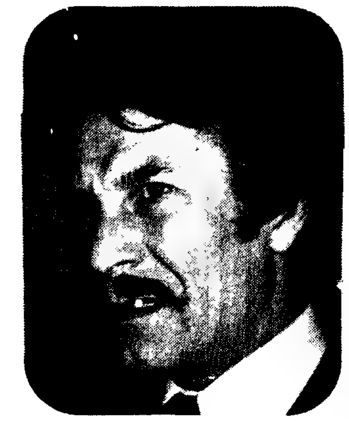
Manuel de Oliveira, atleta do «Sporting Clube Portugal»:

«Olivença? Por quanto sei dela, é bem portuguesa. Porque não hão-de os espanhóis restituí-la?»

Adalberto Videira, empregado de escritório. **«Eu vejo na questão de Gibraltar e de Olivença um perfeito paralelismo. Como tal, penso que se os espanhóis têm toda a razão moral e de direito para exigirem a entrega do Penedo, também nós nos encontramos na mesma situação ao pedirmos a restituição de Olivença.»**

O popular Carlos dos jornais, respondeu-nos com uma quadra repentista: **«Estive algum tempo a pensar/ Sobre esta mágoa imensa/ Que seja vosso Gibraltar/ Mas seja nossa Olivença.»**

Dinis Carvalho da Rosa, vendedor técnico: **«Bom, eu sinto profundamente o drama de Olivença. Já vê... sou alentejano,**



MANUEL de OLIVEIRA: «Olivença é bem portuguesa.»

de Elvas. Daí que a minha resposta só pode ser uma: Olivença a quem de direito, ou seja, aos portugueses.»

João de Deus, aluno da Escola Náutica, 2.º ano: **«Penso que a Espanha tem na sua frente o melhor momento para demonstrar toda a amizade que alimenta por nós, restituindo-nos Olivença. Tanto mais que há um tratado e os tratados devem cumprir-se.»**

Isto é o que pensam os portugueses sobre o caso de Olivença.

Fim de tar
Em S. Ben

Terminou, na Ass
de 77 deputados, a
urbanização e habitaç
de duas dúzias de pa
o assunto. O resultado
se sabia, a aprovação
ao Governo a necess
o problema. Como s
o recomeço da discuss
nização judiciária. Foi
e significativa da sess

No período antes
que, do Cabido da Sé
a propósito de uma int
e Silva. Neste períoc
venções, do deputado
do Governador Geral
do parlamentar Correia
económica e emissão d

Encerrando o deb
o deputado Alberto Al
«Saibamos todos e ca
mente, ao refazer da p
pando-se às migraçõe
marginalização das po
ou, pior ainda, em «ba
niço», nesta passagem
rural tradicional a uma
mente industrial e dos
na. Mas, não de uma qu

Depois de agrade
o orador mandou par
deputados, uma moção
reconhece: «a import
para o bem-estar, saúd
a falta de planos de urb
zados e integrados; a c
e localização desejadas
gos da habitação sobre
carem-se preços altam
livre da habitação. A m
que a integração dos
fra-estruturas, habitaçã
neamento económico-s
tório; a conveniência d
ta a execução da polí
actividades dos difere
níveis central, regional
rações político-adminis
mais acelerada expans
de um mercado condici
e a revisão do regime ju

A moção foi aprova

Entrando-se na se
falou da tribuna o depu

— AJUSTAGEM
— CARPINTARIA DE COFRAGENS E ARMADURAS
— CARPINTARIA DE MOLDES
— COMPOSIÇÃO MECÂNICA
— DESENHO DE MÁQUINAS
— ELECTRICIDADE-AUTO
— ELECTRICIDADE B. T.
— FRESAGEM
— MARCENARIA
— MECÂNICA-AUTO
— PINTURA METALÚRGICA E DE AUTOMÓVEIS
— REPARAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
— SERRALHARIA CIVIL
— SOLDADURA OXI-ACETILÉNICA

— Se tem bons conhecimentos da sua profissão
— Se gosta de ensinar
— Se quer iniciar uma carreira atraente

O Serviço de Formação Profissional tem para si um lugar de *Monitor*.

Para um total esclarecimento das condições de admissão, natureza da actividade, programa de concurso, vencimentos, etc., contacte até ao próximo dia *22 de Março* qualquer dos Centros das Divisões Regionais do Serviço Nacional de Emprego espalhados pelo País.

ESCRITURÁRIOS-DACTILÓGRAFOS

Se tem bons conhecimentos da sua profissão

Se gosta de ensinar

Se quer iniciar uma carreira atraente

O SERVIÇO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL tem para si um lugar de MONITOR.

Para um total esclarecimento das condições de admissão, natureza da actividade, programa de concurso, vencimentos, etc., contacte até ao próximo dia **22 de Março** qualquer dos Centros das Divisões Regionais do Serviço Nacional de Emprego espalhados pelo País.

SEMANA SANTA em SEVILHA
terminando com PÁSCOA em MADRID
Hotéis de LUXO em SEVILHA e GRANADA e 1.º Superior em Madrid
2 partidas em autopullman de luxo: 27 e 29/3 - Preço 3.980$00
abreu
PORTO - Av. Aliados, 207 - Telef. 37921
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Telef. 320021
COIMBRA - Rua da Sofia, 2 - Telef. 27011

a Assembleia Nacional, com a presença s, a discussão do aviso prévio sobre bitação. Durante duas semanas, cerca de parlamentares debruçaram-se sobre ltado desta maratona oratória foi, como vação de uma moção, que recomenda cessidade de enfrentar, com eficácia, no segunda parte da ordem do dia, scussão da proposta de lei sobre orga-. Foi esta, de resto, a parte mais viva sessão de ontem.

ntes da ordem do dia, a Mesa anunciou a Sé do Porto, foi recebida uma carta ma intervenção do deputado Roboredo período houve, também, duas inter-utado Ribeiro Veloso, sobre as visitas Geral de Moçambique à província, e orreia das Neves, àcerca da expansão são de títulos.

o debate àcerca do seu aviso prévio, to Alarcão declarou em certa altura: e cada um de nós ajudar, construtiva- da panorâmica urbana e rural, antecipações para os grandes centros e à as populações em novas Brandoa (s) «bairros de lata» e «cidades de casagem de uma civilização agrária e uma sociedade que se deseja igual- dos serviços, consequentemente urba-ma qualquer urbanização...»

gradecer à colaboração dos colegas, para a mesa, assinada por catorze moção em que a Assembleia Nacional portância fundamental da habitação saúde e educação do povo português; e urbanização suficientemente actuali-; a carência de habitações em número ojadas; a elevada incidência dos encar-sobre os orçamentos familiares e prati-altamente especulativos no mercado . A moção recomenda que se intensifi-dos programas de execução de in-itação e equipamentos sociais no pla-ico-social e no ordenamento do terri-cia de um orgão específico que garan-política habitacional e coordene as diferentes serviços e entidades, aos ional e local; a vantagem de reestrutu-ministrativas do território em áreas de xpansão urbanística; o fortalecimento ndicionado e orientado da habitação: me jurídico do inquilinato.

provada por unanimidade.

na segunda parte da ordem do dia, deputado Sá Carneiro, para reafirmar as suas posições, concretizadas nas bases novas e emendas que propôs ao texto da proposta de lei sobre organização judiciária. Começou por lamentar que a Câmara Corporativa, baseada numa «etiqueta de urgência», se não tenha debruçado sobre as propostas e se tenha recusado a dar um parecer, como lhe tinha sido pedido. Mesmo que fosse para rejeitar, como lembrara no seu voto de vencido o prof. Palma Carlos.

Segundo o seu ponto de vista, a Câmara Corporativa teve um projecto para discutir e dar parecer, podendo dispor do prazo necessário. «Não podia proceder como procedeu», acentuou, pois ele, deputado, estava a agir de acordo com a sua competência.

A uma dúvida levantada pelo «leader», o dr. Sá Carneiro leu a passagem do texto da Câmara Corporativa que justifica os seus pontos de vista. E após uma interrupção logo anulada de outro deputado (dr. Cunha Araújo), o orador continuou para afirmar que à Assembleia competia prosseguir na discussão da proposta de lei, procurando, anular as suas lacunas.

O dr. Almeida Cotta voltou a interromper, para sugerir que lhe parecia que o dr. Sá Carneiro poderia transformar as suas propostas num projecto de lei. Talvez assim se conciliassem as opiniões.

O deputado Sá Carneiro relembrou o sentido das alterações que propôs: melhorar a proposta, tanto no que diz respeito aos juizos de instrução, como nos outros aspectos da organização judiciária. Era essa a sua posição.

— «Mas não a pode impôr», disse o «leader», dr. Almeida Cotta.

— «Nem quero. Discutir e votar propostas não é impor opiniões», respondeu o dr. Sá Carneiro.

O deputado João Manuel Alves relator da comissão de Política e Administração Local, defendeu um outro ponto de vista, o de que as propostas em causa alteravam os dispositivos da proposta de lei do Governo, e portanto «não admissível».

Este assunto provocou vivo diálogo entre o orador e o dr. Sá Carneiro. O dr. Manuel Alves solicitou uma questão prévia, a de ser votada a rejeição ou admissão para a discussão na especialidade das alterações propostas pelo deputado Sá Carneiro, bases novas com os números 7 a 14.

O deputado Sá Carneiro evoca o Regimento para pôr em causa a viabilidade de tal questão prévia. O dr. Teixeira Canedo pediu a opinião da Mesa.

O presidente, depois de citar vários artigos do Regimento, afirmou que a Mesa vai ler a questão prévia e pô-la à votação. E apesar de outras interrupções, assim se fez.

O deputado Sá Carneiro requereu a votação nominal. Votaram contra a questão prévia vinte deputados, e sessenta e cinco a favor da não admissão para a discussão na especialidade das bases novas propostas pelo dr. Sá Carneiro. Como era de esperar, aliás.

O presidente, antes de encerrar a sessão, anunciou a constituição de uma comissão eventual para estudo da Lei Orgânica do Ultramar.

Hoje termina a discussão da organização judiciária e começa a discussão da proposta de lei sobre Fomento Industrial.

Respeitem-se os direitos da experiência didáctica

Pedem professores primários ao Ministro da Educação

Quase quatro dezenas de professores primários que frequentam cursos superiores na Universidade de Lisboa, endereçaram ao ministro da Educação Nacional a seguinte exposição:

«As coordenadas pedagógicas e psicológicas do Ensino Primário são comuns a qualquer grau de ensino. A actividade docente, toda ela é um contínuo diálogo dos alunos com a realidade, uma constante descoberta em que a emoção e a razão estão, devem estar, constantemente em jogo. Cada uma destas realidades psicológicas desempenha o seu papel certo e seguro, num ensino em que o aluno terá de ser criador, voluntário e emocionalmente mergulhado na recriação pessoal da realidade.

Em qualquer grau de ensino é a mesma a acção do professor: instalar um pedaço de vida e vivê-la com os alunos, sentindo-a primeiro, compreendendo-a depois.

APELO À RACIONALIDADE

«Emoção e racionalidade são, pois, os dois aspectos de uma mesma realidade psicológica, que a pedagogia impõe em qualquer grau de ensino. Nas classes mais avançadas o apelo à racionalidade poderá ser mais imediato, mas mesmo aí é condição, **sine qua non** que a experiência e a arte do professor saibam respeitar a personalidade e liberdade do aluno, criando as situações a que ele adira pelo sentir, imediatamente, e explique pela razão, posteriormente. No ensino primário o papel da emoção sobrepõe-se ao da racionalidade: a adesão afectiva do aluno terá de ser total, a racionalidade é uma conquista diária.

O professor do ensino primário não necessita de uma especialização profunda num determinado ramo científico. As noções teóricas que ministra são elementares para a mentalidade de um adulto mas, pelo menos, tão complexas, para o grau de desenvolvimento mental de uma criança, como o são as noções científicas ministradas noutros graus de ensino e para outras idades. A formação psicopedagógica do professor, essa terá de ser profunda em qualquer grau de ensino (talvez mais ainda para o professor do ensino primário). O que está em jogo é o desenvolvimento mental dos alunos, a criação neles da racionalidade (curiosidade científica e humana, sentido crítico, capacidade de equacionar e resolver problemas) e a busca do equilíbrio emocional pela adesão afectiva e voluntária ao trabalho criador a que são chamados.

É esta experiência teórica e prática, o que o professor do ensino primário, que transita a outro grau de ensino, consigo leva.»

PRIORIDADES A CONSIDERAR

«Faltam-lhe sòmente os conhecimentos práticos da didáctica que o novo ensino lhe exige, mas até sob este aspecto a experiência que adquiriu (a preparar lições, a elaborar planos, a procurar material didáctico, comprando-o ou executando-o por suas mãos) será factor determinante para um perfeito desempenho das suas novas tarefas educativas.

Por estas razões, os abaixo assinados pedem a V. Exa. se digne ter em atenção o que passam a expôr:

— Considerando as modificações estruturais por que está, presentemente, passando o ensino em Portugal, nomeadamente no que concerne ao estado dos corpos docentes;

— Considerando que está legalmente determinado que os professores do ensino primário possam leccionar no Ciclo Preparatório;

— Considerando que a formação pedagógica e a experiência docente do professor primário em nada lhe valorizam o seu «curriculum» profissional, quando em consequência de habilitação académica legal, passam a leccionar noutro grau de ensino;

Permitem-se sugerir:

1 — Que o tempo de serviço prestado no ensino primário oficial seja considerado em qualquer grau de ensino, para onde o professor transite, para efeitos de: a) qualificação de serviço; b) contagem para diuturnidades; c) possibilidade de requerer a categoria de professor extraordinário; d) preferência para admissão ao estágio, em igualdade de circunstâncias; e) prestação de provas de exame de Estado; f) preferência, em igualdade de circunstâncias, para colocação.

2 — Que seja dada preferência aos professores do ensino primário na regência das cadeiras das escolas do Magistério Primário para que possuem habilitação legal.»

RECOMEÇOU A CONFERÊNCIA DE PARIS

PARIS, 16 — (F. P.) — A Conferência de Paris para o Vietnam retomou ontem os seus trabalhos após uma suspensão de mais de um mês (se se exceptuar uma reunião de 17 minutos em 24 de Fevereiro). A sessão deu lugar a nova polémica à volta dos bombardeamentos americanos e da questão dos prisioneiros, sem que se notasse o menor indício de mudança nas respectivas posições. De notar, apenas, a ausência do chefe da delegação norte-vietnamiana, o ministro Xuan Thuy, que se encontra enfermo.

O embaixador William Porter (Estados Unidos) advertiu Hanoi e o G. R. P. de que estão a provocar a justa indignação do povo americano com a sua maneira de tratar os prisioneiros da guerra. Seguidamente, leu a proclamação do presidente Nixon que institui uma «semana do prisioneiro» de 26 de Março a 1 de Abril.

O delegado americano e o embaixador Pham Dang Lam (Saigão) salientaram por outro lado as vantagens do plano em oito pontos dos presidentes Nixon e Nguyen Van Thieu. Na sua intervenção, Lam convidou Hanoi e o G. R. P. a seguirem o exemplo dos Estados Unidos e da China Popular que procuram resolver os seus diferendos apesar das divergências dos sistemas. Sem nunca proferir a palavra «neutralidade» o delegado sul-vietnamiano apoiou a proposta do presidente Van Thieu no sentido duma conferência com vista a criar «uma zona de paz e de estabilidade» no sueste asiático.

Os representantes de Hanoi e do G. R. P., Nguyen Ming Vy e Nguyen Van Thieu pela sua parte, protestaram contra os bombardeamentos americanos no Vietnam do Norte e do Sul e contra a intensificação da guerra geral. Ambos acusaram, por outro lado, os Estados Unidos de «sabotarem a Conferência de Paris» ao anularem várias sessões consecutivas.

CONJUNTO LONDRES
NO MELHOR LOCAL A MELHOR QUALIDADE
Quem quiser vai ao CINEMA LONDRES
Quem quiser vai ao Snack Bar LONDRES
PUB Quem quiser vai ao The Flag LONDRES
AVENIDA DE ROMA, 7-A

Conheça o Brasil
Extraordinário cruzeiro no «INFANTE D. HENRIQUE»
21 de Agosto a 18 de Setembro
DESDE 11.800$00
Facilidades de pagamento
Programas e inscrições
WAGONS LITS // COOK
Av. da Liberdade, 103 — Telefs. 36 15 21-3 32 39
Av. de Roma, 4-6 — Telefs. 72 26 39-72 26 54
R. Rodrigo da Fonseca, 86 — Telef. 68 06 32
PORTO ● COIMBRA ● ESTORIL ● FUNCHAL ● LUANDA ● L. MARQUES

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.
GRANDE OURIVERSARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O Mundo das Plantas
O MARAVILHOSO MUNDO VEGETAL COLOCADO AGORA AO ALCANCE DE TODOS
Textos classificados pela Biblioteca Internacional de Munique como os mais indicados para a juventude
Profusa ilustração a cores

8 VOLUMES — PUBLICAÇÃO MENSAL
PREÇO 60$00
VERBO JUVENIL
À VENDA O 4.º VOLUME

O mundo

FUNDO ANTIPIRATA

As cinco maiores companhias aéreas dos Estados Unidos - United Air Lines, TWA, American Lines, Pan Am e Eastern Air Lines - criaram um fundo de 250 mil dólares (cerca de 6 700 contos), destinado a recompensar as pessoas que forneçam elementos que possam fazer malograr tentativas de pirataria aérea. Este fundo será administrado pela Associação de Transportes Aéreos dos Estados Unidos e a iniciativa entra em vigor após a sua aprovação pela repartição da Aeronáutica Civil.

DEMISSÃO NO «NEW STATESMAN» - Richard Crossman, antigo ministro trabalhista, anunciou a sua demissão de chefe de redacção do semanário britânico «New Statesman», de tendência socialista. A atitude de C r o ssman deve-se à decisão do conselho de administração e do jornal de «consagrar menos artigos à política do **Labour** substituindo-os por análises mais profundas dos problemas de política interna». Crossman desempenhava as suas funções desde 1970.

PALACETE PARA PERON — Os peronistas vão oferecer ao seu dirigente Juan Peron um sumptuoso palacete de 830 mil pesos (cerca de 4500 contos), para residir com a sua terceira mulher. Isabelita, logo que chegue, á Argentina. O luxuoso palacete fica a 800 metros da residência presidencial de Olivos, a 15 quilómetros da capital e, por rara coincidência, foi mandado construir pelo general Carlos Von Der Becke que, em 1955, presidiu ao tribunal que julgou Peron tirando-lhe a patente e proibindo-lhe o uso do uniforme.

CAÍU STARFIGHTER NÚMERO 151 — A força Aérea da Alemanha Ocidental perdeu ontem o seu 151.º jacto Starfighter, desde que tais aviões, projectados pelos americanos, entraram ao serviço da aviação federal, há mais de 10 anos. Um porta-voz do Ministério da Defesa de Bonn informou que o aparelho se despenhou perto da sua base, em Memmingen, próximo de Ulm, mas que o piloto se fez ejectar a tempo do seu lugar, conseguindo sair ileso do acidente.

POSSÍVEL RETIRADA DE TROPAS DA EUROPA — Os departamentos de Estado e da Defesa estão a estudar a possibilidade de tirar alguns milhares de homens aos efectivos das forças terrestres americanas na Europa. Dai não adviria nenhuma redução dos efectivos de combate que poderiam, pelo contrário aumentar se algumas das unidades de apoio logístico retiradas da Europa fossem substituidas por tropas de combate. Dos 310 mil militares americanos estacionados na Europa, 195 mil pertencem ao exército de terra.

Morte de Feltrinelli: Emoção em Itália

Continuação da primeira pagina

Por seu turno, outro adjunto do procurador distrital, António Bevere, daclarou que a identificação «foi parcial, deixando algumas dúvidas, as quais, contudo, podem ser fàcilmente verificadas».

Para os movimentos da extrema esquerda, nomeadamente para o Movimento Estudantil Milanês, e para os anarquistas não há dúvida de que Feltrinelli foi assassinado. Foram já publicados diversos comunicados denunciando a «criminosa provocação» da direita.

O jornal «Unita», orgão do Partido Comunista, exige que seja imediatamente esclarecido este mistério e obscuro caso».

Nos círculos italianos há certa repugnância em aceitar que o editor tivesse intenção de sabotar a linha de alta tensão, pondo em relevo alguns factores como:

Apesar da violência da explosão que lhe despedaçou o corpo o rosto ficou intacto.

Um homem diz ter visto na camioneta encontrada perto do local do drama, três pessoas, entre as quais uma mulher.

Os familiares do editor são unânimes em afirmar que ele era um homem pacífico e incapaz de cometer tal sabotagem.

OPERAÃO POLICIAL CONTRA OS EXTREMISTAS

Entretanto, a Polícia italiana lançou uma operação à escala nacional contra os extremistas das esquerdas.

A Polícia fez rusgas em muitas casas e escriturários de pessoas consideradas extremistas, em várias cidades. Um magistrado passou 150 mandatos de captura, só em Roma, e a agência noticiosa ANSA informou que agentes de contra-espionagem participam nas investigações.

As autoridades não revelaram o objectivo desta operação, mas deram a entender que está relacionada com o caso Feltrinelli.

O corpo mutilado identificado como sendo o do editor de «Dr. Jivago» - amigo pessoal de Fidel Castro. Foi encontrado na quarta-feira junto de uma central de alta tensão, rodeado por 43 cargas de dinamite por explodir.

A Polícia declarou que deve ter morrido numa explosão acidental quando tentava fazer explodir a central, que fornece a maior parte da electricidade para o metropolitano de Milão, para os carros eléctricos e para a iluminação pública.

Feltrinelli era procurado pela Polícia à 27 meses por causa de uma série de deflagrações de bombas em Milão. O seu paradeiro foi objecto de muitas especulações, afirmando-se entre outros países que ele se encontrava na Áustria, na Coreia do Sul e no Canadá.

Protesto em Paris que só durou um dia

PARIS, 17 (FP) Só durou um dia o grande arraial improvisado das Belas Artes nos Jardins do Luxemburgo, pois o Senado, responsável pela administração dos parques da capital, decidiu, depois da «festa» organizada pelos alunos da escola, mandar fechar os portões do célebre ponto de reunião dos velhotes e das mães de família com as suas proles.

Os alunos das Belas Artes, para protestarem contra o encerramento há três dias da secção de Arquitectura, decidiram ante-ontem protestar à sua maneira, ocupando os jardins.

Depois de uma tarde de regabofe, com banda e banhos nos lagos, os estudantes decidiram assar carneiros nos relvados, organizando um gigantesco «mechui» árabe.

As piores inundações do Peru

LIMA, 17 _ (R) _ Subiu ontem para 60 o número de mortos, segundo números não oficiais, das piores inundações e aluimentos de terras de que há memória na História do Perú

As inundações, provocadas por um mês de chuvas diluvianas, flagelaram mais de 150 localidades peruanas em várias partes do país e deixaram sem lar cerca de 250 000 pessoas.

O desastre ampliou-se ainda mais nas últimas 24 horas, segundo anunciaram as autoridades. Algumas comunidades remotas continuam ainda isoladas por completo, desconhecendo-se a sorte dos seus habitantes. tes.

Ao mesmo tempo que o Governo classificou de zonas de emergência determinadas partes mais devastadas, boletins meteorológicos anunciaram que o Norte do país voltou de novo a ser fustigado por copiosas chuvadas desde anteontem, havendo notícias que em certas localidades a chuva caiu constantemente durante 12 horas.

AMERICANOS CONDENADOS NA ALEMANHA

ANSBACH, (Alemanha Ocidental), 17 (ANI) — Um tribunal bávaro condenou dois soldados norte-americanos a prisão, por crimes que incluem a morte de um dono de uma hospedaria de Ansbach.

O tribunal concluiu que Danny Hill, de 18 anos, era culpado de roubo, tentativa de roubo e assassínio. Foi sentenciado a sete anos de prisão.

O seu colega Richard Desmaris, de 20 anos, foi condenado a 4 anos de prisão, acusado de roubo e tentativa de roubo.

Segundo o acusador público, o crime de morte deu-se em 21 de Maio de 1971, quando o estalajadeiro, Friedrich Taebel, de 51 anos, foi obrigado a parar na rua por dois soldados que exigiram dinheiro. Friedrich recusou e então um dos homens esmurrou-o, enquanto o outro o esfaqueava no coração.

O advogado de Hill vai apelar da sentença.

Nixon contra o "Busing" após a vitória de Wallace

Continuação da primeira página

gresso que aprove uma moratória sobre novos «busings» e convidou os parlamentares a consagrar 2,5 biliões de dólares de créditos para melhor o nível da educação, nas escolas dos bairros desfavorecidos.

No terceiro ponto do discurso, Nixon autorizou o Departamento da Justiça a anular as decisões tomadas pelos tribunais, que foram «além das exigências do Supremo, ao ordenarem o «busing».

O presidente vai transmitir hoje essas recomendações ao Congresso, convidando-o a aprovar a moratória e um projecto de lei que exija «de todos os Estados e de cada localidade a concessão das mesmas possibilidades em matéria de educação, a qualquer pessoa, sem discriminação de raça, cor ou origem nacional».

Nixon mandará elaborar, por outro lado, «uma declaração de direitos em matéria de educação para os mexicano-americanos, portoriquenhos, os índios e outros, que começam a sua educação diminuídos em relação à língua, a fim de que venham a dispôr das mesmas possibilidades dos naturais do país».

Para atingir esses objectivos, Nixon conta com os créditos a votar pelos parlamentares e que seriam destinados, sobretudo, às escolas dos «ghettos» e das regiões rurais menos favorecidas, relativamente às habitadas pela burguesia branca.

O presidente acentuou que o «busing» era um problema «emocional» e que as suas recomendações seriam mal recebidas, tanto pelos racistas como pelos liberais, partidários da integração a qualquer preço.

As preocupações eleitorais de Nixon não são, evidentemente, alheias às suas decisões, principalmente depois dos resultados das eleições primárias na Florida, de que o grande vencedor foi George Wallace, governador do Alabama e porta-voz da oposição ao «busing».

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

FUNDO DE FOMENTO DE HABITAÇÃO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DAS EMPREITADAS DE CONSTRUÇÃO DE 90 FOGOS DO AGRUPAMENTO DE CASAS ECONÓMICAS DE CALDAS DA RAINHA

1 — Faz-se público que o Fundo de Fomento da Habitação abre concurso para a execução das seguintes empreitadas:

1/A/72	Construção de 68 fogos do Agrupamento de Casas Económicas de Caldas da Rainha
1/B/72	Construção de 22 fogos do Agrupamento de Casas Económicas de Caldas da Rainha
1/A/72 + 1/B/72	Construção de 90 fogos do Agrupamento de Casas Económicas de Caldas da Rainha.

2 — O valor das bases de licitação e cauções provisórias, e ainda os prazos previstos para a execução, são os indicados no quadro seguinte:

EMPREITADA	BASE DE LICITAÇÃO	CAUÇÃO PROVISÓRIA	PRAZOS DE EXECUÇÃO EM DIAS
1/A/72	8 525 234$00	213 130$90	270
1/B/72	5 061 860$00	126 546$50	210
1/A + 1/B/72	13 538 094$00	339 677$40	360

3 — Os alvarás exigidos aos concorrentes para serem admitidos a concurso são:

1.ª Subcategoria da Categoria I, e da 2.ª Classe. Subclasse B para as Empreitadas 1/A/72 e 1/B/72, e 1.ª Subcategoria da Categoria I, 3.ª Classe, para a associação 1/A/72 + 1/B/72.

4 — As propostas devem dar entrada no F. F. H., Repartição Administrativa, Rua Marquês de Fronteira. n.º 76-6.º — Lisboa, no prazo de 40 dias (incluindo domingos e feriados), contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo».

5 — O acto público do concurso realizar-se-á na Sede do F. F. H., Rua Marquês de Fronteira, 76-7.º andar em Lisboa, e terá lugar pelas 15 horas e 30 minutos do primeiro dia útil que se seguir ao indicado para apresentação das propostas, exceptuando se este for sábado, caso em que será transferido para a segunda-feira seguinte.

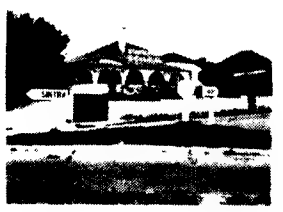
6 — Os processos de concurso podem ser consultados todos os dias úteis, às horas normais de expediente, na Divisão de Construção do Fundo de Fomento da Habitação, Rua do Arco do Carvalhão, n.º 1-4.º, Esq.º - Lisboa, e os interessados poderão obter cópias das peças escritas e desenhadas dos processos, através do Centro de Documentação e Informação do Fundo de Fomento da Habitação, Rua Marquês de Fronteira, n.º 76-2.º andar — Lisboa, sendo de inteira e exclusiva responsabilidade dos interessados a verificação e comparação das cópias, com os elementos do processo patenteado.

Fundo de Fomento da Habitação, 14 de Março de 1972.

O PRESIDENTE
JORGE CARVALHO DE MESQUITA
Engenheiro

BOM APETITE

Estalagem «A GRUTA DO RIO»



RIO DE MOURO
Telef. 2 98 05 35
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO
PARA BANQUETES

TONI DOS BIFES

NÃO TEM SUCURSAIS

Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
ABERTO AOS DOMINGOS

andorra bar snack
Rua das Portas de Santo Antão, 82 - Lisboa

ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE-SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

Heath não cederá a pressões sobre o Ulster

LONDRES, 17 — (F.P.) — O primeiro-ministro inglês Edward Heath afirmou ontem à noite que não cederia às pressões que estão a ser feitas apresentar uma iniciativa política com vista à solução do conflito da Irlanda do Norte.

«O que está em jogo é demasiado importante para cedermos às pressões de pessoas que não têm a nossa responsabilidade», disse ele, em substância, durante um jantar oferecido em sua honra pela Associação de Imprensa Estrangeira.

«Toda a política referente ao Ulster deve ser cuidadosamente pesada e considerada», acrescentou.

O primeiro ministro britânico afirmou que qualquer solução para o Ulster deveria respeitar os dois princípios do Governo britânico:

— O estatuto do Ulster como parte do Reino Unido, a não ser que seja outra a vontade da maioria.

— Garantia à minoria da Irlanda do Norte de um papel real e decisivo nas decisões relacionadas com o seu futuro.

A EUROPA

Referindo-se aos problemas europeus e concretamente as relações leste-oeste, o primeiro-ministro afirmou que, durante os próximos anos, os países europeus adoptarão uma política externa comum que exigirá uma vontade firme para levar a um desanuviamento com a outra metade da Europa. Edward Heath declarou, contudo, que seria «insensato esquecer o Exército cada vez mais poderoso da União Soviética», acrescentou que a Europa necessitava de uma aliança contínua com os Estados Unidos para garantir a sua defesa.

CASCAIS

Manuel da Assunção Nunes

FALECEU

Cesaltina de Jesus Morgado Nunes e filha Gertrudes da Assunção e seu marido Duarte Nunes, filhas e genros, cunhados, sogros e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai, filho, irmão, cunhado, genro e parente e que o funeral se realiza amanhã às 16 horas, saindo da Igreja dos Navegantes em Cascais, para jazigo no Cemitério da Guia.

Ag. Magno Telf. 280022

TÁBUA

Comandante Cândido Serra

A Direcção e o Corpo Activo da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Tábua, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do Comandante da Corporação, sr. Cândido Augusto Serra, realizando-se o seu funeral, amanhã, pelas 17 horas, da sua residência para o cemitério local.

Henry Boissel

A VALENTINE - PORTUGAL, S. A. R. L., participa que amanhã, sábado, dia 18, pelas 12.30 h., será rezada missa pela seu eterno descanso na Igreja de S. Luiz dos Franceses, agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Henry Boissel

A família participa que amanhã, sábado, dia 18, pelas 12.30 h., será rezada missa pelo seu eterno descanso na Igreja de S. Luiz dos Franceses, agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Hussein, o malabarista

Os ingredientes têm sido os mesmos nos tempos mais chegados: israelitas, árabes da Palestina, os outros árabes, russos, americanos, um medianeiro impotente (Gunnar Jarring, da ONU), muito armamento, raides de guerrilheiros e represálias. E mortes. Basta recombinar os referidos elementos para simular uma evolução da crise no Médio Oriente. Mas, de vez em quando, as iniciativas de alquimia política revelam-se particularmente explosivas.

O plano do rei Hussein da Jordânia de transformação do seu reino país num Estado federal englobando áreas ocupadas pelos israelitas pertence a esse tipo. Aliás, o soberano, herdeiro de um reino «inventado» pelos ingleses em benefício de seu avô, Abdullah, tem-se revelado um malabarista que desafia todas as previsões quanto à sua capacidade de sobrevivência num conflito que é a um tempo uma tragédia e uma comédia, envolvendo numerosas nações e apaixonando o mundo inteiro.

Hussein é sinónimo de Jordânia, no sentido de que o rei representa uma das facções árabes que mais têm contribuído para baralhar o já suficientemente difícil problema da Palestina, devidida entre árabes e judeus, aquando do aparecimento do Estado israelita, em fins dos anos 40. O feudo de Abdullah era um retalho de deserto que o avô do actual soberano ampliou com a anexação da mais prometedora Cisjordânia palestiniana, após a primeira guerra israelo-árabe, em que o Egipto obteve também a faixa de Gaza, como prémio de consolação.

Foi uma guerra da qual quase todos saíram a ganhar. Quase todos, porque os árabes da Palestina só perderam e muitos refugiaram-se nos países vizinhos. No entanto, a sua causa continuou a ser agitada pelos outros árabes até ao ponto de eclodirem mais duas guerras. E os árabes da Palestina continuaram a perder.

Na «guerra dos sete dias», em 1967, Hussein também começou a perder: Israel ocupou a Cisjordânia, deixando ao rei apenas o deserto e mais alguns milhares de refugiados palestinianos, cujo inconformismo e radicalismo acabaram por representar séria ameaça para regimes como o do soberano, mais ligados ao passado do que ao futuro. Por essas razões, Hussein entrou em choque com os palestinianos, transformados em inimigo comum do reino jordano e dos israelitas e num obstáculo à reconstituição da herança do neto de Abdullah, pois um entendimento entre a Jordânia e Israel terá de fazer-se fatalmente à custa dos árabes da Palestina. É esse o sentido do plano de Hussein, que, além disso, pretende ir mais longe ao prever a inclusão num Estado federal jordano de «quaisquer territórios árabes libertados», o que parece alusão a Gaza, que, assim, não voltaria a ficar sob administração egípcia.

Os ingredientes do plano são, portanto, de ordem a indispor os outros países árabes (em especial o Egipto), o que servirá os interesses israelitas, sendo ainda susceptíveis de conduzir a um acordo tácito entre Israel e a Jordânia - se não existe já -, dado que, desde os acontecimentos sangrentos de 1970, Hussein procura liquidar a causa palestiniana, por esta não se identificar com os interesses do seu reino.

Mais do que nunca, os árabes precisam de união e a sua incapacidade nesse sentido explica em parte a viabilidade de Israel num Médio Oriente que lhe é profundamente hostil.

Transferência para Bogotá do suposto Bormann

Continuação da pag 1

mente ter alguma coisa a ver com a chefia do Terceiro Reich alemão.

Entretanto, as autoridades colombianas pediram já à Alemanha as impressões digitais de Bormann — um dos principais criminosos de guerra nazis cujo paradeiro até agora não foi localizado — para as comprarem com as de Ehrmann.

Bormann, que se fôr vivo terá agora 71 anos, foi condenado à morte, à revelia, pelo Tribunal de Nuremberga e, desde então, a sua presença tem sido assinalada em vários pontos do Mundo, mas nunca chegou a ser confirmada.

O suposto Bormann foi localizado por dois repórteres da revista «Sete Dias», quando andavam pela região de Putumayo, em missão de reportagem sobre os recursos petrolíferos da região.

A revista «Sete Dias» publicou uma fotografia de Ehrmann, tirada na selva, juntamente com uma fotografia antiga de Bormann, tirada durante a guerra. Os dois homens têm um cigarro na mão, e a revista sublinha a semelhança de atitudes e a parecença física, apesar da diferença de idades.

A revista salienta ainda que Ehrmann, tal como Bormann, tem um defeito no olho esquerdo, devido a uma cicatriz e tem a mesma altura e os ombros estreitos, tal como o antigo colaborador de Hitler.

Comparando as fotografias de Ehrmann com 17 fotografias de Bormann tiradas em posições diferentes, os jornalistas colombianos encontraram notáveis semelhanças no feitio da boca, do nariz, do queixo e da testa.

Não é esta a primeira vez que um indivíduo é detido nas selvas da América do Sul sob a suspeita de ser Martin Bormann.

Em Maio de 1967, Juan Martinez foi detido na Guatemala por esse motivo, mas verificou-se que as suas impressões digitais não correspondiam às de Bormann.

Dos vários criminosos de guerra nazis que se julga terem procurado refúgio na América Latina, apenas dois foram até agora capturados: o coronel dos «SS», Adolf Eichmann, na Argentina e Franz Stangl, comandante do campo de extremínio de Treblinka, em S. Paulo.

A Polícia peruana efectuou recentemente buscas para tentar localizar na selva daquele país o dr. Josef Mengele, responsável pelas experiências com cobaias humanas no campo de Auschwitz, o qual teria sido visto em Lima, no fim do ano passado.

As autoridades bolivianas estão, por seu turno, a estudar um pedido de extradição, feito pela França contra o alemão naturalizado Klaus Altmann, que se julga ser, na realidade, o antigo chefe da Gestapo, Klaus Barbie, o «Carniceiro de Lyon».

FORMOSA: BOICOTAGEM NIPÓNICA

TÓQUIO, 17 (ANI) — O Governo japonês congelou todos os créditos de exportação para a República da Formosa, significando esta medida que as vendas nipónicas a Taiwan, na base de pagamento diferido, são assim pràticamente eliminadas.

O comunicado oficial emitido a este respeito sublinha que a Formosa não receberá mais créditos em ienes do Governo japonês.

Já se encontra à venda!

a 2ª edição dos números 1 e 2 colecção duas horas de leitura

1. STENDHAL
Féder ou o Marido com Dinheiro

2. GORKI
Três Contos

15$00
UM VOLUME POR MÊS
ao dia 25

NÃO é uma colecção de bolso!

EDITORIAL INOVA LIMITADA
apartado 466/Porto

Pompidou durante a sua comunicação

Referendo em França: surpresa na Europa

PARIS, 17 - (F.P.) - Foi com surpresa que, nas capitais europeias, se recebeu a notícia de que o presidente Pompidou ia organizar brevemente um referendo quanto à ampliação do Mercado Comum Europeu.

Em Londres, a informação causou grande espanto. O Governo britânico — segundo dizem — não foi informado com antecedência da intenção do presidente francês. Na verdade, o primeiro-ministro britânico não se referiu ao assunto quando se dirigiu ontem aos representantes da Imprensa estrangeira. Limitou-se a declarar que esperava com grande prazer a visita de Pompidou, no próximo fim-de-semana.

Entretanto, os adversários da entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum aproveitaram logo a ocasião e seis deputados conservadores já apresentaram uma moção felicitando o presidente Pompidóu «pela sua decisão fundamentalmente democrática» e desejando que seja feito o mesmo no Reino Unido.

De resto, o presidente do Partido Trabalhista, Wedgwood-Benn, propôs imediatamente» uma campanha à escala nacional em prol de eleições gerais ou de um referendo na Grã-Bretanha « que, segundo ele, Edward-Heath não aprovará.

Nos meios europeus de Bruxelas, a notícia do referendo provocou alguma surpresa. Os governos de Haia, Oslo e Copenhague são de opinião que se trata de assunto interno da França.

Em Roma, nos meios oficiais, nada se disse ainda, mas é evidente que a iniciativa não era esperada.

Em Paris, alguns jornais referem em título: «a grande iniciativa» («La Nation»), «Liquidação de um certo gaullismo, «L'Aurore», «Georges Pompidou passa à ofensiva — Referendo acerca da Europa» («Le Figaro»; «A entrada da Grã-Bretanha na Europa justifica aos olhos de Pompidou uma aprovação de todos os franceses» («Les Echos»), «A grande manobra — o Referendo anunciado ontem por Pompidou inscreve-se numa táctica destinada a aumentar a maioria, a acentuar as divisões da esquerda e, eventualmente, a antecipar uns meses as eleições legislativas» («Combat»), «A armadilha do Eliseu» («L'Humanité»).

O Partido Socialista afirma «que o presidente Pompidou tem outras intenções, ao escolher uma matéria em que é notória, a divergência entre os socialistas e os comunistas».

O referendo é apenas um «pretexto» - declarou Georges Marchais, secretário-geral adjunto do Partido Comunista. «Trata-se, disse, «de uma operação de política interna: o governo procura uma saída para as suas dificuldades, organizando então um referendo que, afinal, é simplesmente um plebiscito».

Quanto à Imprensa inglesa, «dado o grande apoio em França à candidatura britânica, não restam dúvidas sobre os resultados. Mas outro problema é saber se essa decisão ajudará Heath nas fases finais da batalha europeia no Parlamento» — escreve o «Times».

Imigrantes portugueses na América

WASHINGTON, 17 - (ANI) - A câmara norte-americana dos deputados assinalou o dia de São Patrício com a aprovação de uma lei que permite, nos próximos quatro anos, a entrada nos Estados Unidos de mais 390 mil emigrantes, da Irlanda, da Itália, de Portugal, da Alemanha, da Inglaterra, da Polónia, da Rússia, da Noruega, da Holanda, da Suécia, da Checoslováquia, da Grécia e da China.

A Secretaria de Estado opôs-se a esta lei sob o pretexto de que favorece apenas treze países, parecendo indicar um regresso ao sistema selectivo de origens nacionais.

Por seu turno, a Secretaria do Trabalho opôs-se à lei porque os vistos especiais serão passados a pessoas não qualificadas para uma tarefa especializada, podendo assim contribuir para que aumente o número de desempregados nos Estados Unidos.

Muitos irmãos e irmãs de estrangeiros naturalizados norte-americanos serão agora admitidos nos Estados Unidos se tiverem pedido os seus vistos antes de 1 de Julho do ano passado. É este o caso de 1.397 portugueses, bem como o de 1.405 chineses, 1.922 polacos, 2.166 gregos e 23.680 italianos.

MHP 6/71

...Felizmente moro em Miraflores Lux!

Números, Percentagens, Cálculos, esquemas, gráficos... Produção, Mão-de-obra, tempo-máquina, linha de montagem... Um turbilhão de números desgastando o cérebro, fustigando os nervos. Uma luta diária de muitas horas... Mas felizmente o Industrial mora em **Miraflores-Lux**! Onde a cidade termina e a alegria de viver recomeça!

Monsanto, as praias da linha do Estoril e Caparica, ali à mão, para refazer energias perdidas. — E esse gosto bem sentido de viver no prestigioso ambiente social a que pertence: **Miraflores-Lux**! Construção e acabamentos do mais alto nível: Piscinas, garagens privativas e um Centro comercial. Escola, Jardins... Equipamento completo.

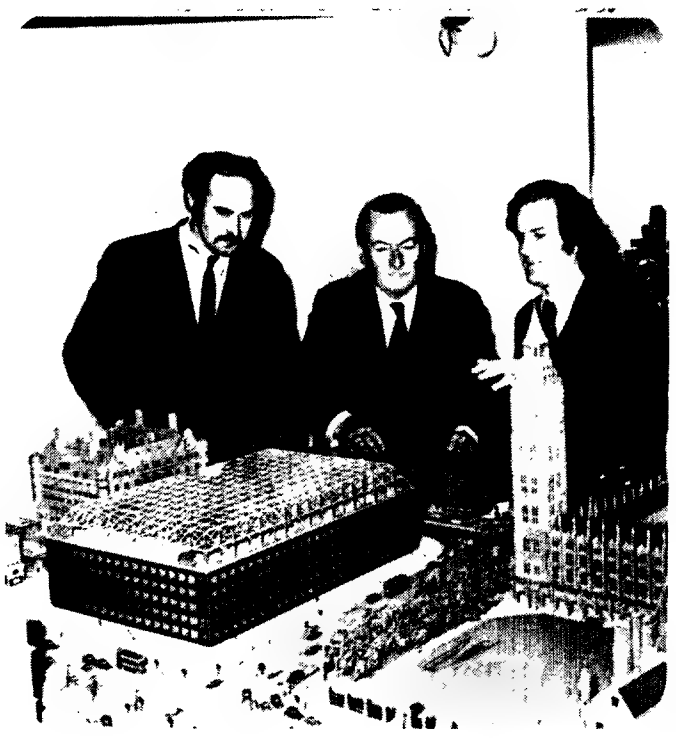
MIRAFLORES LUX *merece a sua visita*

ADVOGADOS 8%
AGENTES TÉCNICOS 1%
ALTOS FUNCIONÁRIOS 6%
DIPLOMATAS 4%
COMERCIANTES 6%
DIRES DE EMPRESAS 5%
ECONOMISTAS 4%
ENG. E ARQUITECTOS 10%
INDUSTRIAIS 7%
INVESTIDORES 11%
PROFESSORES 2%
PROPRIETÁRIOS 12%
MÉDICOS 15%
DIVERSOS 9%

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, SARL - Algés
Informações e vendas. Avenida das Tulipas - Lote 10
Telefs. 215756 - 216749 - 216768

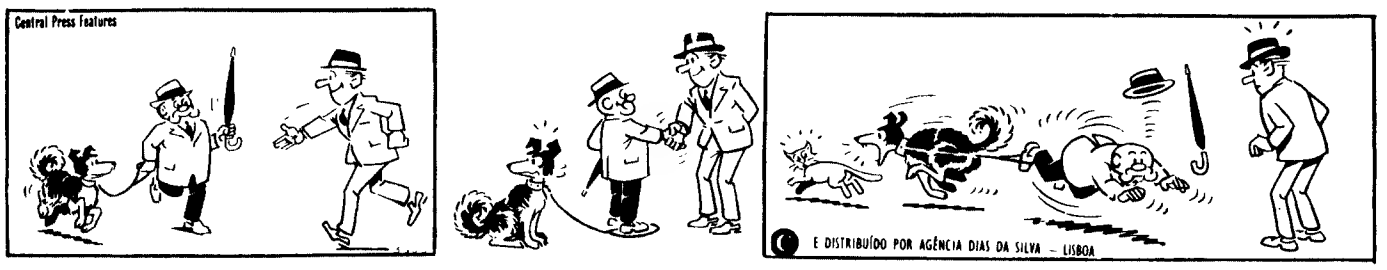
«EDIFÍCIO AVIZ»

Vende-se fracção autónoma no 17.º piso. Trata o próprio. Resposta ao n.º 532 a este jornal.



Novo parlamento

O secular Parlamento britânico em cuja torre se encontra o famoso Big Ben deixará de ser, dentro de alguns anos, o ponto de encontro das «guerras» entre trabalhistas, conservadores e liberais. Com efeito, encontra-se já projectado o futuro parlamento, uma construção semimoderna, semiclássica, que será erigida não muito longe da actual e que vemos nesta imagem ainda em maqueta. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)



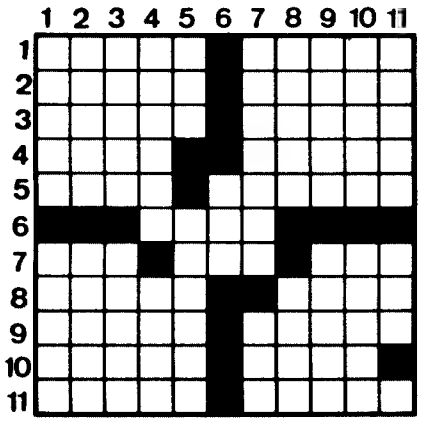
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 036

HORIZONTAIS

1 Nome de peixe. Canção de barqueiros.
2 Freguesia do concelho de Torres Novas. Limpar com areia.
3 Da Russia. Quinhão (pop).
4 Sarrafo. Versejar.
5 Comprar garrotes de ano para revender daí a dois anos para exportação. Unira por casamento.
6 Escrava egípcia mãe de Ismael.
7 Greda branca. Pega. Com. da Itália.
8 Brisas. Pronome relativo.
9 Bálsamo. Bando.
10 Fechais as asas para descer mais depressa. Palmeira da Amazónia.
11 Esmonca. Interjeição que designa admiração.



VERTICAIS:

1 Vai pelo ar com grande velocidade. Fatiga.
2 Abalar. Sais frequentemente à rua.
3 Apara. Vagueias.
4 Trilhara. Transfiro para outro dia.
5 Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens biblicas com o significado de Ah! Oh!. Pressa (pop).
6 Cabelos brancos.
7 Untara. Irmão do pai.
8 Lavrais. Pronome relativo.
9 Conjunto de vinte mãos de papel. Jumenta.
10 Apanhar. Voar (Fig).
11 Ave trepadora. Governanta.

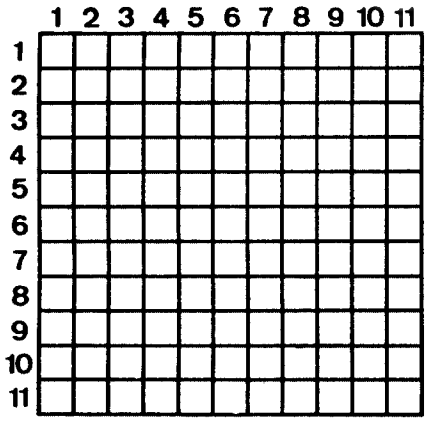
Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6194

HORIZONTAIS:

1 Pessoa impertinente, pegadiça (fig). Tolera.
2 Nesse lugar. Medula. Cidade da antiga Caldeia.
3 Vila e sede concelho (Evora). Encolerizar.
4 Vestimenta rústica.
5 Gálio (s.q). Preposição latina que designa movimento.
6 Pedra de altar. Pronome pessoal. Grande.
7 Antena náutica. Comprais garrotes de ano para revender daí a dois anos para exportação.
8 Palmatoada. Armadilha para pássaros.
9 Flecha. Avalia.
10 Dispor.
11 Molestai. Empregar.



VERTICAIS:

1 Vila e sede de concelho (Guarda). Um dos pontos cardeais.
2 Escudeiro. Referente à Arábia.
3 Reis. Fazes notações em.
4 Terreno plantado de nabos. Nome de mulher.
5 Gostam muito de. Recusa. Troça.
6 Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Género de palmeiras do Brasil.
7 Mãe de Ismael. Ente. Mulo.
8 Homem de grande robustez física (fig). Farripas.
9 Rádio (s.q). Carro de bombeiros.
10 Artéria. Cantigas.
11 Afastas. Nome de mulher.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 035

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Marcela. Mir.	1 MOINHO. Naná.
2 Oiro. Dará.	2 Ruara. VAI.
3 Irmão. Toros.	3 Romãs. Abibe.
4 Nuas. Cair.	4 Cias. Trevo.
5 Has. Mo. Res.	5 Ero. Ma. Ra.
6 Or. Ta. Sa. AO.	6 Ló. Co. Ba. Ar.
7 Aar. Be. Arc.	7 Ta. Se. Ani.
8 Bera. Alda.	8 Doira. AGUA.
9 Aviva. Aguar.	9 Marre. Aluir.
10 Nabo. Anui.	10 Iró. Sarda.
11 Aiê. Criaras.	11 Raso. Ocaras.

PROVÉRBIO Ao moinho vai a água.

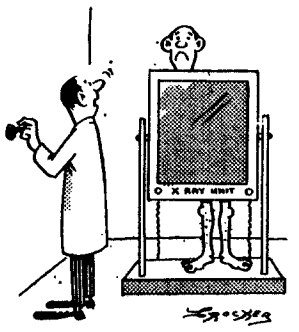
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6193

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Ido. Ede. Eno.	1 Ivã. Bar. Ota.
2 Vá. Egeta. Oc.	2 Dalmácia. Ac.
3 Alara. Acama.	3 Auras. Gré.
4 Mua. Ore.	4 Era. Boiais.
5 Bar. Cem. Mal	5 Ega. Costuma.
6 Acabo. Acera.	6 De. Be.
7 Risos. Rimar.	7 Eta. Marcela.
8 Itaca.	8 Aço. Ciaram.
9 Gau. Era.	9 Armem. Ano.
10 Tarim. Lança.	10 Nomeares. Cr.
11 Acesa. Amora.	11 Oca. Lar. Sá.

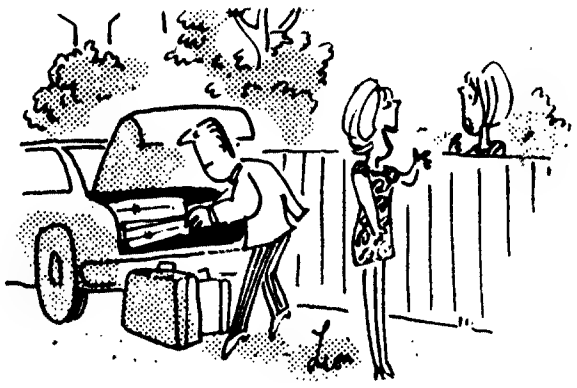
— **Tivemos uma pequena zanga para decidirmos quem mandava lá em casa**

— **Isto totaliza 42 anos de má sorte!**

— **Este vai ser o papel mais difícil da sua carreira: terá de aparecer sempre completamente vestida**



— **Não se aflija. Vamos já ver se você torceu a espinha**



— **As pessoas lá nas termas eram um pouco aborrecidas... mas conhecemos dois casais fantásticos num engarrafamento de tráfego**

Uma prenda para o pai...

Uma prenda para o pai tem de ser bem escolhida... É uma prenda importante. Talvez ele goste de uma Água de Colónia. Ou de um After-Shave. Se calhar, prefere uns copos para oferecer bebidas aos amigos... ou um cesto para os papéis. Ah! E porque não um cinto? Ou uma gravata? Até talvez uma máquina fotográfica... ou um acessório novo para o automóvel.

No Pão de Açúcar há, afinal, tudo aquilo de que o Pai gosta. é só escolher. Venha ao Pão de Açúcar. O Dia do Pai é já no domingo.

19 de Março Dia do Pai

Economize com segurança e conforto no Pão de Açúcar

Av. Estados Unidos da América – Av. 5 de Outubro – Av. de Ceuta (Alcântara) – Estrada de Benfica/Amadora
Rua Conde de Sabugosa (à Av. de Roma) – R. José Ricardo (ao Chile)

FLÁVIO: "O Feyenoord quer contratar-me"

Quando há anos conhecemos Flávio, então a «coqueliche» do Corinthians, ele era denominado «Goleador da Fazendinha» (o estádio do grémio de Rivelino) Agora, o «Minuano» do Rio Grande do Sul (como o jornalista brasileiro Geraldo José de Almeida lhe chamava) é designado no Norte do País como o «Goleador das Antas». Uma «fatalidade imprescindível» na vida de um avançado-centro como Flávio, o homem que mais golos marcou no mundo... depois de Pélé.

E a nossa amizade prosseguiu, cimentando-se ainda mais depois que o jovem ariete brasileiro cruzou o Atlântico para ingressar nas hostes do Futebol Clube do Porto. Hoje, porque está na berlinda, Flávio fala do Porto e de si:

O Porto vai bem. Foi pena que Paulo Amaral deixasse o clube, agora que o seu sistema estava começando a ser interpretado pela equipa e todos nós nos esforçavamos para a sua implantação no «quadro», por reconhecermos ser o que mais lhe convinha. Mas a razão do seu afastamento não é da minha alçada: e, como sou um profissional com um contrato a correr, o meu dever é tornar-me digno do clube, já que sempre fui bem tratado e acarinhado, tanto por dirigentes como por colegas e massa associativa.

FEYENOORD QUER-ME LÁ

Falámos a seguir do que se tem lido ùltimamente sobre o seu possível regresso ao Fluminense, do Rio de Janeiro:

Tenho ouvido falar nisso e até do Rio alguns amigos já me escreveram também sobre o assunto. Todavia, oficialmente, nada há de concreto.

E Zézé Moreira, que está indicado para ser o treinador do clube das Laranjeiras, não falou consigo a esse respeito?

Não. Há muito que não vejo Zezé Moreira. Ele, aliás, não vai ser treinador do Fluminense. O treinador será Pinheiro; Zézé será supervisor. Também, segundo me escreveram, o Flamengo está interessado no meu regresso ao Brasil. Mas, repito, oficialmente ninguém destes clubes (credenciado) falou comigo.

E, logo a seguir, veio a «bomba»:

Quem está realmente desejando que eu ingresse nas suas fileiras é o Feyenoord. Já o ano passado os directores do clube de Roterdão demonstraram interesse no meu contrato, estava eu ainda no Fluminense. E a transferência não se materializou porque o prazo para o contrato de jogadores estrangeiros fechou sem que tivessemos tempo de discutir a parte financeira.

Flávio acrescenta:

Quando o Porto jogou com os «encarnados», na Luz, vários dirigentes do Feyenoord estiveram presentes. Viram-me em campo e lembraram-se de mim. Recentemente é que soube, por um amigo comum, que os mesmos voltaram a demonstrar interesse em que eu passasse a envergar a camiseta do seu clube e que falariam comigo após os jogos eliminatórios com o Benfica.

Sobre esta oportunidade de mudar as malas para a Holanda:

Sou profissional: como tal, todas as propostas boas me interessam. Contudo estou preso ao Porto por duas épocas. Assim, caso venha a ser abordado pelos directores do Feyenoord, eles terão de contactar com os dirigentes do meu clube e colocar-mo-nos todos de acordo. O que, às vezes, não é muito fácil...

FALTAM EXTREMOS

A conversa deriva para o estado actual da sua equipa:

O Porto (afiança Flávio) possui um lote de excelentes atletas. A sorte da equipa e a implantação de um sistema mais actuante, mais moderno, que não foi imediatamente assimilado por todos, acarretou-nos alguns dissabores que não estavam na cogitação de ninguém. Dentro das suas fileiras há verdadeiros «craques». Temos, isso sim, falta de extremos, que centrem bolas para eu ou o Abel metermos de cabeça afirma Flávio, com o entusiasmo de um «guri» das «peladas» de várzea.

Nóbrega é um bom «ponteiro»...

Magnífico (concorda o «Minuano») **mas está «machucado» há imenso tempo. Não se imagina a falta que nos está fazendo. Com ele na extrema «canhota», abrindo o jogo por aquele sector (como faz Néné, no Benfica, pela direita) e depois centrando as bolas para a minha cabeça, garanto-lhe que muitos desaires por que passamos não teriam acontecido.**

E Flávio destaca outros conpanheiros:

Rolando, Rui, Abel, Pavão, Gualter e esse «minino» que dá pelo nome de Vieira, são foras-de-série. Digo mais : Oliveira será, para o ano, dos melhores médios de Protugal e do Mundo. É um jovem pleno de intuição. Faz da bola o que quer, passa bem, é inteligente e tem uma saúde que... valha-me Deus! (completa o jogador gaucho).

«JÁ PERDI PESO»

A mudança de um jogador de clima tropical para o clima frio da Europa é penosa. Com Flávio aconteceu o mesmo. Seria necessário um ano, pelo menos, de adaptação. E o dianteiro tem andado aborrecido por não ter perdido ràpidamente três quilos que muito o incomodavam.

Até já deixei de beber vinho e, por mais que treine e corra, não transpiro como no Rio.

Depois de Pélé, ele é o melhor chutador do futebol brasileiro. Mas em Portugal há quem esteja à sua frente

Agora parece que as coisas melhoraram:

Sim. Já perdi dois quilos e movimento-me com mais presteza em campo. Suponho que em Abril ou Maio estarei produzindo o meu normal, coisa que ainda não aconteceu em Protugal.

Pensa vir a destronar Artur Jorge como «artilheiro» do «Nacional»?

É muito difícil. Artur Jorge é um grande jogador e está muito bem amparado pelos seus companheiros. Todavia, em futebol, tudo pode acontecer. Como ele marcou há semanas cinco golos num desafio, quem sabe se eu também posso conseguir o mesmo? Não seria a primeira vez.

Flávio, a concluir:

Queria demonstrar, em defesa das cores do Porto, o meu real valor: e, se possível, continuar nesta cidade, que tanto me estima e da qual já me considero «cidadão honorário». Por muitos anos, e num deles como campeão de Portugal, para alegria dos adeptos do meu clube, uma agremiação que me faz lembrar o Corinthians, pelo amor e fé dos simpatizantes às suas cores.

Mário Nobre

DL EM TODAS

VELA: «Finns», «Stars» e «Flying-Dutchmans» estarão, a representar Portugal, nos próximos Jogos Olímpicos.

SINTRENSE: o Belenenses vai rodar ali os seus futebolistas mais inexperientes.

ANDEBOL DE SETE: Costa do Sol é campeão invicto da III divisão lisboeta.

PARIS-NICE: com o seu triunfo no contra-relógio da derradeira tirada, Poulidor arrebatou a «camisola amarela» a Merckx e conquistou um êxito inesperado.

TORNEIO: no conjunto de jogos de andebol organizados pelo Almada a equipa local empatou com o Campo de Ourique (13-13), o Vitória de Setúbal derrotou o Técnico (35-17) e o Benfica bateu o Belenenses por 23-17.

NATAÇÃO: Henrique Vicêncio vai competir em Trento (Itália) de 24 a 26 do corrente.

PENICHE: o passivo do clube (perto de 2 000 contos) obriga a uma assembleia geral no próximo dia 25.

GOLFE: German Garrido é o nome mais em destaque no campeonato «open» que se desenrola no Estoril.

ESGRIMA: Duarte Silva triunfou numa prova selectiva de espada.

MOTONÁUTICA: vai iniciar-se, no próximo domingo, o «Torneio das Barragens». A primeira prova decorrerá na Barragem de Mação.

BOXE: o italiano Bruno Arcari defenderá o título de meios-médios ligeiros contra o brasileiro João Henrique, num combate a disputar em Itália.

GINÁSTICA: os campeonatos nacionais de seniores e juniores disputam-se no próximo domingo, no ginásio do Liceu D. Pedro V (Lisboa) com início às 15 horas.

CAMPEÕES: as meninas do Liceu de Cascais (em andebol) e os rapazes do Liceu Gil Vicente (em basquetebol) venceram os campeonatos escolares que se têm disputado no Pavilhão da Ajuda.

EXCURSÃO: o Oriental organiza um passeio ao Seixal no próximo domingo por ocasião da partida de futebol contra o clube local.

QUOTA: o jogo Casa Pia-Odivelas é considerado pela direcção dos «gansos» como «Dia do Clube», pelo que os sócios se deverão munir de um bilhete especial para ingresso no Pina Manique.

HÓQUEI EM CAMPO: apurados como «árbitros candidatos» Helder da Silva Sousa, João Jorge e Augusto António Moreira.

RÁGUEBI: amanhã, reunem-se os dirigentes da secção desportiva do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras para decidirem da participação (ou não) da sua equipa no próximo Campeonato Universitário. Motivo: falta de verba.

ATLETISMO: o Clube de Futebol Boavista de Portimão realiza, pelas 11 horas de domingo, o II Circuito de Portimão.

COIMBRA: a Comissão da «Tarde Desportiva» do Liceu Normal D. João III organizou, para a tarde de sábado (15 e 30) um festival que inclui râguebi feminino (As Bambinas-The Butterflies) e masculino (Liceu D. João III-Koala) e, ainda, futebol de cinco (equipas finalistas do terceiro ciclo).

HAGAN: mais um ano no Benfica. O contrato já foi assinado.

PENICHE: dois jogos de interdição do campo de jogos.

DAMAS: provável regresso à balisa do Sporting em Faro.

BASQUETEBOL

Académica-Porto: o jogo do ano

Com os jogos correspondentes às 18.ª e 19.ª jornadas da segunda «volta» prossegue este fim-de-semana o campeonato metropolitano de basquetebol. Jogam amanhã: Académico-Carnide e B. P. M.-Benfica (Pavilhão do Académico, a partir das 21 horas) Algés-Galitos e Sporting-Ginásio Figueirense (Pavilhão da Ajuda, depois das 21 horas) Cuf-Vasco da Gama (Pavilhão da Cuf às 21 e 30) e Académica-F. C. Porto (Pavilhão Universitário pelas 21 e 30). No domingo: B. P. M.-Carnide e Académico-Benfica (Pavilhão do Académico, a partir das 16 horas) Algés-Ginásio Figueirense e Sporting-Galitos (Pavilhão da Ajuda a partir das 16 horas) Cuf-F. C. Porto (Pavilhão da Cuf às 17 horas) e Académica-Vasco da Gama (Pavilhão Universitário às 18 horas).

O encontro mais importante destas jornadas disputa-se em Coimbra para onde convergirão todas as atenções: Porto (apenas com uma derrota) e com quase todos os recordes de marcação deste campeonato vai até ao Mondego defrontar a Académica, segunda classificada (com duas derrotas) e grandes hipóteses de discutir primeira posição.

Se os estudantes vencerem, ficam com a «chance» do desempate ao seu alcance: mas o Porto tem, até final da prova, um calendário bastante melhor. A Académica ainda tem de deslocar-se a Lisboa para jogar com o Benfica, enquanto que os homens de Dover recebem o Sporting no único encontro difícil programado para este campeonato.

No intervalo de uma sessão de preparação os portistas matam a sede. Amanhã, em Coimbra, Dover e os seus colegas terão de jogar e suar muito para vencer os estudantes

Assim e por várias razões o embate de amanhã assume aspectos decisivos: se Dover vencer, tudo fica arrumado; se perde, pode aparecer mais alguém na luta. Um embate emotivo, com alta marcação e boas fases de luta: eis a perspectiva. Se o público de Coimbra e a arbitragem ajudarem este Académica-Porto poderá ser «o jogo do ano».

A jornada completa-se, de uma maneira geral, com encontros de cumprir o calendário: salvo o interesse em se saber se o Benfica regressará do Porto cem por cento vitorioso.

NÉNÉ: o mais veloz do futebol português

A grande arma do Benfica contra o Feyenoord: Néné, o mais veloz extremo do futebol de língua portuguesa, é homem que a esta hora já traz Happel e os jogadores holandeses preocupados com o seu poder de finta, a sua rapidez estonteante e uma capacidade de imaginação que tornam em fácil o dificílimo

Tamagnini Manuel Gomes Baptista (Néné) nasceu em Leça da Palmeira a 20 de Novembro de 1949. Tem 1 e 75m. de altura, pesa 67,5Kg, foi internacional de «esperanças» por duas vezes (Dinamarca e Espanha) e alinhou na turma principal em quatro ocasiões (Dinamarca, Escócia e Bélgica). Começou a jogar futebol no Ferroviário da Namanga e veio para o Benfica no dia 7 de Fevereiro de 1967.

Chegado ao continente numa altura em que o futebol junior e senior do Benfica estava já recheado de grandes elementos, o jóvem Néné estreou-se na turma de juniores contra o Olhanense e marcou até um dos golos com que os encarnados derrotaram os algarvios. Nesse ano o Nacional de juniores não teve vencedor: um protesto veio tirar a verdade a uma luta para a qual os rapazes se tinham atirado com unhas e dentes.

Néné não desanimou. Na época seguinte, ei-lo a marcar um golo na final junior, frente à Académica: tento que lançaria a sua equipa para a primeira grande vitória da vida desportiva do antigo jogador moçambicano.

Tudo tinha começado (afinal) com uma carta que Cavém (outro grande extremo que passou pelo Benfica e primo de Néné) escrevera à direcção dos «encarnados» a transmitir-lhe as grandes qualidades do jogador da Namanga: muitos golos no activo, grande velocidade de execução e uma aplicação extraordinária ao trabalho — qualidades deste jovem em quem «o internacional» Cavém via um novo grande extremo para o substituir no seu antigo lugar.

Néné é que não se mostrava muito de acordo, pois preferia alinhar no meio campo, onde se sentia mais à vontade para aplicar o seu passe e a sua finta. Nos juniores do Benfica, a posição de extremo esquerdo tinha sido sua e nessa segunda temporada até Néné tinha sido o segundo melhor marcador do «time».

A idade senior chegou, Néné, como muitos outros jovens de grande valor que nessa altura alinhavem na turma da Luz, começou a jogar na reserva: não desesperou. Continuou sempre a trabalhar muito e quando Fernando Cabrita tomou conta da equipa lá apareceu ele, a jogar amiudadas vezes no meio campo dos encarnados. A hora da consagração estava a chegar e quando Mário Coluna se lesionou no Barreiro (e Cabrita o fez alinhar) o miúdo fez das suas e obrigou a crítica a falar do seu nome em caixa alta.

Estava definitivamente encontrado o novo «craque» do futebol benfiquista e os adeptos do clube da Luz rejubilavam com a hipótese de ver novamente reeditados os velhos tempos de Guilherme Espírito Santo (que tinha sido o mais veloz avançado que passara pelo futebol encarnado). Néné, porém, nessa época ainda só alinhou seis vezes pela turma principal e na temporada seguinte o seu nome também não apareceria muitas ocasiões na lista dos nomes titulares: Mas, o posto ficara na sua mira.

Néné, «internacional»

O reinado de Hagan estava à porta e com ele (como estas coisas são esquisitas) surgiria a grande hipótese da vida futebolística de Néné. Em África, num jogo contra o Setúbal, o famoso Jaime Graça, que na altura alinhava a extremo direito, lesiona-se: e o técnico inglês manda entrar Néné. Ele dá o primeiro golo a Eusébio e força um defesa setubalense a fazer falta de «penalty». A «cobrança» foi o golo do triunfo.

No regresso a Portugal, Néné tem a porta aberta ao primeiro «time» do Benfica. Mas Hagan é o responsável: quando o campeonato começou o inglês esqueceu-se do rapaz de Leça da Palmeira. A tristeza da saída da equipa não atinge Néné que continua a treinar com a mesma vontade que o tinha levado a jogar naquela tarde africana ao lado de Eusébio em companhia dos seus ídolos.

Todavia, o Barreiro teria de ficar bem assinalado na sua vida de futebolista: e quando o Benfica foi fazer o jogo da segunda «volta» contra a Cuf, o titular lesionou-se e Néné lá voltou a jogar. A alegria contagiante de Néné voltou a animar os avançados benfiquistas e no domingo seguinte o Sporting era o adversário (e Hilário o obstáculo a ultrapassar). Tudo correu da melhor maneira ao novo «craque» que fez quase o que quis do «internacional» leonino.

Finalmente a fama tinha chegado: com ela todo o pesado fardo de tentar fazer recordar grandes nomes que haviam desfilado por aquele lugar. Néné a correr, Néné a fintar, Néné a centrar: tudo era um espectáculo, e logo a Imprensa descobriu nele um dos melhores extremos direitos da Europa. Indiferente a quase tudo isso, a esses louvores, Néné manteve sempre a mesma alegria e a mesma vontade de trabalhar: e um desejo enorme de voltar a jogar no centro do terreno.

Recentemente, em Roterdão, teve Néné uma jogada diabólica em que deixou para trás todos os holandeses e centrou com conta, peso e medida para Jordão marcar. O outro «menino bonito» do futebol benfiquista não converteu a boa intenção do seu companheiro: mas, em todos os assistentes ficou a ideia de que em Lisboa, na próxima quarta feira, Néné terá um papel importantíssimo a desempenhar para abrir o «ferrolho» do Feyenoord. Correr é com ele e se correr mais do que os outros...

CICLISMO NO CASA PIA

Depois do futebol, ténis de mesa, badminton, andebol, basquetebol e campismo (este com mais de um milhar de praticantes) o Casa Pia volta-se agora para o ciclismo. Na foto: a equipa, com o treinador e dirigentes da nova secção.

Hóquei em patins

RECADO AO SELECCIONADOR

Guilhermino Rodrigues: seleccionar é optar

Estamos consigo, Guilhermino Rodrigues: comungamos das suas opiniões e aqui estamos a fazer eco do seu pensar. É realmente muito cedo ainda para se falar em selecção nacional. O que leva as pessoas a falarem é, talvez, a abundância de jogadores e de torneios tidos e considerados por si como «preparatórios para a formação da nossa selecção», do grupo que há-de ir à Corunha disputar o Mundial.

Nunca, o nosso hóquei esteve em duas frentes simultâneas: e é isso, segundo creio, que confunde as pessoas. Falam por ter decidido (e bem) levar Livramento a Luanda, marcando-lhe ausência para o Estoril. Realmente, o ideal seria esse «fora de série» estar nos dois torneios, mas como isso é impossível (nem os génios têm o dom da ubiquidade), ninguém duvida que o seu lugar é no torneio inter-selecções, onde há que opôr os melhores do Continente aos que, no Ultramar, sonham com a camisola das quinas.

O seu passado, como seleccionador de juniores, dá-nos confiança e garante-nos um trabalho honesto que tem de conhecer a glória. Deixe falar quem fala: como você diz, os portugueses sempre foram, à mesa do café, na reunião de amigos, seleccionadores, estudiosos, entendidos. Continue a trabalhar como o tem feito até aqui e não perca tempo a responder a alvitres ou reparos de meia dúzia. Tempo é dinheiro e o seu problema é só um: escolher dez de um lote muito grande de grandes jogadores. Vamos a isso.

ORLANDO DIAS AGUDO

LIVRAMENTO E SEUS GUERREIROS À ESPERA DE UM ADVERSÁRIO: PAREDE OU JUVENTUDE SALESIANA

O Benfica em grande forma logo no inicio da temporada: na fase de apuramento do «Torneio de Abertura», foi a única equipa que não conheceu a derrota. Da esquerda para a direita: Livramento, Jorge Vicente, Garrancho, Ramalhete e Casimiro

Estabelecido o calendário da fase final do «Torneio de Abertura» da Associação de Patinagem de Lisboa, só logo à noite se conhecerá a sexta equipa apurada. Realmente, só depois da jornada que se disputa no Estoril se poderá saber se será o Parede ou a Juventude Salesiana a completar a lista dos finalistas.

Entretanto, as formações já apuradas são (na Série «A») Benfica, Sporting e Desportivo da Cuf (na série «B») Oeiras e Cascais. Logo à noite, o Parede defrontará o Cascais e a Juventude Salesiana jogará com o Paço de Arcos.

Para a série «A», já definitivamente resolvida, jogam, no Pavilhão dos Desportos, Sporting e Desportivo da Cuf e Campo de Ourique contra «Os Belenenses». O calendário da fase final deste torneio que apenas sofre uma interrupção para os Torneios Inter-Associações, Internacional do Estoril e Nacional de Luanda, inicia-se no dia 20 do corrente com os jogos Cascais-Oeiras, Salesiana (ou Parede) - Sporting e Benfica Cuf. Dia 10 de Abril: teremos Cuf-Sporting, Parede (ou Salesiana) - Cascais e Oeiras-Benfica. Dia 14: Benfica-Cascais, Cuf-Salesiana (ou Parede) e Sporting-Oeiras. Dia 17: Salesiana (ou Parede)-Benfica, Oeiras-Cuf e Cascais-Sporting. Dia 21: Oeiras-Salesiana (ou Parede), Cuf-Cascais e Sporting-Benfica.

Esta fase final disputa-se numa única volta, com jogos no Pavilhão dos Desportos de Lisboa. As equipas afastadas disputarão um outro torneio dotado de um troféu oferecido pelo Parede.

TORNEIO DE LUANDA

Já está igualmente elaborado o calendário do Torneio de Luanda, que visa a observação de elementos angolanos e moçambicanos para possível inclusão na selecção nacional. No dia 31 do corrente jogam: Angola B-Metrópole e Angola A-Moçambique; dia 1: Angola A-Angola B e Moçambique-Metrópole; dia 2: Angola B-Moçambique e Angola A-Metrópole.

TORNEIO INTERNACIONAL

Confirma-se o calendário de jogos tornado público já há algumas semanas pelo «DL», tal como se confirma o local de realização: o pavilhão da Juventude Salesiana. Na Sexta-feira Santa jogam: às 21 e 30 Alemanha-Portugal e uma hora depois Espanha-Itália; dia 1: a partir das 15 e 30, Itália-Alemanha e Espanha-Holanda. À noite, depois das 21 e 30, Alemanha-Holanda e Portugal-Itália. Dia 2, a partir das 15 e 30, Alemanha-Espanha e Portugal-Holanda. À noite, a partir das 22 horas: Holanda-Itália e Portugal-Espanha.

CORRIDA EM PATINS

No próximo domingo, a partir das 9 horas da manhã, disputam-se, em Cascais, corridas em patins em distâncias que vão desde os 200 metros até ao quilómetro. A prova está a despertar muito entusiasmo, a avaliar pelo número de inscrições recebidas até agora na sede da Federação.

Senhoras correm em Évora

A delegação de Évora da Direcção Geral dos Desportos organiza hoje pelas 16 e 30 nos terrenos anexos às piscinas municipais em corta mato feminino em que estarão presentes várias alunas dos diversos estabelecimentos de ensino da cidade. No final serão distribuídas medalhas às primeiras classificadas e uma taça à equipa vencedora.

Les Cristalleries de Baccarat

Encontra-se de passagem em Lisboa um Director Comercial desta importante e acreditada fábrica, que terá o prazer de atender os Ex.mos clientes nos dias e horas a combinar pelos telefones 32 67 91 e 36 90 70 do seu representante exclusivo para o Sul do País

ANTIGA CASA
JOSÉ ALEXANDRE
8 a 18, Rua Garrett
LISBOA

CASSIUS CLAY:

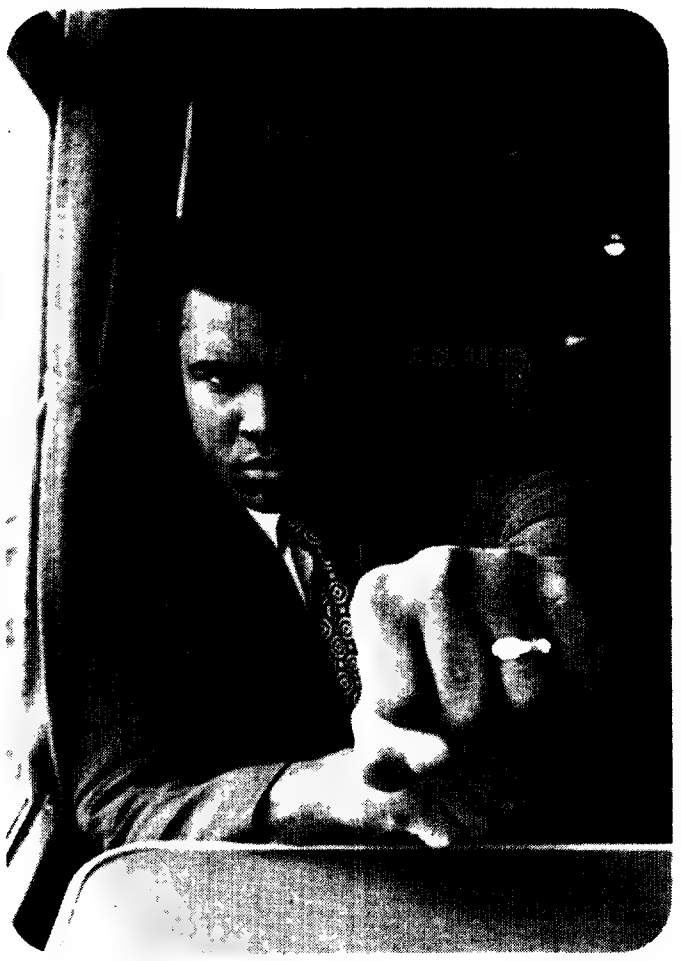
UNS MURROS NA CHINA

Tóquio, 17 (Reuter) — Muhammad Ali, o antigo campeão mundial de «pesados», confirmou que tenciona visitar a China, em breve, a convite do governo chinês.

O pugilista, que chegou a Tóquio para defrontar Mac Foster no próximo dia 1 de Abril, num combate de quinze «assaltos» que não conta para o título, disse que partirá para Pequim dois dias após este combate, permanecendo cinco dias na capital chinesa, mas sem saber ainda qual será o programa da sua visita.

Ali parece ter ficado espantado com o grande número de jornalistas japoneses que o aguardavam no aeroporto e quase o sufocaram. Mais tarde, durante uma conferência de Imprensa, mostrou-se igual a si próprio exibindo a conhecida exuberância.

Ali disse que precisa de ganhar este combate em Tóquio para poder disputar o título novamente ao campeão mundial Joe Frazier e quando lhe perguntaram qual a sua previsão sobre o resultado disse que espera «despachar» Foster em cinco «assaltos» embora não possa dar a certeza absoluta...



«Vou limpar Mac Foster»

O pugilista negro disse ainda: **«Durante os problemas que eu tive com o exército para não ser recrutado e enviado para o Vietname, Foster afirmou que eu devia ter ido ao Vietname ou ser preso por não ir. Isso é mais um motivo para eu lhe dar uma sova».**

Foster, actualmente com 29 anos, passou seis anos nos Fuzileiros Navais antes de se tornar pugilista profissional, aos 25 anos. Até agora obteve 30 vitórias por K.O. e, tal como Ali, perdeu apenas um combate.

O próximo combate entre Foster e Ali será o primeiro na categoria de «pesados» que se realiza no Japão sendo transmitido pela Televisão para 25 países da Ásia, Europa e América.

KIT JONES: agora só jogador

Ernesto, que até há bem pouco tempo vinha orientando as equipas inferiores do basquetebol do Sporting, passou a desempenhar essas funções na turma principal, a pedido de Kit Jones.

O americano, que esta época ingressou no Sporting com as funções de treinador-jogador, resolveu pedir à secção que prescindisse da sua orientação, pois durante os jogos mostra-se demasiadamente nervoso e não pode falar com os colegas como desejaria. A secção de basquetebol do Sporting compreendeu perfeitamente a sua pretensão e já contra o Benfica e o Carnide o «cinco» foi orientado por Ernesto, a contento de todos.

Tudo ficou resolvido num jantar dos elementos ligados ao basquetebol leonino, em que estiveram presentes todos os jogadores e dirigentes da secção. Esta atitude de Kit Jones caiu bem fundo em todos. Os seccionistas do Sporting já estão a pensar na próxima época e em bons reforços, tal como em algumas dispensas. Nomes bem conhecidos da modalidade já se ofereceram ao clube e um bom treinador faz parte dos planos leoninos. Na altura precisa (e quando os jogadores estiverem livres de compromissos) se saberá mais qualquer coisa sobre o assunto.

Corta mato de jovens em Setúbal

Organizado pela Comissão dos II Jogos de Setúbal, disputou-se, nos terrenos de Nova Sintra, uma prova de corta mato juvenil em que estiveram presentes 484 jovens (328 rapazes e 156 raparigas.)

Os jovens estudantes (de diversas escolas primárias do concelho de Setúbal e Palmela e ainda do Liceu de Setúbal, Escola Preparatória de Bocage e Escola Industrial de Setúbal) foram divididos em diversos escalões. Vencedores: escalão A (8,9 anos) Isabel Soares (Quinta da Alegria), Fernando Cruz (Escola Primária n.º 5); escalão B (10, 11 e 12 anos) Julia Teixeira (Escola primária 13 e 14) Mário Guardião (Botafogo das Cabanas); escalão C (13, 14, 15 anos) — Lucinda Malhante (Escola Industrial de Setúbal) Carlos Correia (individual). Por equipas venceu o Bombeiros Voluntários de Palmela.

O torneio teve como «responsável» Fernando Marques e, no final, foram entregues pelos pais dos jovens medalhas aos vencedores.

Mini-taça já tem calendário:

PORTUGAL ESTREIA-SE A 11 DE JUNHO

A Mini-Taça do Mundo, futebol, que decorrerá de 11 de Junho a 9 de Julho, no âmbito dos festejos do 150.º aniversário da Independência do Brasil, tem já calendário:

Grupo um — 11 de Junho, em São Salvador (Baía) França-Colombia e em Aracajú (Sergipe): Argentina-Selecção de África (a Selecção da América Central está isenta); 14 de Junho, em Maceió: França-Selecção de África e em Aracajú: Selecção da América Central-Colômbia (a Argentina está isenta); 18 de Junho, em Aracajú França-Selecção da América Central e em Maceió Argentina-Colômbia, (isenta a selecção da África); 21 de Junho, em Aracajú: Argentina-Selecção da América Central e em Maceió: Colômbia-Selecção de África (isenta a França); 25 de Junho em São Salvador: Selecção de África-Selecção da América Central e em São Salvador: França-Argentina (isenta a Colômbia).

Grupo dois — 11 de Junho, em Recife: Portugal-Selecção da Ásia e em Natal: Irlanda do Norte-Equador (isento o Chile) 14 de Junho, em Recife: Irlanda do Norte-Selecção da Ásia e em Natal: Equador-Chile (isento Portugal) 18 de Junho, em Recife: Chile-Irlanda do Norte e em Natal: Portugal-Chile (isenta a Irlanda do Norte) 21 de Junho em Recife: Chile-Irlanda do Norte e em Natal: Equador-Portugal (isenta a Selecção da Ásia) 25 de Junho em Recife: Chile-Selecção da Ásia e em Natal: Portugal Irlanda do Norte (isento o Equador)

GRUPO TRES — 11 de Junho, em Manamus-Peru Venezuela e em Campo Grande: Jugoslávia-Bolívia (isento Paraguai) 14 de Junho, em Manaus: Jugoslávia-Venezuela e em Campo Grande: Peru-Paraguai (isento Bolívia) 18 de Junho, em Manaus: Jugoslávia-Paraguai e em Campo Grande: Venezuela-Bolivia (isento Peru) 21 de Junho em Manaus: Bolívia-Peru e em Campo Grande: Paraguai-Venezuela 25 de Junho, em Manaus: Bolívia-Paraguai e em Campo Grande: Peru-Jugoslávia (Isento Venezuela).

Os vencedores de cada grupo vão ás meias-finais ou entram em luta com as equipas classificadas por fora das eliminatórias: Brasil Uruguai Escócia, U. R. S. S. e Checoslováquia. Os vencedores das meias-finais disputam, em 9 de Julho, a final: no Estádio de Maracanã, do Rio de Janeiro, defrontando-se também os segundos para o terceiro lugar.

O TRAÇO DE PARGANA

José Henrique: a melhor forma de sempre

MOTONÁUTICA

Federação divulgou planos para 1972

Num hotel da capital a Federação Portuguesa de Motonáutica, ofereceu um cocktail aos Orgãos de Informação durante o qual foi divulgado em pormenor o seu plano de actividades para 1972, principalmente sobre o III Torneio de Barragens, IV Grande Prémio do Mercado da Primavera e Londres-Monte Carlo em «Off-shore». Bàsicamente concebido nos mesmos moldes das duas anteriores edições, o III Torneio de Barragens apenas difera dos mesmos em pequenos pormenores tendentes a tornar mais justas algumas formas de classificação.

Quanto ao IV Grande Prémio, que se disputa no Tejo, frente ao Mercado de Abril, em 20 e 21 de Maio, já se encontra totalmente estruturado nos mais pequenos pormenores e para ele foram convidados os melhores pilotos da Europa. As presenças do italiano Pippo Calcaterra e do inglês R. Koppock foram já confirmadas.

Como é tradicional, grande número de espanhóis e franceses estarão presentes, o que faz prever um conjunto de 70 a 80 barcos em competição.

Sobre o Londres-Monte Carlo falou o Conde de Caria que foi pessoalmente convidado pelo «Off-shore Powerboat Club of Great Britain», organizador desta prova, para coordenar a mesma na sua passagem pelo nosso País onde terá três escalas respectivamente em Leixões, Cascais e Portimão.

Transmitidas directamente pela Eurovisão as partidas e chegadas de cada etapa além de diversos aspectos do percurso que será seguido por helicópteros, aviões e navios de guerra especialmente equipados para esta cobertura, será fácil adivinhar a grandeza desta prova, que neste momento conta já com mais de 100 barcos inscritos, alguns deles com 1 200 H.P. de potência.

A prova terá início a 10 de Junho e terminará a 24 em Monte Carlo.

A tripulação terá de ser constituída obrigatòriamente pelo menos, por três elementos ou seja um piloto, um navegador e um mecânico. Os barcos estarão sujeitos a normas muito rígidas e fiscalização e deverão ter um motor de recurso, além de duas jangadas de enchimento automático, para o caso de naufrágio, e dois rádio emissores-receptores.

Os prémios são muito valiosos; 5 000 libras para o 1.º, 2 000 libras para o 2.º e 1 500 libras para o 3.º, além de outros para o melhor classificado com motor diesel, 1.ª equipa feminina, indice de performance, etc.

A PÁSCOA EM PARIS!

(ACOMPANHANDO O BENFICA)

Partida: 31 de Março **Regresso: 3 de Abril**

Preço Esc. 4.890$00 (suplemento de Esc. 600$00 para quarto individual)

Incluj: Passagem aérea Lisboa/Paris/Lisboa, Hotel de luxo (dormida e pequeno almoço), transfers Aeroporto/Hotel/Aeroporto, bilhete para o jogo BENFICA-BAYERN de Munique e ESPECTÁCULO NO LIDO com direito a 1/2 garrafa de champanhe.

Inscrições:

Viagens MERCURY Turismo

LISBOA — Av. da Liberdade, 161 — Tel. 561081
PONTE DA BARCA — Pr. do Município — Tel. 42178
e Comissão Central do Sport Lisboa e Benfica

bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efec	Compra	Venda
Cons 2 3/4	–	435$	–
Cons. 3 %	–	–	–
Cons 3 1/2	557$	–	557$
Centenários	–	–	1.284$
Tes 5 % 57	1.000$	–	–
Tes. 5 % 59	1.000$	–	–
Exter 1ª s	590$	–	–
Extern 1ª c	–	–	–
Extern 3ª s	–	775$	–
Extern 3ª c	800$	800$	–
Caut 3ª s	–	–	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	–	940$	945$
C M L 5 3/4	–	1.000$	1.002$
C P 5,5 % — 67	–	970$	–
C P. 5,5 % — 68	–	–	970$
C P 5,5 % — 69	–	–	–
Corr. 5 3/4 %	–	950$	970$
Metr 5 3/4 %	–	975$	990$
Tur 5 3/4 %	1.003$	1.000$	1.003$

ELÉCTRICAS

G. 5 % — 58	–	–	860$
G. 5 % — 59	–	–	870$
G. 5 % — 62	–	970$	–
G.. 5 % — 63	–	–	–
G.. 5 % — 64	–	–	–
G.. 5 % — 65	–	–	–
G.. 6 % — 67	–	–	995$
G.. 6 % — 69	90$	–	995$
H. E A A. 5 %	830$	825$	830$
H. E. C. 5 %	–	960$	–
H. E D. 5 %	830$	825$	–
H. E. D. 6 %	960$	960$	96! $
H E. N P 5 %	–	–	–
H E. S E 5 %	–	955$	–
H. E S. E 6 %	–	–	–
H. E. Z. 5 % — 57	–	850$	–
H. E. Zêz 6 %	–	–	–
N Elec 5 %	–	–	–
N Elec. 6 %	–	–	–
Termoel 5 %	–	–	820$
U. E P 5 % — 60	770$	750$	–
U. E P 5 % — 63	–	–	–
U E P 6 %	–	–	970$

DIVERSAS

A. P. T. 5 % — 56	–	890$	–
A. P. T 5 % — 58	895$	890$	895$
Lisnave 6 %	–	940$	–
Nitratos — 60	–	–	–
Pet 2.ª e 3.ª	–	870$	–
P Celul 5 %	–	–	–
Sacor 5 % — 54	–	–	970$
Sacor 5 % — 60	–	840$	850$
Sid 5 % — 2.ª	–	–	–
Sid 5 % — 3.ª	–	800$	–
Sid. 5 % — 4.ª	–	–	–
Socel 5 %	–	920$	–
U. Fabril 67	950$	950$	960$
U. Fabril 68	–	950$	955$

ULTRAMARINAS

Carbonif. 5 %	–	600$	–
Rev. 5 % -57	–	700$	–
Rev 5 - 59/60	–	700$	–
Moçamb 5 %	430$	420$	450$
Sonefe 5 %	810$	810$	–

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	2.810$	2.800$	2.830$
Alentejo	1.395$	1.390$	1.395$
Angola	3.500$	3.480$	3.500$
Cred Predial	6.750$	6.700$	6.750$
Esp Santo	8.700$	8.700$	8.750$
Fomento	4.400$	4.350$	4.400$
F & Burnay	–	–	–
N Ultr m	–	5.130$	5.200$
N Ultr c	5.650$	5.630$	5.650$
Portugal n	4.900$	–	4.920$
Portugal p	–	–	6.400$
P Atlântico	8.670$	8.650$	8.700$
Totta & Açores	5.820$	5.800$	5.850$
Borges & Irmão	7.950$	7.950$	8.000$
Algarve	–	–	–

De Seguros

Alentejo	151$	151$	155$
Bonança	–	–	–
Mundial	1.220$	1.210$	1.220$
Soberana	–	1.700$	1.750$
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C P E p	1.129$	1.129$	1.130$
C P E n	–	1.115$	–
E Beiras	1.800$	1.750$	–
G Elec c	363$5	363$	364$
H E A A	192$	192$	193$
H E N P	–	235$	240$
H E S E	–	1.870$	–
U E P	203$	202$	204$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.340$	1.335$	1.340$
Ag Incomati	2.900$	2.850$	2.900$
Ag S T e P	–	170$	–
Aç Angola	1.020$	1.020$	1.050$
Alg. Angola	–	–	–
Ang Agric.	–	750$	790$
Boror	–	122$	–
Boror Com	–	75$	80$
Buzi	84$	83$	84$
Cabinda	155$	150$	152$
Com Lobito	–	855$	860$
D A — T 100	–	2.00$	2.030$
H E Revué	–	–	–
I do Princ	–	–	–
Moçambique	–	170$	172$
Sonefe n	–	390$	–
Sonefe p	–	400$	405$
Zambézia	–	65$	67$

Diversas

Ag Lx ant	–	–	–
Ag Lx — 34	458$	455$	458$
Ag Lx — 36	–	–	–
Cel Guadiana	5.200$	5.150$	–
C Leiria p	5.300$	5.300$	5.350$
C Tejo p	14.500$	14.500$	–
F Ramada	–	–	1.500$
Fornos E éct	142$	141$5	142$
P Celulose	4.180$	4.150$	4.200$
Siderurgia p	4.600$	4.600$	4.650$
Siderurgia n	3.050$	3.050$	3.070$
Socel	3.700$	3.700$	3.750$
Cidla	7.000$	6.950$	7.000$
C U F	–	3.470$	3.500$
Intar	570$	–	570$
Nitratos	–	1.100$	–
Petroquimica	1.170$	1.160$	1.200$
Sacor	–	3.010$	3.050$
Tab. Portugal	–	–	2.00$
Tabaqueira	–	7.600$	7.700$
U F. Azoto	950$	–	950$
Empor	290$	280$	–
Ind Aliança	–	–	–
I P Colón	–	1.030$	1.040$
Nac Naveg	7.050$	7.020$	7.100$
Naveg (Col)	2.500$	2.500$	2.550$
P Pesca	1.080$	–	1.100$
R Marconi	1.550$	1.540$	–
T A P	1.320$	1.310$	1.320

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	—	—	—
F I D E S	—	—	—

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul - Rands	29$50	33$v0
Alemanha - Marco	8$35	8$65
America		
Dollars de 1 e 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Novo		
Austria Schilling	1$16	1$21
Belgica Franco	$60	$63
Brasil Cruzeiro	3$70	4$70
Canadá Dolar	26$50	27$30
Dinamarca - Coroa	3$70	4$00
Espanha - Peseta	$40	$42
França - Franco	5$30	5$60
Holanda - Florim	8$40	8$70
Inglaterra - Libra	70$00	72$00
Italia - Lira	$04,45	$04 75
Marrocos - Dihran	5$00	5$50
Noruega Coroa	3$90	4$20
Suecia Coroa	5$45	5$75
Suiça Franco	6$93	7$18
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	350$00	370$00
Inglaterra - 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino Barra	42$50	44$50

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

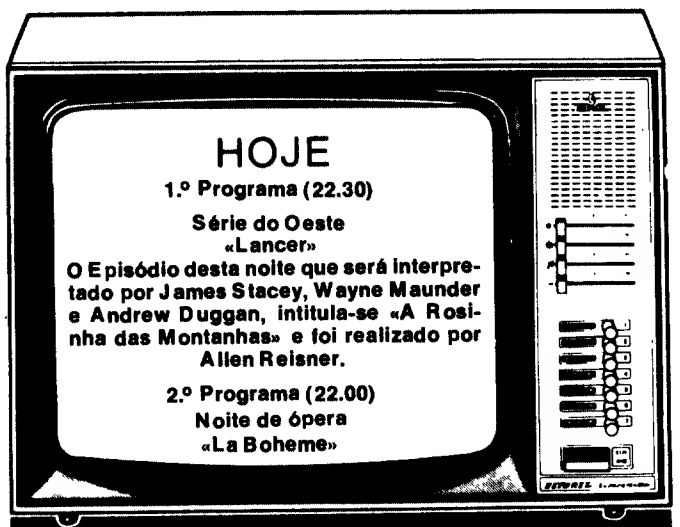
ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52 - 54 - LISBOA - Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO Telex 470 ALAPIP

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 = 100)

	10-3-72	16-3-72	17-3-72
GERAL	183,5	183,7	183,7
METROPOL	183,9	184,4	184,4
ULTRAM	180,9	178,6	178,9

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino Singular
13.15 Filme de série «Nanny e o Professor»
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil «Os Poucetofes»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Um poeta... um livro
20.00 Ponto de vista
20.25 Auditório musical
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Frente a frente
22.30 Série do Oeste - «Lancer»
23.30 Telejornal - últimas notícias
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.40 Vária
21.00 Filme de série «Nanny e o Professor»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Noite de ópera «La Boheme»
00.00 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Dó Lá Si
14.25 Hoje pode ver...
14.35 TV Educativa
15.00 Daniel Boonne
15.55 Eurovisão - Ráguebi - Escócia-Inglaterra.
17.35 Teledesporto
18.00 Madeira um imenso sol
18.15 Nós as mulheres
18.45 ...E a vida continua...
19.00 Presença no Brasil
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Skippy
20.15 Ensaio
21.05 Se bem me lembro
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 A mulher vestida de branco
22.30 Estúdio C - Com a participação do conjunto New Seekers.
23.20 Telejornal - últimas notícias
23.30 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.40 O caso da semana
21.00 Viver no campo
21.00 Telejornal - 3.ª edição
21.55 Boletim meteorológico
22.00 Século XXI
22.30 A viagem do pequeno Jaimie
23.30 Fecho.

baterias TUDOR pilhas

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado; o vento era fraco e havia nevoeiro ou neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	9.º
P. DOURADAS	3.º
COIMBRA	—
PORTALEGRE	10.º
LISBOA	8.º
FARO	13.º
FUNCHAL	14.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:	
FONTE BOA	18.º
Mínima:	
PENHAS DA SAÚDE	0.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	13.º
Atmosfera	12.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.18	4.9 m	11.01	0.4 m
17.40	4.1 m	23.09	0.5 m
Dia 18			
6.00	4.1 m	11.41	0.6 m
18.21	4.0 m		
Dia 19			
6.44	3.9 m	0.02	0.6 m
19.04	3.8 m	12.23	0.8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado com aumento de nebulosidade para a noite em especial nas regiões do Norte; vento fraco, possibilidade de ocorrência de neblina ou nevoeiro.

AMANHÃ

Nascer ás 7.45
Ocaso ás 19.46

Dia 22	Dia 29	Dia 6	Dia 13

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Convívio - Programa da Juventude
17.30 Melodias de cinema
18.05 Ao encontro da melodia, com Ferrante e Teicher
18.30 Forças armadas (Programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional)
19.10 Passatempo musical
20.00 Diário sonoro
20.20 Hausi Roles em citara
20.30 8.º episódio do folhetim «A vida de S. Paulo»
20.50 O organista Freddy Balta
21.00 Junção com o MF 1, (que passou a transmitir em estereofonia) - Polaca N.º 7 em lá bemol maior, op. 61 (Chopin)
21.15 Transmissão, do Teatro Nacional de S. Carlos, da ópera em 4 actos «Norma» (Bellini). No 1.º Intervalo: Flores de Música (Manuel Rodrigues Coelho) Orgão: Antoine Sibertin-Blanc. No 2.º Intervalo: Peça de concerto em fá menor, op. 79 (Weber). No 3.º Intervalo: Momentos Musicais (Schubert) piano: Jorg Demus. No final: Desdobramento (Separação da Média 1, do Programa Estereofónico) Diário sonoro. No final do Diário Sonoro: Junção com o programa em FM2. Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho.

Programa estereofónico - MF1

21.00 Junção (com o 1.º programa) Polaca n.º 7, em lá bemol maior, op. 61 (Chopin)
21.15 Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos da Ópera em 4 actos: «Norma» (Bellini) No 1.º Intervalo: Flores de Música (Manuel Rodrigues Coelho). No 2.º Intervalo: Peça de concerto em fá menor, op. 79 (Weber). No 3.º Intervalo: Momentos musicais, de Schubert. No final: Desdobramento (Saída de Lisboa 1 e Regionais). Fecho.

Programa em MF 2

22.58 Desdobramento - separador
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.00 De um dia para o outro (cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

16.00 C.D.C.
18.00 «Programa Movimento»
21.03 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Grande roda
0.02 «P.B.X».
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Programa CDC
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à GÔ-GÔ
00.02 Em órbita-dois
1.02 Banda sonora
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiorama
18.00 Moody Blues
18.30 Terço e bênção da Basílica dos Mártires
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página 1
20.30 Continuação do programa «Página 1»
20.58 Meditando
21.02 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Marian Marciak
23.00 A 23.ª hora.

Estação do Porto

16.00 Radiorama
18.00 Tangos
18.30 Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página um
20.30 Continua Página Um
20.58 Meditando
21.02 Os novos emissores em marcha
22.00 Auditório
23.00 A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR
Das 07.00 ás 08.00 das 10.00 às 12.00 e das 19.30 ás 22.00
C. RADIOFÓNICO DE LISBOA
Das 12.00 ás 14.30
RÁDIO GRAÇA
Das 08.00 ás 10.00 e das 14.30 ás 17.00
RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 17.00 ás 19.30 e das 22.00 ás 02.00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lídia, Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318).

ALCÂNTARA:
Probidade, R. de Alcântara 15-A (Tel. 638589); **Infante Santo**, Rua do Olival, 290 (te. (661003)

ALFAMA:
Anunciada, Rua do Vigário, 74 (Tel. 866360).

ALTO DO PINA
Eusil, Rua Barão Saborosa, 104 (Tel. 841912).

ALVALADE:
Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (Tel. 765262); **Alentejo**, Avenida da Igreja, 28-B (Tel. 712682); **Belo**, Avenida de Roma, 53-A (Tel. 776314), **Estados Unidos**, Avenida dos Estados Unidos da América, 16-B (Tel. 725859).

AMEIXOEIRA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tel. 790969).

ANJOS:
Guerra, Rua Andrade, 32 (Tel. 845513).

AREEIRO:
Central, Avenida Paris, 2 (Tel. 720820).

ARROIOS:
Brasil, Rua Alves Torgo, 29-31 (Tel. 46843).

AVENIDAS NOVAS:
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (Tel. 763016); **Cardote**, Avenida Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da Republica) (Tel. 772291); **Saldanha**, Avenida Praia da Vitória, 53 (Tel. 43938).

BAIRRO ALTO:
Durão, Rua Garret, 90 (Tel. 324166).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216).

BAIXA:
Frazão, Rua das Portas de Santo Antão, 72 (Tel. 328180).

BENFICA:
Marques, Estrada de Benfica, 648 (Tel. 700096); **Vilex**, Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548), **São João**, Estrada da Luz, 124-A (Tel 783179).

CAMINHOS DE FERRO:
Alves de Carvalho, Rua Vale de Santo António, 7-9 (Tel. 480125).

CAMPOLIDE:
Imparcial, Rua General, Taborda, 28 (Tel. 680931); **Rualto**, Alto de Carvalhão, 5-B (Tel 651721)

CAMPO DE OURIQUE:
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Tel. 66606); **Almeida**, Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726).

CHARNECA DO LUMIAR:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 324166).

CHIADO:
Durão, Rua Garrett, 92 (Tel. 324166)

CONDE REDONDO:
Branco, Avenida Duque de Loulé, 61 (Tel. 45048).

ESTRELA:
Gama, Calçada da Estrela, 130 (Tel. 660339).

GRAÇA:
Monte (do) Rua Senhora do Monte, 30-A/B (Tel. 867842), **Progressiva**, Rua de Santa Marinha, 18 (Tel 863619).

GRILO:
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Tel. 385264).

LUMIAR:
Patuleia, Rua do Lumiar, 122 (Tel. 790332).

MADRAGOA:
Lys, Rua da Esperança, 17 (Tel. 660913).

OLIVAIS:
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivais-Sul) (Tel. 311091); **Central**, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Tel. 315539).

PEDROUÇOS
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira 11-C (Tel. 610741).

PENHA DE FRANÇA:
Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (Tel. 842533).

PICHELEIRA:
Marluz, Calçada da Pichelei-ra, 140-B (Tel. 720703-728391).

RESTELO:
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741).

SANTO AMARO:
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A (Tel. 637070).

S. MAMEDE:
Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (Tel. 325455).

S. PAULO:
Ultramarina, Rua de S. Paulo, 99-101 (Tel. 321771).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Sirius, Rua Fialho de Almeida, 38-A (Tel. 44000).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Telef. 213161)

CAXIAS:
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)

OEIRAS:
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058)

PAREDE:
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Telef. 263052)

ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Telef. 260391)

CASCAIS:
Cordeiro, Av. Comb. G.Guerra, 40 (Telef. 280170); **Nova**, Est. de Alvide-Fontainhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Telef. 934589); **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072); **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (Telef. 938551)

DAMAIA:
Confiança, Est. Militar, Lote D (Telf. 2710231)

VENDA NOVA:
Girassol

QUELUZ:
Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045); **Correia**, L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)

CACÉM:
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)

MEM MARTINS:
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim (Telef. 980456)

SINTRA:
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832)

COLARES:
Colares, Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)

ALHOS VEDROS:
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)

ALMADA:
Nuno Álvares; Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (elef. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA:
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)

BARREIRO:
Piçarra, Av. do Bocage, 65 (Telef. 2274774)

COVA DA PIEDADE:
Atlantico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Telef. 2764466)

MOITA:
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)

MONTIJO:
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 230008)

SESIMBRA:
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)

SETUBAL:
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Telef. 22408); **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco (Telef. 23211)

SEIXAL:
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A

Alírio de Barros, Suc. R. de Costa Cabral, 240; **Central**, Rua Santo António, 203; **Gomes Carneiro**, Rua Cedofeita, 348; **Magalhães**, Rua Serralves, 566; **Nova de Monsanto**, Rua Monsanto, 148; **Ribeiro Júnior, Suca**, Rua Firmeza, 99-A

SUB-TURNO B

Correia, P. M. de Albuquerque, 50; **Corujeira (da)**, R. S. Roque Lameira, 1473; **Couto**, L. S. Domingos, 106; **Lapa (da)**, Rua Antero Quental, 211; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140

COIMBRA

Montes Claros, R Dr. António J. Almeida, 69 (tel. 25904); **Viegas e Coelho**, R. da Sofia, 19-21 (tel. 22089) **Higiene**, Rua Fernandes Tomaz, 4 (tel. 22634).

cinemas

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
3.ª Semana de gargalhada com Renato Rascel, G. Granata e C. Ginffré. Às 0,30 (Adultos) PASSOS NA NOITE com Robert Taylor e Bárbara Stanwyck. Amanhã STUDY IN TERROR - SHERLOCK HOLMES.

LYZ (Tel. 48560)
14.45 - 21.00 Adultos
SOL VERMELHO com Ursula Andress e Alain Delon e CAMARADA PRINCESA, AGENTE EM LONDRES (Sábado e domingo 3 espectáculos).

EUROPA (Tel. 661016)
21.30 (Grupo C - 14 anos)
A PARTE DE LEÃO. Às 15.15 última para adultos de « VIÚVA COUDERC. Sábado e Domingo às 18.15 (6 anos) A FLAUTA ENCANTADA

ALVALADE (Tel. 717480)
21.45 Estreia
(Grupo A-6 anos)
ÁGUA AZUL, MORTE BRANCA em Tecnicolor. Às 15.15 (Adultos) última de REMORSO.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15-18.15 (a pr. Red.) 21.30
(Grupo D-18 anos)
4.ª semana de êxito
OS INCORRUPTÍVEIS CONTRA A DROGA - «The French Connection» c/ Vene Hackman Roy Scheider, Fernando Rey

BERNA (Tel 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
4.ª semana de êxito.
Grupo C (M 14 anos)
Faye Dunaway, Maurice Ronet e Barbara Parkins na aventura UMA CASA À SOMBRA DAS ARVORES Um filme colorido de René Cllement

VOX (T. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo D (18 anos)
10.ª Semana
A obra-prima de Joseph Losey com Alan Bates e Julie Cristie O MENSAGEIRO. Palma de Ouro do Festival de Cannes em 1971. Technicolor

AVIZ (T. 47173)
15.15 - 21.30
Grupo B (10 anos) 3.ª Semana
O Western do ano em Eastmancolor-Scope.
TRINITA - COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bub Spencer. Color-scope.

ESTÚDIO 444 (T. 779095)
15.30-18.30-21.45
Grupo D (18 anos) (Tecnicolor)
6.ª Semana. VEJO TUDO NU com Nino Manfredi e Sylva Koscina. Amanhã às 0,30 (10 anos) A GRANDE PARÓDIA VEJO TUDO NU com Nino Manfredi e Sylvia Koscina.

MUNDIAL (Tel. 538743)
21.45 ESTREIA
(Grupo C - 14 anos)
VIDA NOVA. A história de um play-boy) falido. Às 15.15-18.30 (Adultos) últimas de DESTINOS NAS TREVAS

APOLO 70 (T. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.30
5.ª Semana.
Grupo D (18 anos)
O PASSADO E O PRESENTE uma comédia de Manuel de Oliveira. Hoje às 0.30 (Adultos TOTO CONTRA 4 com Toto.

LONDRES (T. 730579)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Grupo D (18 anos)
7.ª Semana. Um filme de Andrea Cayatte MORRER DE AMAR c/ Annie Girardot, Grande prémio do Cinema Francês Cinema - Snack-bar - Pub THE FLAG. Faça 3 coisas num sitio só.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
(Grupo D - M. 18 anos)
O GOLPE com Jean-Paul Belmondo e Omar Sharif.
QUINZENAS DO BOM CINEMA.
Hoje às 18.30 (Grupo C - 14 anos) A ILHA. 2.ª feira dia 20 (Adultos) A VERGONHA

CONDES (Tel. 322523)
ás 14.15-16.30-18.45 e 21.45 h.
Grupo D-(M. 18 anos)
A VIRGEM E O CIGANO Joanna Skninkus - Fianco Nero em 2.ª Semana (Colorido).

EDEN (Tel. 320768)
21.45. Estreia.
(Grupo D - 18 anos)
O CAIXÃO com Christopher Lee e Vincent price.

LIDO (Tel. 937593-935834)
21.30
(Grupo D-18 anos)
O JOELHO DE CLAIRE uma genial reflexão sobre o amor e o desejo

S. JORGE (T. 54153)
15.15-18.15-21.30
(Grupo D-18 anos) 2.ª semana de êxito
O IMORAL com Ugo Tognazzi e Stefania Sandrelli
Amanhã às 21.30
Estreia de DUAS MULHERES... UM DESTINO

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30-18.30-21.45
(Grupo B - 10 anos)
TEMPOS MODERNOS
O mais moderno filme de todos os tempos - 8.ª Semana

ROMA (T. 727778)
15.30 e 21.45 h.
Grupo B (10 anos). 3.ª Semana.
TRINITA - COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill
Eastmancolor-scope

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30-21.45
(Grupo C - 14 anos)
A FONTE DA VIRGEM. O filme que ganhou o Oscar da Academia Americana e o Globo de oiro de Hollywood

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
GANINGO

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
5.ª Semana
NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
Grupo D (M. 18 anos)
17 ANOS CABELOS LOUROS c/ Elga Anderson e Udo Jurgens e DESEJO PERVERSO
Domingo às 18.30 espectáculo infantil.

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
QUANDO NOS AMAMOS e A NOITE ESCALDANTE DO INSPECTOR JOSS com Jean Gabin. Amanhã Carol Baker em Paranoia.

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 21.30
(Grupo D-18 anos) 2.ª semana
KLUTE com Jane Fonda e Donald Sutherland em Eastmancolor (Hoje ás 18.30
(Grupo D - 18 anos) III Panorama do cinema de animação. No Foyer do 1.º balcão exposição de documentos e desenhos.

BARS BOITES

ADEGA MACHADO — Cantam: Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Árautos. Tocam: Liberto Conde e Américo Silva. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Encerra às segundas-feiras. Consumo mínimo: 70$00. **Rua do Norte, 91. Telefs. 30095 e 28713.**

SANZALA — Um pouco de África em Lisboa. Música constante. Encerra às 03.30 horas. **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver). **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

ADEGA MESQUITA Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bizarro e Alcindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo: 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 328307.**

TIMPANAS — Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo: 62$50 (taxas incl.). **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

CASEBRE Carlos Barra, Arminda da Conceição, Zelia Lopes e Maria Jô-Jô. Tocam Jorge Fontes e Julio Gomes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **R. da Barroca, 133. Telefs. 369760**

«PORTAS DO SOL» — Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé, 86. -ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

ARREDA — Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam: Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.as feiras. Consumo mínimo: 62$00 (taxa incl.). **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

HIPOPÓTAMO — Com Hélder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

teatros cinemas

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 - 18 anos
«Uma cama para toda a gente»

VARIEDADES
21.45 - 18 anos
«Empresta-me o teu apartamento»

LAURA ALVES
21.45 - 18 anos
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

CAPITÓLIO
20.45 e 23 - 18 anos
«Ora bolas pró pagode»

VILARETT
21.00 - 23.00 (18 anos)
«Tartufo»

LISBOA/Cinemas

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Coisas da vida»

MAYER
21.00 (17 anos)
«Justine»

PARIS
21.30 (18 anos)
«A mulher e o desejo».

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Manobras de amar»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«Black Jack»

OLÍMPIA
21.00 (14 anos)
«Reverendo Colt»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21 e 30 (18 anos)
«O Ultimo Homem da Terra»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21.30 (10 anos)
«Sangsters falhados»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (14 anos)
«Garrinco»

Palácio
21.30 (10 anoa)
«Olhos verdes, loira perigosa»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Caça ao homem»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.30 (18 anos)
«O Passado e o Presente»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (17 anos)
«Os Pára-quedistas»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (10 anos)
«A Pistola do Mal» e «Hércules contra Sansão».

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Comando suicida»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«O Inimigo público»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«A Casa de Bernarda Alba»

SÁ DE BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Querida Mamã.

PORTO/Cinemas

ODEON
21.30 (10 anos)
«Hércules contra o filho do Sol»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Sol Vermelho»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Morrer de amar».

COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Amante»

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«O Passado e o Presente».

BATALHA
21.30 (18 anos)
«A noite fez-se para amar»

ESTUDIO
21.30 (18 anos)
«A Faca na água»

S. JOAO
21.30 (18 anos)
«O Doce corpo do delito»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Entre duas margens»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«10.000 dólares por um pisleiro» e «Os três centuriões»

OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«Garringo»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«A transplantação»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (10 anos)
«Tempos Modernos»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«A Grande Odisseia»

AVENIDA
21.30 (14 anos)
«Ivan o terrível».

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO. 185-1 º2,ºE-4 º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

ESTE INSÓLITO MUNDO

ESTACIONAMENTO LEVA À MORTE

Dois filipinos mataram-se a tiro durante uma altercação, segundo se julga, por causa de um lugar para estacionar o carro.

Os dois homens, motoristas de um deputado e de um homem de negócios, tinham parado numa rua movimentada, em frente do adro de uma igreja, quando se envolveram em discussão, que terminou com uma cena de tiros e a morte dos dois contendores.

Começou o estudo do porto de Sines

Foi assinado, na delegação de Lisboa do Gabinete da Área de Sines, o instrumento de adjudicação do estudo prévio, ante-projecto e projecto do porto de Sines ao agrupamento constituído pelas firmas Consulmar, Consultores para Estruturas e Instalações Portuárias, Ld.ª, Bertlin and Partners, Consulting Engineers, de Londres, e Lusotécnica, Consultores Técnicos Industriais.

Estiveram presentes, como representantes do Gabinete da Área de Sines, o seu director, eng.º António Martins, e o eng.º Carlos Macedo, e pelo agrupamento de consultores os eng.ºs Olívio de Sousa Bento e Viriato Morgado, pela Lusotecna e João Frederico Freitas Falcão e Eduardo Ribeiro Pereira pela Consulmar e sua associada Bertlin and Partners.

A adjudicação, feita após aprovação do Presidente do Conselho, obriga o agrupamento de consultores a apresentar, no prazo de 90 dias, o estudo preliminar e, no prazo de cem dias após aprovação da sólução escolhida, o ante-projecto e caderno de encargos para abertura do concurso de execução da obra. O valor da adjudicação global dos estudos foi de 7350 contos.

Os estudos desenvolver-se-ão em paralelo com os ensaios em modelo reduzido já neste momento em curso no Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Na tarefa de concepção e construção do novo porto, o Gabinete da Área de Sines conta com a colaboração e apoio técnico da Direcção-Geral de Portos.

Também foram abertos pelo Gabinete da Área de Sines, os três primeiros concursos públicos para adjudicação de empreitadas de construção civil com um valor global de base de licitação de cerca de 21 000 contos.

Referem-se estes concursos à execução de diversos trabalhos de urbanização e arruamentos, à construção de 52 fogos, em Sines, e à remodelação do edifício das instalações provisórias da sede do Gabinete em Sines.

Informação técnica para as empresas

Tendo em vista proporcionar às empresas e outras entidades a possibilidade de disporem de informação especializada com um dispêndio relativamente modesto, a Divisão de Informação Técnica do Instituto Nacional de Investigação Industrial manterá, no corrente ano, o Serviço de Reprodução e Divulgação de Artigos Científicos e Técnicos com base numa selecção de revistas estrangeiras recebidas naquele Instituto e na Direcção-Geral dos Combustíveis, na Junta de Energia Nuclear, na Companhia Nacional de Electricidade e na Direcção-Geral dos Serviços Industriais.

Assim, aumentando mais uma vez o número de títulos de revistas que cobrem actualmente os sectores de «Management» (26 títulos), Economia (53 títulos), Química (13 títulos), Biologia (6 títulos), Metalurgia (24 títulos), Madeira, (5 títulos), «Industrial Design» (3 títulos), Energia (40 títulos) e Diversos (18 títulos) continuará a fornecer quinzenalmente uma reprodução dos sumários (índices) das revistas, para o que bastará indicá-las numa ficha destinada a esse efeito.

Pela consulta dos referidos sumários poderão ser solicitadas reproduções dos artigos escolhidos, mediante o preenchimento de requisições apropriadas.

Quaisquer informações podem ser solicitadas à Divisão de Informação Técnica, telefs. 673238/9, ou para a Rua Garcia de Orta, 68, Lisboa-2.

NOTA DA DIRECÇÃO-GERAL DA CULTURA POPULAR E ESPECTÁCULOS

A propósito da reprovação da peça «A Mãe» pela Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos, prestam-se os seguintes esclarecimentos:

1 - A peça «A Mãe», do escritor polaco Stanilas Witkiewicz, nunca obteve, quer na versão em língua francesa quer na versão posterior em língua portuguesa, qualquer decisão de aprovação.

Com efeito, a decisão de reprovação da versão francesa foi comunicada verbalmente em fins de Novembro passado e a reprovação da versão portuguesa em meados de Fevereiro último.

2 - O parecer da Liga Portuguesa de Higiene Mental sobre a cena do consumo de drogas, no 2.º acto, mereceu o maior respeito à Comissão. Continuou esta, porém, a considerá-la conveniente para representação pública.

3 - Há ainda na peça «A Mãe» outro tipo de implicações, que bem se podem entender através da seguinte passagem da entrevista concedida pelo seu encenador à revista «Rádio e Televisão», em 29 de Janeiro: «A personagem principal, o «filho da Mãe», é um ideólogo. Um homem com ideias precisas sobre o que deveria ser o Mundo, mas carecendo de qualidades de militante. Para avaliar da importância desta peça, basta dizer que as ideias que a informam são pràticamente as mesmas que dominaram as reivindicações dos movimentos de Maio de 1968, em França».

(Ler mais notícias sobre «A Mãe» na página 6)

VASCO LEÓNIDAS VAI A BRAGA

Amanhã e depois, o eng. Vasco Leónidas, secretário de Estado da Agricultura, visitará oficialmente o distrito de Braga. O programa da visita é o seguinte: amanhã, às 10 e 15, chegada ao limite do distrito (Ponte de Ribeirão); às 11, posse da comissão promotora da V Exposição-Feira Agro-Pecuária do Norte, no Governo Civil; às 11 e 45, reunião com os técnicos agrícolas no salão nobre da edilidade local; às 13 e 30, almoço de homenagem no Bom Jesus do Monte; e às 15 e 30, partida para Fafe, onde serão inauguradas sa instalações da nova Cooperativa do Mindelo.

No domingo, às 10 e 30, chegada ao limite do concelho de Vila Verde, seguindo-se a visita às obras da Adega Cooperativa de Vila Verde e às 12 e 30, missa no Santuário do Alívio, em Soutelo.

ENTERRO DO MAJOR COSME DE FARIAS

SALVADOR, BAHIA, 17 (ANI) Em local por ele prèviamente escolhido, foi ontem enterrado o major Cosme de Farias, de 96 anos o deputado mais idoso do mundo e o homem mais caridoso da Bahia. Repousa no cemitério da Quinta dos Lázaros, próximo ao local onde está enterrada sua mulher, Os seus funerais foram considerados os maiores que os baianos já viram.

Durante duas horas e 30 minutos a multidão, calculada em aproximadamente 20 mil pessoas, revelou-se carregando o seu caixão, aos gritos de «Cosme é nosso».

Durante toda a sua vida, o major Cosme de Farias teve uma luta incansável contra o analfabetismo.

Dizia sempre não entender como o Brasil, com 500 anos de idade, não acabava com a maior praga do continente: o não saber ler.

Ontem, num percurso de aproximadamente seis quilómetros, a multidão reclamava o encerramento dos estabelecimentos comerciais e os desobedientes eram alvejados à pedrada.

Uma loja foi parcialmente destruída porque o seu gerente se recusou a cerrar as portas.

O major de Farias exercia a função de advogado na Bahia, desde que se reformou, deixando a carreira militar.

Foi vereador quatro vezes e deputado estadual três.

AUTORÁDIOS EM RECLAME
INCLUINDO INSTALAÇÃO E MONTAGEM, A PARTIR DE
990$00
tv pronto RUA DA QUINTINHA 72 A Tels 690102-3 - Lisboa

Últimas

"Rallye das Camélias"

O fecho das inscrições para o Rallye das Camélias, inicialmente marcado para hoje, foi prorrogado até ao próximo dia 21, data em que se realizará também, na sede do Clube Arte e Sport, organizador da prova, o sorteio dos núme ros de ordem dos concorrentes.

JIM FOUCHÉ NO MALAWI

PRETÓRIA, 17 (R.) — O presidente Jim Fouché, da África do Sul, parte hoje para o Malawi, numa visita oficial, levando consigo as melhores esperanças do seu país, de estender para o Norte os elos com países negros africanos.

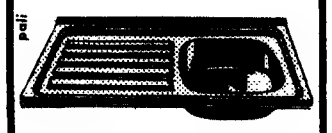
A visita de uma semana do presidente, a primeira efectuada por um chefe de Estado sul-africano a um país independente, governado por negros, é essencialmente uma retribuição da histórica visita feita no ano passado pelo presidente Ramuzu Banda à República da África do Sul.

Embora se espere que a visita provoque menos controvérsia do que a criada pela decisão do presidente Banda, a viagem é um passo importante na política de «olhar para fora» do primeiro-ministro John Vorster.

TERCEIRO IANQUE EXPULSO DO PANAMÁ

PANAMÁ, 17 (F.P.) — O Governo panamiano decidiu expulsar terceiro funcionário da Embaixada dos Estados Unidos, que acusa de «ingerência nos assuntos internos do país», tal como sucedeu com os dois funcionários da Comissão dos Narcóticos. Estes já saíram do Panamá.

Esta vaga de expulsões segue-se às revelações feitas, na terça-feira, pelo cronista Jack Anderson, na sua rúbrica «Merry Go Round» do «Washington Post». Este afirmava que soubera por dois funcionários da Embaixada que o ministro dos Negócios Estrangeiros panamiano, Juan António Tack, e o embaixador do Panamá em Espanha, Moisés Torrijos, estariam implicados em importante tráfico de droga para os Estados Unidos.

Teka

LAVA LOUÇA
INOX 18/8
FABRICADO POR
Teka-Hergóm
REPRESENTANTE
ANSELMO SANTOS
AVEIRO — AV. ARAÚJO E SILVA, 109
LISBOA — R. COR. BENTO ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

"COMO se faz CRÍTICA"

Por **EDUARDO PRADO COELHO**

Sobre um texto de Eduarda Dionísio

«Criticar poesia, fazer crítica de poesia, com aquela confiante e tradicional boa consciência nossa conhecida, é o mesmo que criticar o Sol e as estrelas. No fundo, falamos sempre de outra coisa, e o melhor é sabê-lo para nos poupar ao menos uma suficiência de sonho. (...) O máximo de abertura humana contido na palavra é o que a poesia justamente é e configura. Supor que pode ser julgada a partir de outro horizonte que o da luz por ela criada é conceber que são as trevas quem ilumina o dia».

EDUARDO LOURENÇO

Desenho de TOPOR

1. O número 4 do jornal **Crítica**, com data de Fevereiro de 1972, inclui nas suas páginas um texto de Eduarda Dionísio intitulado «Três críticas». Nele se pretende analisar **«como** se faz crítica» e **«como** são as críticas que se fazem» em Portugal, isto é, falar da crítica **em concreto.** Toma-se como exemplo o acolhimento feito ao livro de **Poesias Completas** de Adolfo Casais Monteiro, editado pela Portugália em 1969. São de três autores os textos estudados: o crítico A (João Gaspar Simões), o crítico B (Eduardo Prado Coelho) e o crítico C (Armando Ventura Ferreira). A conclusão deste (longo) texto é a seguinte: para além das declarações **abstractas** de princípio, há uma plena equivalência entre os três críticos considerados.

Sendo eu o crítico B posto em causa, não posso deixar de analisar o tipo de argumentação de Eduarda Dionísio.

2. O leitor interrogar-se-á legìtimamente sobre as razões que levaram E. D. a ir procurar crítica de 1969 (que qualifica de «relativamente recentes») para observar o modo actual de fazer crítica, e para desta forma intervir numa polémica que, segundo a autora, tem sido mal situada e conduzida. Se o objectivo real deste texto fosse o de contribuir para o debate dos problemas concretos da crítica, não se compreenderia fàcilmente que se fossem analisar textos escritos **há três anos.**

Mas — e convém que o leitor o saiba — não é esse o objectivo. Trata-se, sim, de responder **obliquamente** a um artigo que publiquei no **Diário de Lisboa** em 23 de Janeiro de 1972, «A função crítica», e onde levantava um certo número de problemas teóricos e metodológicos em relação à actividade do jornal **Crítica.** Perante esse texto, Eduarda Dionísio tinha três atitudes possíveis: 1) discutia frontalmente as questões formuladas: 2) atacava pessoalmente o autor do artigo; 3) ignorava o texto em questão. Posta de lado a primeira hipótese, que corresponderia a considerar pertinentes as questões propostas, E. D. escolheu a segunda: resolveu pois demonstrar que o crítico B, autor desse texto, era, na sua prática crítica, tão inútil como a restante crítica tradicional que ele julgava combater. Provado este ponto, E. D. ficava tranquila: já as questões levantadas pelo artigo não precisavam de resposta, já podia tricotar as suas críticas à vontade.

Deste modo, fácil se torna ver que o texto de E. D. não pretende analisar a prática crítica em Portugal, e no momento presente, mas procura, sim, o **ataque pessoal** dissimulado por um tipo de exposição aparentemente objectivo e rigoroso. Só isso justifica o desconchavo da data dos textos (Outubro-Novembro de 1969!) sobre os quais (tão perigosamente) se debruça. E que pela minha parte, terminei a actividade crítica **regular** em Novembro de 1969, e, por conseguinte, era preciso ir buscar um dos textos **mais recentes** desse período. Depois, bastava enquadrá-lo entre dois críticos considerados «tradicionais» e demonstrar a equivalência.

DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

A data dos textos escolhidos aponta assim a táctica do artigo e o alvo visado. Que o leitor se não iluda, e não julgue inocente um procedimento todo ele intencional.

3. Ao seleccionar e comentar um texto que publiquei em Outubro de 1969, E. D. ignorou deliberadamente duas coisas:

a) tudo o que escrevi **antes e depois** e que forçosamente se relaciona com o que nesse texto se diz (considerar este ponto tornaria desnecessárias muitas das perguntas que E. D. no seu delírio inquisitorial, formula);

b) todas as reservas que eu próprio tenho pronunciado em relação a essa mesma actividade crítica realizada na **Seara Nova** e no **Diário de Lisboa,** e em relação ao próprio estatuto e exercício da crítica imediata.

Na medida em que desconhecer estes dois pontos, Eduarda Dionísio procede **com manifesta desonestidade intelectual.**

4. Abra-se um parênteses: o que me separa de Eduarda Dionísio é excessivamente visível para que se não torne público. Diga-se, portanto, que são diferenças radicais de temperamento e mentalidade. Eduarda Dionísio vive num mundo onde a Literatura é possível e necessária. É pois urgente falar dessas coisas imprescindíveis que são as obras literárias e instituir os zelosos sacerdotes do seu culto. Ensinar e criticar a Literatura que existe é uma evidência que se não põe em causa.

Pelo meu lado, a literatura interessa-me como prática significante previlegiada a articular com as outras práticas significantes e transformadoras através das quais o homem trabalha na história. Por conseguinte, é a própria noção de um «espaço literário» que se estilhaça para nos trazer a evidência de que só interessam as obras e as críticas onde a literatura, a sua função e o seu destino, se jogam e põem em causa.

Quer isto dizer que os burocráticos textos críticos de E. D. pouco ou nada me importam: por maior que seja o seu efeito de ressonância analítica, cada vez se aproxima mais de um ressonar académico. Tudo nos separa, pois: eu vejo nos seus trabalhos um positivismo ladino e limitado; ela verá nos meus a mistificação e o delírio. Não tenho a mínima esperança de que alguma vez nos cheguemos a entender - nem isso me preocupa.

Em entrevista já antiga, Roland Barthes, comentando a vacuidade da crítica imediata (que ele não deixa de realizar por vezes), observa que o melhor crítico imediato seria um computador que avaliasse como bom ou mau o funcionamento das obras literárias. Depois, sim, começava o verdadeiro discurso crítico. Suponho que com Eduarda Dionísio - e formulo este elogio com visível gosto - o país adquiriu o grande computador de que necessitava.

5. Quase se tornava supérfluo ir mais longe. Mas não nos esquivemos às dificuldades, Eduarda Dionísio resume laboriosamente o meu texto de crítica a Casais Monteiro. Neste domínio tão escolar de dividir um texto em partes e indicar as principais ideias, tudo fazia crer que E. D. havia de brilhar. Pois desilude-nos. Ao sintelizar o meu texto crítico, E. D. deforma, mutila e não entende. Que a generosidade nos leve a pensar que não entende porque não quer, não exclui que levantemos a hipótese de que não entende porque não pode. Talvez isso justifique que considere as afirmações finais do meu texto como «menos explícitas»: são, na verdade, um bocadinho mais difíceis. O que não nos consola: quem faz o esforço de ir buscar um artigo que tem três anos, ao menos leia-o e perceba-o.

6. Todo o resumo feito do quarto ao décimo parágrafo é **uma pura fraude.** Não o irei agora corrigir, e por uma razão de peso: é que julgo que o **carácter textual** de um discurso crítico não o torna susceptível de ser resumido. São ideias tacanhas de mestre-escola supor que um poema se não resume e que uma crítica se pode resumir; supor que o crítico deve «concluir», como se expressões «subjectivas»; etc... Por conseguinte, recusado

Continua na pagina dois

"Como se faz crítica"

Continuação da pagina um

o terreno do resumo proposto, resta-nos analisar os passos concretos comentados por Eduarda Dionísio.

7. No que diz respeito ao vocabulário «subjectivo», temos dois exemplos: «fascinante actualidade» e «poesia desgrenhada». Se, no primeiro caso, existe uma afirmação que se pode considerar «subjectiva» (a obra terá uma actualidade que **me** fascina), no segundo caso, trata-se de uma expressão metafórica que nada tem de subjectivo a não ser na mente sensata de E. D. e na sua prosa administrativa. Quando me referi em «A função crítica», à **metalinguagem positivista** de E. D., apontava para o que no seu discurso está cuidadosamente rasurado: o lugar estratégico da metáfora no texto crítico. O que explica a tranquilidade ingènuamente objectiva deste tipo de escrita.

Este ponto reaparece quando E. D. fala em **paráfrase** a propósito da minha crítica. Tenho-me referido pormenorizadamente à inutilidade (ou impossibilidade) de uma metalinguagem que se não deixe **contaminar pela linguagem-objecto de que se** ocupa; à impossibilidade de considerarmos que essa linguagem-objecto seja um mero **objecto;** à impossibilidade correlativa de que a metalinguagem que dele se ocupa seja mesmo **objectiva.** Isto implica a conclusão de que toda a metalinguagem **que não é também paráfrase** se torne positivista. Mas implica ainda que se distinga entre a paráfrase redutora (ideológica) e a paráfrase produtiva (textual).

Daí o espanto que nos assalta quando vemos as acusações de E. D.. Que a poesia se faz com palavras, e que os sentimentos só existem em palavras, são verdades que o crítico B começou a repetir algum tempo antes de E. D. as começar a dizer. E torna-se divertido ver E. D. censurar um crítico por tomar o escritor «à letra», acreditando em tudo o que ele diz - quando não há nos textos de E. D. a mínima referência a qualquer aspecto da problemática psicanalítica, a única que a poderia sèriamente elucidar em relação a este ponto.

8. Quando escrevi: «Para o poeta, a diferença entre poesia e prosa parece residir mais **na atitude do autor em relação ao texto** (e no modo como ele se figura como origem no interior desse texto em que emerge) do que **numa estruturação específica** do próprio corpo do texto» — Eduarda Dionísia observa: «Conclui-se pois que **poesia** e **prosa** têm «estatutos» diferentes e «estruturação específica» (Quais?)». Penosamente se tem de classificar esta última pergunta de tonta, porque não se tratava aqui de distinguir entre prosa e poesia (questão que exigia outro espaço e ocasião), mas de indicar **a posição de Casais Monteiro** em relação ao problema.

Eduarda Dionísio continua: «Muito vagamente se chegará a um conceito de poesia semelhante ao do crítico A, ao afirmar-se que ela se baseia numa exploração constante de sentimentos, de estados, de tonalidades afectivas».

Insinua-se aqui que a «concepção de poesia» do crítico B é idêntica à do crítico A - hipótese que satisfaz **o desejo mais intenso** do artigo. Ora não há aqui nenhuma definição de um conceito de poesia, mas, sim, a caracterização da poesia de Casais Monteiro; e por isso eu escrevia: «A poesia de Casais Monteiro parece-nos, por vezes, um pouco abstracta, baseando-se numa exploração constante de sentimentos...»

Quanto à distinção entre «poesia expressiva» e «poesia representativa», será assim tão difícil de entender?

9. Admirável, sim, admirável porque sublimemente absurdo, é o parágrafo em que se pergunta após uma citação: «Que nos indica que se está a falar dum livro de poesia, além do emprego das palavras «poema» e «verso»?»

Pois eis a terrível verdade: o que nos indica que se está a falar de um livro de poesia é, quem diria?, o emprego das palavras «poema» e «verso», porque, pasmemos!, o efeito de sentido de uma palavra não se produz apenas no lugar onde ela se situa, mas na totalidade do enunciado em que se insere. Nem só de alexandrinos vive o poema, hélas!

10. Vejo-me pois, forçado a discordar de E. D. quando conclui (mas felizmente que conclui!) que o meu texto não ensina a ler, não apresenta ideias, não dá uma imagem do livro. Assim:

a) Não ensina a ler. Efectivamente, não se ensina aqui a ler, porque não é necessário nem conveniente que o discurso crítico e o discurso pedagógico se confundam, embora seja de admitir que se cruzem. **No entanto, o texto que escrevi propunha**

uma **estruturação temática** (sincrónica e diacrónica) da poesia de Casais Monteiro, o que constitui uma hipótese de leitura. Por outro lado, relacionar o carácter expressivo impessoal com o uso dos **verbos no infinito** conduz a uma articulação de estratos que se poderia desenvolver.

b) Não apresenta ideias. O que é falso; simplesmente, E. D. só reconhece como «ideias» o que ela julga positivamente serem «ideias».

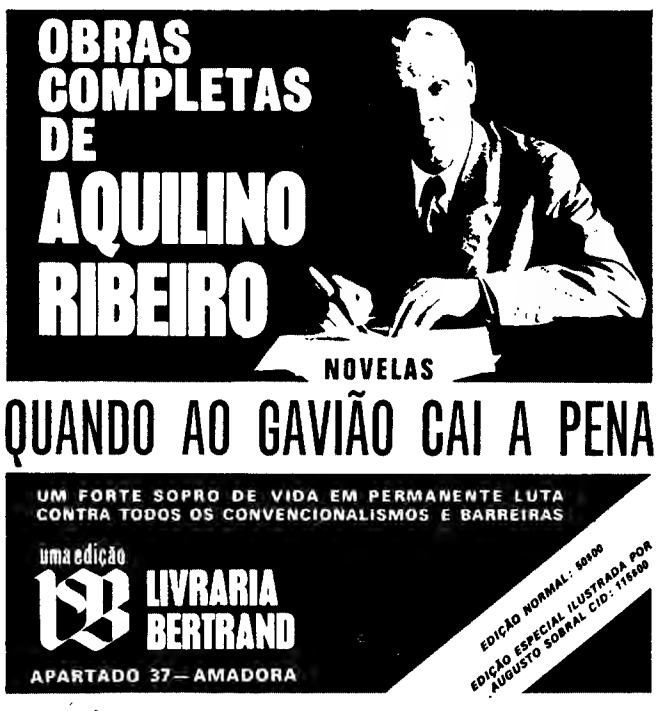
c) Não se pode extrair uma imagem concreta do livro. Façamos um pequeno **pastiche** do estilo de argumentação de E. D.: o que é uma «imagem abstracta» de um livro? como se extrai uma imagem dum texto? é doloroso?

11. Convém desta vez não esquecer a conclusão. E é uma: pretender que falar em crítica «estruturalista», «impressionista» ou «formalista» é apenas valorizar teorias, isto é, perigosas ideologias que nada acrescentam ao honesto exercício do bem-comum-da-crítica-do-senso-comum, é manobra conhecida cujo significado salta aos olhos mais desprevenidos. E uma vez mais é **em nome de uma teoria nenhuma** que se produzem os juízos críticos. Não deixa, pois, de ser ridículo virem-nos perguntar, a propósito de uma crítica isolada entre dezenas de outras publicadas ao longo de oito anos, quais «as nossas concepções de arte e de crítica» — isto num jornal que, após quatro números de dezasseis páginas cada um, ainda não teve tempo para dizer as suas. É sempre bonito, claro, vir alguém defender «a especificidade da literatura»; mas o argumento é ambíguo: Picard invocava-o na polémica com Barthes.

Pelo que afirma e omite, aponta e evita, o texto de Eduarda Dionísio é extremamente sintomático e contribui de forma decisiva **para o desmantelamento de alguns equívocos:** os que poderiam levar a confundir **uma crítica conservadora** com **uma crítica de vanguarda.**

E aqui os sublinhados também não são apenas meus.

EDUARDO PRADO COELHO



Folhetim-artístico de José-Augusto França

Cursos e palestras sobre história da arte

No Museu Nacional de Arte Antiga iniciou-se há pouco uma série de palestras sobre *A linguagem da pintura e o modernismo português,* ou antes duas séries sucessivas, realizadas pelo mesmo autor, o crítico Rui Mário Gonçalves, actual presidente da secção portuguesa da A. I. C. A.

Esta feliz iniciativa leva a certas considerações contextuais.

Desde há seis ou sete anos que vários organismos, oficiais ou particulares, se dão à obrigação de realizar cursos ou séries de conferências e palestras de cultura artística, orientados no sentido da informação da actualidade e da formação actual, ou seja da consciencialização cultural de valores de modernidade.

Em 1964, a S. N. B. A. promoveu uma série de conferências-lições de *Introdução à História e à Sociologia da Arte,* no ano seguinte, novas séries, sobre *Metáfora e metamorfose na arte contemporânea* e sobre a *Arte em Portugal no Século XIX* (que também a mim coube realizar) correram paralelamente a série sobre *A Estética da Forma* de Sallete Tavares, e sobre *Problemas da Arquitectura Contemporânea* de Nuno Portas. Nesse próprio ano, o Curso de Formação Artística, criado na mesma S. N. B. A., permitiu fundar uma cadeira de *Noções de Sociologia da Arte,* outra de *História da Arte no Século XX,* outra de *Estética Básica* — todas elas inéditas nos quadros culturais portugueses. Mais tarde, no mesmo curso, Rui Mário Gonçalves encarregou-se de uma cadeira de *Introdução à História da Arte* que ainda dura e com merecido sucesso.

A estas realizações orgânicas corresponderam, em breve, iniciativas «ad hoc» — no Museu de Arte Antiga (com notáveis palestras de Manuel Rio-Carvalho), na Fundação Gulbenkian (M. Rio-Carvalho igualmente, e Ferreira de Almeida, numa série de boa informação de ciência estética actualizada), no I. A. D. (onde o crítica Egídio Álvaro vem fazer regularmente palestras de informação sobre a actualidade).

Sem esquecer a múltipla actividade que, de há muitos anos, Ferreira de Almeida, agora professor de História da Arte na Faculdade de Letras do Porto, vem desenvolvendo neste sector de divulgação, já na Emissora Nacional, em antigas séries de palestras, já em variadíssimas instituições — importa reflectir no que hoje se está passando, e como passando se está, e por quê. E sublinhar a sua importância.

Hoje, quer dizer, as palestras de R. M. Gonçalves no Museu de Arte Antiga (e as suas lições no Curso de Formação Artística), as de Egídio Álvaro no I. A. D. (e as que, ao mesmo tempo, vai fazer na Galeria A do Porto), as que Fernando Pernes fez o ano passado na Galeria Zen do Porto e este ano irá fazer na Cooperativa Árvore da mesma cidade, as que Rio-Carvalho tem estado a realizar na Fundação Gulbenkian (sobre a sua especialidade de «arte nova») e realizou no Museu de Arte Antiga, com programa mais lato.

Ora, tirando este ultimo caso, cujo protagonista é professor-assistente de História da Arte na E. S. Belas-Artes de Lisboa, os outros são definidos num plano a que se chamaria «amadorístico», e de qualquer modo é marginal.

Se chamaria, disse eu, mas no quadro português não quero assim classificá-lo, na medida em que não se pode lógicamente atribuir a essa classificação o sentido que em outros sítios tem, nem se pode decentemente dar-lhe o valor que afinal, em boa moral, lhe compete, entre nós...

Sem dúvida, R. M. Gonçalves, licenciado em Ciências e ouvinte durante três anos de Pierre Francastel, no curso de Sociologia de Arte da Ecole des Hautes Etudes de Paris, é um «amador»; como o é F. Pernes, que foi estudante universitário de Letras e ouvinte de Francastel durante um ano; como também o é Egidio Álvaro, ex-estudante de Medicina e que frequentou (bolseiro da Fundação Gulbenkian, como os outros dois), durante três anos, os cursos de Francastel e de Jean Cassou, na E. H. E. Mas podiam eles não o ser, no plano da formação? E como classificar aqueles que em Portugal se licenciam em História, passando brevemente por cadeiras «anexas» de História da Arte, e podem ver-se obrigados (com toda a honesta consciência e todo o esforço e sacrifício que nisso ponham e sem dúvida põem) a ensinar o que não aprenderam? Sem haver uma licenciatura específica em História da Arte, o que implica toda uma formação, sem que jamais uma tese de história de arte tenha sido defendida em doutoramento português — com que direito poderemos chamar «amadores» (ou autodidactas) aos outros?...

...Porém, é no plano do «amadorismo» (entenda-se, como é óbvio, que considero competentes aqueles que nele actuam) que a divulgação e consequente formação artística se estão a formular em Portugal, à margem dos circuitos oficiais.

Útil formulação, sem dúvida — que, ao nível de ensino secundário em que se processa, ao mesmo tempo denuncia e tapa a criminosa lacuna dos programas desse mesmo ensino. Útil demonstração, pelo êxito alcançado, da necessidade urgente de divulgar uma cultura artística posta em situação actual. Útil chamada de atenção para outras necessidade, mais elevada, de transportar a um plano universitário e pós-universitário essa cultura, em termos docentes e de investigação.

UMA GEOMETRIA IMPURA

Artes Visuais

POR
ROCHA DE SOUSA

ALICE JORGE
Galeria de Exposições Temporárias
Fundação Calouste Gulbenkian

ALICE JORGE (pintura n.º 13 e pintura n.º 4): a visão «geometriza» o real

Num texto inteligentemente elaborado, que dedica às **razões** da actual pintura de Alice Jorge, Fernando de Azevedo escreve a certa altura:

«Depois de saberem como se mascaram as formas, usando-as por sucessivos desvios a contar histórias, as pessoas deveriam ficar cansadas de aparências. E deveriam depois procurar o fundo nascimento das formas puras, deixarem-se surpreender na clareza da sua simplicidade, e, repousadas, recomeçarem então a aprendizagem da harmonia. Assim penetrariam o oculto sentido da geometria. Os quadros de Alice Jorge são, para mim, vozes e notícia da magnífica viagem para a simplicidade».

Esta é, entre outras possíveis, uma base a partir da qual poderemos tentar abordar a obra da pintora, recentemente exposta numa das galerias da Fundação Calouste Gulbenkian.

FIGURAS SIMPLES E EXPERIÊNCIA «IMPURA»

A uma primeira leitura, mesmo que o nosso olhar esteja muito comprometido com as aparências, não nos é difícil reconhecer que a geometria constitui o suporte de toda a imagística desta série de pinturas de Alice Jorge. **Suporte**, sim __ no sentido de realidade, e não no sentido de «andaime feito pelo lado de dentro das formas». Que a geometria esteja nas formas ou que as formas sejam a própria geometria, isso é questão que não resolve o saber-se a pureza delas. A forma pura é talvez uma falsa questão. A pintura é sempre o resultado de um olhar __ de um acto __ e é sempre corpo e reflexo de uma experiência **impura**. O trajecto que o artista cumpre dentro dessa experiência pode conduzi-lo à representação de figuras estruturalmente simples, o que não quer dizer que a forma resultante deva necessàriamente considerar-se pura. O mundo sensível pode ser traduzido por um código rigoroso, pela exacta medida de sinais elementares: opera-se assim a construção de um **discurso** que leva sempre no seu articulado, por muito esquemático que este seja, o sentido e o significado de uma escolha. Essa escolha é o resultado da experiência, significa o existir, define a afirmação, é irremediàvelmente pessoal e parcial. É portanto impura, o que a torna legível.

A visão «geometriza» o real, porque o simplifica. A representação das coisas, como acto da (ou tradutor da) visão, comporta escolhas, simplificações por cadeias sucessivas de sinais. A cabeça humana pode ser representada segundo uma observação analítica, numa complexa rede de sinais, ou reduzida a um único sinal, a uma forma simples __ a um círculo. Trata-se de uma opção que se reflecte profundamente no domínio da linguagem __ a invenção de um novo código, a descoberta da realidade pela descoberta de uma realidade nova.

REFLEXO TANGÍVEL DE UM CAMINHO

Numa das pinturas expostas (n.º 3) os símbolos que a organizam parecem ter o seu referente em certas formas naturais. A referência desses símbolos, produzindo um certo tipo de informação, não permite no entanto o desdobramento objectivo de significados que integrem a percepção de uma realidade dada. Apesar disso, mais do que em qualquer outra pintura, o espectador sente-se imediatamente tentado a extrair essa significação da forma plástica. Alguns dos elementos que caracterizam essa forma, quer pela sua configuração, quer pelas posições relativas que ocupam na superfície, sugerem uma relação mais ou menos directa com certos orgãos do corpo dos animais e das plantas, aproximam-nos da ideia de uma anatomia simétrica ou do encontro de duas anatomias assimétricas entre si. A simplificação das formas, que lhes confere uma certa presença emblemática, reside sobretudo numa simetria estabelecida em função da mediana vertical do plano. Noutro sentido, as formas colocadas na parte superior do plano não são simétricas das que se encontram na parte inferior. Não há pròpriamente um antagonismo, mas uma óbvia diferença estrutural. As formas da parte superior do plano, plenas, circulares, sugerindo um corte vertical de um orgão, ligam-se por estreita passagem ao conjunto de formas situadas na zona inferior do quadro. Entre estas formas, parece estar eminente um processo de fecundação.

Nenhuma outra pintura da exposição contém desta forma tal carga de relações com uma realidade «reconhecível» e experimentada. A «clareza» das outras pinturas é de outra ordem, depende de estruturas mais simples, mas o seu processo de formação decorre do mesmo tipo de aprendizagem. Todas elas surpreendem e propõem, como anota Fernando de Azevedo, «o ritmo orgânico das formas: enlaces, perfurações, rotações sensibilíssimas lentamente sobrepostas, aproximações, repulsas. E«nascimentos». Tais conceitos, que à pintura de Alice Jorge se transmitem por simplificações cada vez mais decisivas, não nos subtraem à nossa experiência da realidade __ confirmam-na.

A IMPERFEITA ZONA DE REALIZAÇÃO

Em suma, e no que respeita à realização, teremos de dizer que a simplificação das formas obriga o artista a um trabalho menos impulsivo, mais reflectido, feito de acordo com uma oficina mais deliberada e rigorosa. Quando a simplificação atinge a zona de sinais gràficamente exactos, cujo impacto de comunicação reside no preciso rigor da sua geometria e das suas cores planas, então a oficina tende a contrair-se até à impessoalidade, conferindo às formas uma crua nítidez e a presença marcada de um nascimento (dir-se-ía) mecânico.

Em Alice Jorge, as coisas não acontecem bem dessa maneira. Manipulando cores de uma certa acidez, a pintora procura por vezes sugerir transparências no encontro ou na sobreposição das formas: ignorando o efeito das misturas ópticas, ela recorre a uma adição simples dos pigmentos das duas tonalidades em jogo, traindo assim a eficácia dos resultados. Por outro lado, ao tratar a composição com formas estruturalmente simples, de construção geométrica, desenvolve superfícies destinadas a receber uma pintura plana, destituída de exacerbação textural: a oficina, no entanto, trai esses pressupostos, pelo que as tintas acusam as marcas do pincel, num efeito ambíguo que o espectador terá dificuldade em classificar de deliberado. Além disso, e com os mesmos inconvenientes, as linhas de periferia das figuras (que estão anotadas geomètricamente com curvas ou rectas) acusam quase sistemàticamente uma clara incerteza de realização. Estes aspectos, que se lêem no plano técnico, comprometem a qualidade visual que é típica deste género de pintura, emprestando-lhe uma espécie de imaturidade oficinal tanto mais declarada quanto é certo o despojamento geométrico pedir geralmente uma «roupagem» sem rugas e sem nódoas.

RENÉE GAGNON

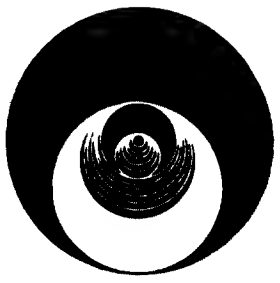
Galeria de Arte Moderna e Galeria Opinião

Estar ou não estar «dentro» da pintura, eis a questão. Renée Gagnon, que expôs simultâneamente na Galeria de Arte Moderna (S.N.B.A.) e na Galeria Opinião, parece inclinada para a segunda alternativa. Ou seja: a autora, utilizando processos rigorosos de reprodução, dentro de técnicas que se relacionam directamente com o domínio das artes gráficas, distancia-se (e distancia-nos) do acto de pintar, exclui-se dele, opera de fora para dentro, ostensivamente munida de um instrumental intermediário onde a mão se dilui, se apaga. Dir-se-á: mas a pintura é do mesmo modo instaurada e as escolhas são as escolhas da pintora. Sem dúvida. Nessa medida, a pintora também **participa** no aparecimento das formas, é presente à pintura e ao seu destino. Participa, portanto __ e essa é talvez a palavra exacta: é mais testemunha do que agente, é mais um técnico de laboratório do que um poeta. Não há técnicas **ilegítimas**, bem entendido, e a técnica de Renée Gagnon pode bem associar-se a um vasto conjunto de mecanismos de representação que surgiram no nosso tempo e que são característicos da produção em massa de objectos. Veja-se, por exemplo, o importante papel (fulcral, aliás) que desempenha a fotografia no seu processo de formação da obra pictórica. A fotografia é um meio como outro qualquer, permite um certo tipo de rigor e de eficácia, facilita o olhar e a selecção, ajuda a ver, em suma. Mas Renée Gagnon usa-a excessivamente em vez de qualquer outra coisa __ não sabemos qual. O artista torna-se então espectador dos próprios efeitos (sempre os mesmos) que a técnica desencadeia. E o espectador de facto, o visitante da obra, embora seduzido pelo esplendor dos efeitos, sente que o objecto lhe propõe um certo número de facilidades constantes, um certo número de facilidades mecânicas, percebendo que o autor não está nele com a sua alma, com as suas indecisões e as suas certezas. Tal produção, numèricamente indefinida e sem mácula, permite uma exploração regular de efeitos visuais, mas esses efeitos, limitados a uma estrita fronteira técnica, **repelem** o autor ou fazem com que este se deixe repelir.

Para além disto, a obra recente de Renée Gagnon não deixa de pôr alguns problemas interessantes. Um deles, mais enunciado do que aprofundado, é justamente esse efeito de distanciação que a técnica utilizada permite, o que sugere na verdade uma pesquisa mais ampla e mais significativa. Outro problema reside nas possibilidades de manipulação que oferece a forma resultante da fotografia em contraste, dentro de um processo reprodutor que facilita inúmeras reordenações da representação. Afirmação e negação do claro-escuro, tradução óptica do efeito de baixo-relevo (pelo desajustamento das «chapas») a limitar a leitura em profundidade, truncagem e reassociação das formas com alteração simultânea das suas escalas, uso da cor como suporte e agente subvertor da realidade apresentada __ eis alguns exemplos da experiência praticada por Renée

Continua na pagina seis

EM CAIXA



Galeria S. Francisco: ALVAREZ RIOS (pintura)

Uma pintura que mergulha nos sinais e raízes da cultura latino-americana, exprimindo uma vivência poética que ao Surrealismo vai buscar o corpo.

Galeria Judite Dacruz: CARLOS CARNEIRO (desenho/ilustração)

Significativa reapresentação de um ilustrador (ilustrações dos anos 30) e de um momento da vida e da cultura portuguesas.

Galeria Opinião e Galeria de Arte Moderna: RENÉE GAGNON (pintura e gravura)

Uma execução rigorosa e distanciada, com apoio sistemático em matrizes fotográficas, refaz indirectamente (certas aparências, numa armadilha (gráfica e decorativa) para os olhos.

Galeria Diário de Notícias: ADÃO RODRIGUES (pintura/colagem)

Pintura de gosto pela matéria, um pouco artificiosa, perseguindo um certo luxo visual e uma vibração táctil.

Sociedade Nacional de Belas Artes: JOAQUIM RODRIGO (pintura)

Exposição retrospectiva: uma obra significativa pela primeira vez devidamente focada.

Galáxia
PARA
O LEITOR
DA NOVA PROSA
PARA
O LEITOR
DA NOVA PROSA
AGORA
JUAN GOYTISOLO
"REIVINDICAÇÃO
DO CONDE JULIÃO"
E TAMBÉM
REYNALDO ARENAS
"O MUNDO ALUCINANTE"
MARGUERITE DURAS
"DESTRUIR, DIZ ELA"
JULIO CORTÁZAR
"BESTIÁRIO"
PUBLICACOES DOM QUIXOTE
RUA LUCIANO CORDEIRO 119 LISBOA

Camões: a vida na obra, a obra na vida

Um texto de RUY BELO

DA SINCERIDADE EM POESIA

Nunca a crítica deixou de me interessar, especialmente na medida em que se me revelou indispensável para iluminar a poesia que me tocava praticar. Daí ter consumido e continuar a consumir anos de vida em páginas de livros por onde viajo em busca de pressupostos teóricos para a minha intervenção na poesia portuguesa. Daí ter pensado muito sobre o que li e o que observei, embora circunstâncias várias nem sempre me tenham permitido levar ao conhecimento de eventuais leitores as conclusões a que vou chegando, por mais precárias que sejam.

Um dos problemas sobre que me tenho debruçado é o da sinceridade. Uma vez que já o abordei, voltarei a abordá-lo (quando diabo deixarei eu de parafrasear Elliot?).

Embora com as inevitáveis oscilações, desde os primórdios conhecidos da história da poesia, a questão se levantou, embora a bem dizer só tenha ascendido ao plano consciente das preocupações teóricas no século passado. Mas Portugal é uma quinta, murada e coutada, e as «coisas nossas» nem sempre são as coisas do mundo em que vivemos. Só assim se explica que o fantasma da sinceridade continue a pairar, como agoirenta ave negra de Bocage, sobre a poesia portuguesa.

Reconheço que é lícito levantar o problema, reconheço que há até uma tendência ingénua e espontânea para o levantar. Permita-se-me falar da minha própria experiência: Quando, aos sete anos, li «Paulo e Virgínia» e a veemência da idade me entregou indefeso às incidências do argumento, perguntei ao meu pai, numa tentativa de estancar o choro, se aquilo tudo tinha acontecido, se era verdade. O meu pai tranquilizou-me, eu ainda reincidi e li de fio a pavio «A Morgadinha dos Canaviais», mas não tardei a voltar ao «Diabrete», porque afinal naquele tempo não podiam ser meus os problemas da «Presença», até porque nunca o haviam de ser.

Ao leitor, em primeira linha, só o poema deve interessar. Nome do autor, circunstâncias biográficas, factores psicológicos, merecedores de atenção mais tarde, principalmente para especialistas, não devem influenciar, perturbar, desvirtuar em último termo a relação com uma estrutura vocabular, frásica e discursiva que deve impor-se por si própria, no caso de ter capacidade para isso.

Como se sabe, a poesia faz-se com palavras e não com ideias. Sempre assim foi e sempre assim é. Se, de um acontecimento da vida real, podem ficar na memória ou nos apontamentos do poeta umas quantas palavras, nunca lhe será possível, sem erro artístico, escrever **sobre** esse acontecimento. Assim como, no plano da recepção da poesia, não pode deixar de ir além de falácia elaborar paráfrases, glosas sobre poemas que visceralmente vivem das palavras que são.

Nada disto, aliás, tem a ver com a obrigação de o poeta ser fiel à realidade, de falar do que viu, de dar testemunho do seu meio e do seu tempo. Isso é um problema seu e só em palavras deverá plasmá-lo. A experiência, a fidelidade à vida não terão maior importância que garantir a intensidade da expressão.

A poesia mais perfeita, mais acabada, a que chegou — é suprema ambição — a atingir a tranquilidade e a impassibilidade dos minerais, é, no seu processo, na sua gestação um jogo as mais das vezes bem pouco limpo. Na poesia vale tudo, os fins justificam os meios. O poeta pode servir-se de toda a obra publicada de todos os autores e até poetas, pode proceder a montagens, deve trabalhar friamente sobre o material prèviamente isolado das emoções, de maneira a obter uma síntese, um texto coerente, uma arquitectura que se mantenha de pé pelos seus próprios meios. Ao longo da sua obra, não terá por hipótese repetido até à exaustão, através das mais amplas variedades de contextos e de situações, a palavra «mar», mero bordão em que houve por bem apoiar-se talvez por lhe facilitar a rima ou lhe assegurar coerência verbal, quando ele na vida de todos os dias até tinha horror à água salgada? Se assim foi, se assim era, porventura isso afectará, na mais mínima medida, o valor dos seus versos?

Rilke acreditaria nos anjos? Eugénio de Andrade acreditará nos anjos? Acreditará nos anjos Carlos de Oliveira? Que importância tem isso? Palavras, simples palavras. É claro que as palavras são factos de cultura e portanto de vida e os «anjos», especialmente no caso de Rilke, podem povoar a mais funda solidão de um homem, especialmente se esse homem é poeta e conhece, à custa da sua vida, o terrível poder das palavras: palavras que libertam, que esconjuram, que pertencem ao reino do diabo, que contêm maldições, malefícios. Mas, no meio do convívio asséptico do poema, entregue às relações, tensas ou amenas, de umas com as outras, resultantes como são de uma manipulação técnica, fria, operacional, levada talvez a efeito com luvas nas mãos prolongadas por instrumentos esterilizados, as palavras são afinal factos linguísticos. Comunicam, veiculam ideias, produzem emoções quentes, desencadeiam comportamentos, exercem efeitos porventura terríveis, dissolventes, poderão ir até ao ponto de fazer desabar cidades? Não há dúvida. O poeta pode até ter previsto tudo isso, se é que o não pressentiu mais ou menos vagamente. Mas não é esse o plano em que ele se move. Por vezes, perante testemunhos de leituras alheias de obras suas, até talvez fique surpreendido por as suas palavras, afinal portadoras de significado, produzirem efeito serem eficazes, embora esse e f e i t o e essa eficácia variem de leitor para leitor.

Eugénio de Andrade e Rilke: acreditarão nos anjos?

A quem pode importar o que o poeta sentiu, se é que sentiu alguma coisa? Talvez a ninguém mais do que a ele próprio e, até principalmente por isso mesmo, ele não deixará de ser o menos esclarecido leitor dos seus versos. A questão deixou de ser mesmo a de que é com bons sentimentos que se faz má literatura. para passar a ser a de que é com sentimentos que se faz má literatura.

Quando a expressão mais intensa se alcança, quando afinal a poesia principia, toda a emoção se conteve, toda a vida cessou, o significado mesmo é secundário. Direi até mais uma vez: nunca poeta autêntico algum terá escrito versos para se fazer entender. Não gosto de empregar chavões filosóficos porque, embora a filosofia sempre me tenha interessado inclusivamente por me não ser possível ignorá-la, não passo de um pássaro de voo curto. Mas a função da poesia — que mais ou menos se circunscreve à esfera da resposta à pergunta: «para quê?» — não pode deixar de ser exterior à sua essência, à sua entidade, ao que ela é.

A poesia verdadeira será as mais das vezes a mais fingida, não só no sentido etimológico de «formada», «configurada», mas até na sua acepção mais corrente. A ficção, que toda a poesia é, traduz a realidade da poesia. Poesia livresca, poesia viva? Semelhante pergunta não tem actualmente sentido algum. Ou talvez tenha apenas o seguinte: quanto mais livresca a poesia for, mais viva será. Camões, grande Camões, se deixaste a vida repartida pelo mundo, é na tua obra que ela afinal está e a tua obra não seria o que é se a tua vida nao houvesse ingressado nela como cultura. Acessibilidade, mensagem, comunicação, expressão directa, alguma vez terão sido critérios para avaliar da grandeza de uma obra?

Note-se que eu nem sequer advogo a causa da poesia obscura, até porque obscura sempre a poesia foi. Claro é o jornal, clara é a palavra que empregamos nas relações diárias com os outros, claro é o discurso político. Também não invoco um conceito como o de profundidade, a meu ver perigosíssimo quando se trata de apreciar uma obra, porque pensamento que não comece e não acabe em palavra pode ser muita coisa mas não é poesia.

O poeta é homem, oxalá seja o mais humano possível, será talvez mesmo maior se a sua formação social e cívica lhe permitir fazer seus os problemas dos outros e da comunidade mas tudo isso, na perspectiva por nós adoptada, só terá o interesse de conferir veemência, nível expressivo ao discurso. Que importa se o poeta disse o que pensava, se foi fiel à sua vida, se disse a verdade, toda a verdade? Quando é que alguns dos nossos críticos deixarão de adoptar uma perspectiva policial no exame das obras? Quem leu o nosso ensaio sobre António Gedeão, incluído em **Na senda da poesia** sabe que não deixámos de criticar aquela condescendência de um poeta que sinceramente admiramos ao dar a um dos seus poemas o título de **A um te que eu inventei**, por não podermos deixar de ver nele uma justificação social ou familiar, inconcebível no plano da arte.

Claro que, perante uma obra publicada, designadamente se essa obra reveste, numa sociedade de tabus como a nossa, aspectos eróticos, não faltará quem pretenda devassar a vida íntima do poeta, especialmente se se trata de uma mulher. Num meio fortemente farisaico, vigilante, em que as pessoas se pautam pela hipocrisia, até talvez a maior das surpresas, o inacreditável venha a ser que o outro sujeito da relação erótica seja o marido.

Aceitando uma distinção de raiz — que afinal não aceitamos — entre poesia e ficção, por que diabo se há-de pedir à poesia o que se não sede à ficção? A p o e s i a é c o i s a mental, facto de c u l t u r a, fenómeno linguístico.. Na poesia exercita-se pelo menos uma das funções da linguagem. A poesia é linguagem, exercício verbal Porque não lêem o parecer do censor sobre a utilização, por Camões, do maravilhoso pagão? Nem sequer vale a pena protestar que os prefácios não são para ler. Como sabem, trata-se de uma simples página. Vamos lê-la hoje mesmo, que começa o ano das comemorações do quarto centenário da primeira publicação de **Os Lusíadas**. Nessas poucas palavras, está afinal tudo o que pretendemos dizer neste artigo. E não deixa de ser sintomático que, a quatro séculos de distância, estejam de acordo um homem para quem Deus morreu e um teólogo da Santa Madre Igreja.

Vila do Conde, 1 de Janeiro de 1971

RUY BELO

A DESTR

POR CLAUDE COUFFOI

Depois de um silêncio de vários anos, exactamente desde a publicação em 1966 de **Señas de Identidad**, Juan Goytisolo volta ao romance e dá-nos um belíssimo livro destinado sem dúvida a grande êxito: REIVINDICAÇÃO DO CONDE JULIÃO.

O narrador, um homem sem nome, instalado em Tânger, medita e monologa diante da costa espanhola. Apátrida voluntário, renunciou à realidade física do seu país natal, a Espanha, que os homens, a História, a Igreja e a Literatura, transformaram num bastião mítico; mas não renunciou à língua nem à cultura, seu único património, e, tendo aquelas por armas, entrega-se a um autêntico extermínio dos mitos que desfiguram a sua velha e «irreal pátria». À maneira do conde Julião, que na Idade Média, nesta mesma cidade de que era governador, traíu a Espanha visigoda abrindo-a aos muçulmanos, vai ao ponto de sonhar com uma nova invasão da península totalmente purificadora.

Fragmentado como um pesadelo de esquizofrénico, este diário de uma alma perseguida pelo «mal de Espanha» tem a dolorosa beleza das grandes obras blasfematórias. Sobre um tema que obsessiona todos os romancistas e poetas espanhóis contemporâneos, Juan Goytisolo conseguiu ser o primeiro no seu país a dar-lhe uma dimensão universal.

in "REIVI

«O temp
agora com
com dons e
h e l l o-tenh
dia-marroqu
algum cisne
bens tanto a
ciosos: aba
po dos hip
seguida pe
vem com o
arrefecer o
em volta de
do e escapa
trazido con
cável!: sinta
máquico: fa
por si: de S
abrindo-a pe
to pouse ne
acendrada p
eflúvios étic
plosão de gr
sem o perd
finge renun
trega a a
traçando cír
cos, cada ve
embriagado

Desenho de Fernando Felgueiras para a edição portuguesa da «Reivindicação do Conde Julião»

NOTÍCIAS DO CONDE JULIÃO

«Reivindicação do Conde Julião» é um dos mais importantes textos (literários) publicados ùltimamente entre nós — simbiose perfeita entre as implicações de um vasto painel temático e o arrojo da construção linguística. Escreveu-o Juan Goytisolo, espanhol radicado em França. A edição é da Dom Quixote (colecção «Galáxia»).

Uma entrevista com o autor; um excerto do romance; uma (curta) abordagem crítica resultam num convite nosso para o leitor não perder contacto com um livro excepcional.

RUIÇÃO DOS MITOS

FON

de
es-
de
oy-
e
es-
nde
DO

em
er,
da
vo-
de
Es-
lis-
ra,
ião
à
ico
las
au-
tos
a e
do
ade
de
Es-
aos
de
são
rifi-

sa-
ste
ida
n a
les
bre
dos
pa-
uan
pri-
lhe

Goytisolo: contra o mito

Eis por que lhe fizemos algumas perguntas.

— **O seu último romance, «Dom Julião», marca uma ruptura com a sua obra anterior?**

— Já por várias vezes tive oportunidade de explicar as razões que levaram os escritores espanhóis da minha geração a cultivar uma literatura «realista», de testemunho, fotográfica; não quero voltar ao assunto. Mas o facto é que progressivamente alguns de nós, que se consideravam como fazendo parte da corrente realista, sentiram, a partir de 1963, a necessidade de cortar com ela. Esta literatura aceitava como algo de adquirido a linguagem herdada dos nossos antepassados, o «castelhanismo» insuportável da geração de 1898, que se fossilizara à força de ser imitada. A inadequação da intenção crítica a um instrumento de expressão acrítico acabou por tornar-se para alguns, como demonstrou recentemente José Maria Castellet, um «pesadelo estético». A luta contra as formas artísticas envelhecidas passou desde então para o primeiro plano das minhas preocupações. A crítica da realidade tem de passar pela crítica da linguagem. O escritor, se não é um simples copista, não pode nunca aceitar a linguagem como um dado definitivo. Ainda hoje em Espanha a maioria dos escritores «comprometidos» ataca a classe social que detém o usufruto do poder e emprega a mesma linguagem desta classe: uma retórica idêntica, embora de sinal oposto».

— **A evolução recente da sociedade espanhola terá contribuído para esta mudança de óptica?»**

— Incontestàvelmente vários factores de ordem política intervieram nessa mudança. Por exemplo, já não creio hoje que a sociedade espanhola, tal como a conhecemos presentemente, possa desaparecer com o sistema político que a modelou. Eis por que preferi atacar a raiz do problema e perguntar a mim próprio: «Porque é que a Espanha é assim?». Não renunciei de modo nenhum ao compromisso. Simplesmente, transferi-o para outro plano».

— **O título do seu romance poderá levar a crer que se trata de um livro histórico. Isso foi voluntário da sua parte?»**

«Reivindicação do Conde Julião» não é um romance histórico. O narrador é uma personagem contemporânea, que, postada em Tânger, contempla a costa espanhola e identifica-se ao conde Julião, governador visigodo da cidade e grande «traidor» da história de Espanha, que abriu as portas da península aos muçulmanos. Esta personagem sonha com uma nova invasão de Espanha cujos efeitos duriam, também no caso vertente, 8 séculos; quer dizer, a destruição de todos os mitos e de todos os símbolos sobre os quais se fundou a personalidade espanhola a partir da época dos reis Católicos: a destruição da paisagem de Castela, exaltada por Azorín, por Unamuno e pelos epígonos da geração de 1898: a destruição do mito do cavaleiro cristão; do mito da virgindade (não nos esqueçamos de que foi a Espanha que impôs a Roma o dogma da Imaculada Conceição). Enfim, numa última parte, o novo conde Julião subtrai da língua espanhola todas as palavras de origem árabe (a começar pelo famoso «olé» e acaba por arruiná-la completamente.

— **Qual é a força actual dos mitos históricos que o Juan Goytisolo denuncia?»**

— Apesar da profunda transformação das nossas estruturas socio-económicas, os velhos mitos continuam a impôr-se e a actuar. O primeiro dever do escritor espanhol de hoje é ser mitoclasta. Desde o século XVIII tem a inteligência liberal espanhola vindo a erguer-se contra o mito «velho cristão» que originou a grandeza e depois a ruína do país; mas ela fê-lo constantemente em nome da razão, desatendendo aos fantasmas da nossa personalidade, aos pesadelos, aos demónios, aos sonhos. Assim, os escritores que se levantam contra o mito são desprovidos do poder de atracção exercido por esse mesmo mito. A história da corrente artística liberal reduz-se desta forma, entre nós, a uma lúcidas. Só em Goya se consegue descobrir a aliança admirável e total da imaginação e da razão, sob a enganadora aparência do delírio. Na sua obra pictórica, como nos filmes de Buñuel ou nos **esperpentos** de Valle Inclán, estamos em presença de um universo criador com uma verdade e uma intensidades superiores às do mito que combatem. Guardada a devida proporção, **Dom Julião** integra-se deliberadamente nesta corrente. O livro não é uma crítica moral nem um romance de tese, mas uma agres-

Continua na página seis

TRADIÇÃO / TRAIÇÃO

Por FERNANDO CORREIA MARQUES

J. M. Castellet, prefaciador da edição francesa da **Reivindicação**, refere-se-lhe como uma obra que, **tanto quanto romance**, é a um mesmo tempo **poesia, crítica literária, psicanálise social, crítica social, interpretação histórica, etc.** Se acrescentarmos a isso as peculariedades da escrita, necessárias para a restituição efectiva de todos os projectos de conceptualização nela concorrentes, concretizados e concretizáveis em e a partir de uma multiplicidade de alusões nunca gratuitas e ambiguidades sempre deliberadas e **necessàriamente** funcionantes, teremos que a diversidade de planos de leitura resultantes nos são impostos, não apenas em mera **possibilidade** de admissão, mas antes como **exigência** determinante.

Uma **obra aberta** por excelência e exigência, portanto. Reclama-a o assunto que é um **antiassunto**: todo um processo de desmontagem-destruição duma noção de nacionalidade, desde **«as origens de uma Espanha que não será reunificada antes que os Reis Católicos levassem a Reconquista a cabo, em presença duma história semelhante à narração bíblica do pecado original e do paraíso perdido, na qual «a maçã seria a beleza duma jovem donzela e em que o último rei visigodo encarnaria o papel de Adão (Rodrigo violou a filha do conde Julião...governador de Ceuta...o qual para se vingar traiu o seu rei e a sua pátria abrindo,do porto estratégico que ocupava, as portas da Península aos exércitos muçulmanos)»**. Tal tese, fundamentada na lenda, tornada «história», com a sua incorporação na **Crónica Geral** de Afonso X e provocada por Goytisolo como assunto original condiciona o seu tema nuclear: a procura de um conceito essencial de hispanidade e de homem espanhol que se reputa construível ùnicamente na total e absoluta destruição do **mito tradicional** (de **todos os mitos**),. num exorcismo por analogia: repetição da traição do conde.

A aproximação técnica com Joyce é flagrante: registemos, por exemplo, a pretensão análoga que é formulada por Stephan Dedalus - o rompimento **«através das malhas da nacionalidade, religião e lingua»** - e também a preferência denunciada pelo motivo labiríntico - **«e desdobrando-te enfim para melhor te veres, como se fôsses outro: anjo da guarda, amante ciumento, detective particular: compreendendo que o labirinto está em ti, que és o labirinto: minotauro voraz, mártir comestível: ao mesmo tempo carrasco e vítima»**. Daí que uma possibilidade desde já nos sugestione: a perspectivação da obra nos seus paralelismos com a obra joyciana (por exemplo, a síntese a que Joyce não teria porventura conseguido chegar; a síntese possível de **Ulysses/Finnegans Wake** ou **L. Bloom/H.C.E.**); e outra ainda: o estudo de alguns dos problemas que a sua **tradução** forçosamente levantou e levanta.

Saímos aqui, porém, e como é óbvio, do escopo da nota; de modo que, reservando tal projecto para eventual trabalho posterior, limitamo-nos no remate a colocar a sua leitura **quanto antes** (ou melhor: as suas **leituras**) no mesmo nível de **exigência** que atrás referimos.

"INDICAÇÃO"

empora! Ó Mouros!: falando
om um ruivo dos spikinglish
s eventuais de introdutor: dos
tenho-rapariga-espanhol-ju-
oquina-menina-rapazinho: e
isne talvez, desses que Ru-
to admirava, para estragos vi-
abandonando com ele o cam-
hippies e eclipsando-se em
pe Rua Siaghin: o criado
m o chá e, enquanto deixas
r o copo, um zangão esvoaça
dele, roçando de leve o bor-
apando-se logo: ah! não teres
contigo a obra dalgum into-
sintactiqueiro, figurão tauro-
: falando do eu, do em si, do
e Séneca, do Cid, de Platero:
a pelo meio para que o incau-
e nela, libe o néctar de tão
da prosa: essência metafísica,
éticos!: e fechando-a zás!: ex-
e grisu, catástrofe do **Titanic**!:
perder de vista enquanto ele
nunciar ao objectivo e se en-
acrobacias enganadoras:
círculos tenazes e concêntri-
a vez mais próximos do alvo,
ado pelo denso aroma da infusão, arriscando-se a aflorar por fim a morna e felpuda hortelã: permanecendo uns segundos no hammam voluptuoso e voando em flecha: de repente preocupado, tu, pela vizinha intrusão doutro zangão, este do género antropóide, que ronda e fareja em volta de ti: de bigode afonsino, gabardina, óculos: queixada bourbónica, mãos gorduchas: com toda a pinta de pertencer a essa brava tribo de correspondentes noticiosos que, em lugar de escrever o que vêem, repetem dòcilmente o que ouvem: de aspecto vagamente familiar, remotas experiências de cruzado, insondáveis convicções dinásticas: personagem de romance de Don Torcuato Luca de Tena: indeciso ainda, mas desejando tirar-se de dúvidas: procurando activamente o seu olhar e, não conseguindo dar com ele, instalando-se na mesa contígua com a castiça beiçola ameaçadoramente voltada para ti: o teu vizinho: o jornal e fingirás absorver-te na leitura: 21.30: meias-finas do concurso interescolar: 22.25: espanhóis ilustres de ontem e de hoje: Lucio Anneo Séneca: 23.15: reportagem especial sobre a rectificação da Lei Orgânica de: voltando-lhe ostensivamente as costas quando ele pede: o mesmo que este senhor: com bizarra, contreresca (1) voz, vestígio de naufragados sonhos imperiais: PUDIM DE PÃO: 250g de biscoitos, 200g de açúcar em pó, 6 gemas de ovos, umas colherinhas de canela em pó, uma rodela de laranja, 1/2 litro de leite, um punhado de avelãs: sentindo a cócega do seu olhar nas orelhas, no pescoço, nas costas, mas passando a página com sonora determinação: agrada-lhes respirar a plenos pulmões o ar puro, saudável dos bosques? agrada-lhes parar à beira do silencioso regato que corre para as vastas planuras e ouvir o zumbido das abelhas? agrada-lhes estender-se na macia erva e gozar os raios acariciadores do Sol? agrada-lhes sonhar debaixo dos arbustros e ouvir o trinado do rouxinol e o canto da calhandra? agrada-lhes contemplar detidamente o fundo cristalino dos lagos da montanha? agrada-lhes embalar o seu espírito com o ritmo gracioso do riacho tagarela? agrada-lhes escalar os altos píncaros e lá, no cimo das penhas que se erguem entre nuvens, espraiar numa alegre canção a felicidade da sua alma? GUADARRAMA: INVESTIMENTO SEGURO:GRANDESFACILIDADESDEPAGAMENTO: inútil, inútil; o homo hispanicus não se dá por vencido e tossica e olha e olha e tossica e orienta para ti a cadeira com a facilitada impunidade da tua fingida distracção: preparando mentalmente o seu discurso: dispondo-se a falar: falando já
desculpe
living com fogão de chaminé, cozinha totalmente equipada com móveis de fórmica e móveis por elementos anexa a sala de jantar, carpintarias de madeira nas cercaduras de portas e janelas, pavimento de parquet de eucalipto, aquecimento central a mazute, casa de banho com duche, inodoro Roca, bidé com repuxo central
desculpe
BARATO: UM VERDADEIRO SONHO
creio que nos conhecemos»

(1) Referência ao almirante Contreras, que participou na guerra hispano-americana. (N. do Tradutor — Pedro da Silveira).

NOTÍCIAS DO CONDE JULIÃO

Continuação da página cinco

são alienada, onírica, esquizofrénica. O narrador, sem terra e sem povo, dispõe apenas dos documentos escritos desde que o castelhano existe como língua. É esta a razão por que as citações de diversos autores espanhóis intercaladas na narração desempenham o mesmo papel que as descrições de paisagens e de pessoas no romance convencional».

__ **O leitor desprevenido será surpreendido por encontrar, no fim do livro, uma longa lista de autores espanhóis a quem você agradece a «colaboração» póstuma e involuntária... Que papel confere o Goytisolo a essas citações interpostas no texto?**

__ «Reivindicação do Conde Julião» é um texto que se alimenta da matéria viva de outros textos. Sob este ponto de vista continua a tradição de Cervantes. Em contrapartida, desde o século XIX o mais importante num romance, para a quase totalidade dos romancistas e dos críticos, é asua relação com a realidade externa que pretende representar. E no entanto a relação de um romance com o corpo geral das obras anteriormente publicadas é sempre mais intensa do que o elo que o liga à «realidade». Esta característica intertextual é fundamental para a

Goytisolo: «O primeiro dever do escritor espanhol de hoje é ser mitoclasta».

compreensão de **Dom Julião**. A origem dos materiais literários que eu emprego importa bastante menos do que a sua função. Por vezes as citações servem para estabelecer um diálogo com outros textos, constituindo uma espécie de homenagem a autores como Fernando de Rojas, Cervantes, Luís de Léon, Gongora, etc... Outras vezes ainda trata-se de uma paródia, por exemplo no caso da paisagem de Castela descrita pela geração de 1898. Ao escrever **Dom Julião** pretendi realizar uma obra que fosse simultâneamente criação e crítica, literatura e discurso sobre a literatura.

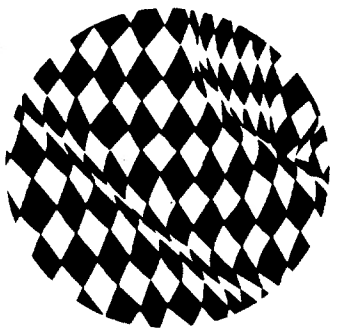
__ **A leitura do seu livro dá a impressão de que o propósito em causa não era apenas reivindicar a figura de Dom Julião, mas também a autonomia do discurso literário.**

__ Como você diz, **Dom Julião** põe efectivamente acento no romance como criação puramente verbal. Este livro é **escrita**, não **cópia**. Dom Julião escolhe sempre o discurso contra o «referente»; ou, para retomar uma brilhante forma de Barthes, pretende transformar «as impossibilidades do referente em possibilidades de discurso». As personagens surgem, desaparecem, metamorfoseiam-se segundo as necessidades retóricas da narração. São personagens sem consistência psicológica, personagens proteiformes: Tonelete transforma-se sucessivamente em El Ubicuo, Figurón, Séneca, o cavaleiro cristão, Moscardó, Unamuno, etc... Quanto ao narrador, não passa de uma Voz, e nada mais, que impõe a sua audição ao leitor; por conseguinte é uma personagem linguística.

__ **Que relação existe entre o seu livro e as correntes actuais da Nova Crítica Francesa?**

__ Há de facto uma coincidência visível entre as minhas intenções artísticas e os problemas postos actualmente pela Nova Crítica. Tal como a maioria dos seus representantes, sofri nos últimos anos a dupla influência da leitura de Benveniste e da descoberta dos formalistas russos: especialmente os ensaios de Chlovsky parecem-me notáveis, e traduzi mesmo para espanhol o ensaio que ele consagrou, ao **Tristram Shandy** (e que é desconhecido do público francês). Sigo também com muita atenção os trabalhos críticos de autores como Todorov, Barthes, e Genette, ou revistas como **Communications** e **Tel Quel**. Não duvido de que estas leituras exerceram e continuam a exercer uma acção bem marcada na minha obra de romancista, como podia notar-se já em **Señas de Identidad**. Noutros casos trata-se antes de uma simples coincidência: quando apareceram o ensaio de Todorov intitulado **Qu'est-ce que le Structuralisme?**, onde ele fala do «discurso conotativo», e os textos de Sollers e Kristeva sobre a noção de «intertextualidade», eu tinha já escrito todo o meu livro, no qual, como disse, o diálogo intertextual, conotativo, tem um papel de primeiro plano.

(Entrevista recolhida por Claude Couffon)



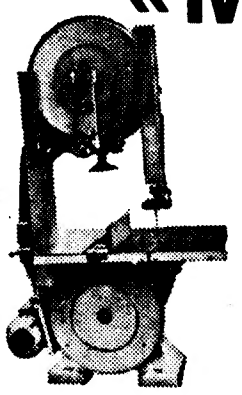
GEOMETRIA IMPURA

Continuação da página três

Gagnon segundo coordenadas oficinais objectivas.

As técnicas de reprodução utilizadas pela pintora, quer em suportes de papel, quer em suportes de tela, permitem que as zonas de contraste determinadas pela fotografia se objectivem com todo o rigor. Bàsicamente, tais zonas, ou tais formas, estabelecem no plano o efeito da terceira dimensão, conservando o **fundo**, por homogéneo, a sua integridade. Entretanto, esse é apenas o primeiro nível de relações proposto. Assim mesmo, a cor tem já um papel importante no tratamento (na negação) da profundidade: esta será mais compreendida (pelo espectador) do que sentida. Sobrepondo, com ligeiro desfazamento, outros planos de tinta à primeira ordenação de relações, Renée Gagnon cria certos efeitos ópticos que emprestam à forma um relativo carácter de baixo-relevo ou uma cintilação cinética discreta. Fotografando, quase sistemàticamente, peças de máquinas, ferros, destroços de uma realidade sobejante, plàsticamente rica, a autora conjuga muitas vezes elementos antagónicos na superfície, realiza truncagens que reconvertem a qualidade visual (e o significado) das formas, altera por ampliação as escalas de cada objecto representado, confere-lhes um revestimento cromático harmónico (mas não natural), cria descontinuidades texturais e muda a sequência lógica dos registos de cor. Este processo de manipulação das formas produz, sem dúvida, imagens extremamente ricas, quase sempre enquadradas de um modo sugestivo, aprendido na fecunda experiência da apropriação fotográfica. Mas este jogo, cujas implicações são fecundas, raramente é desdobrado para além da superfície do seu próprio espectáculo. Daí à fecundação, à contaminação significativa da forma, vai uma distância ainda longa. Esse é um passo que tem de ser dado para **dentro** da obra. Esta só vive verdadeiramente quando o artista nela se compromete.

«MIDA»



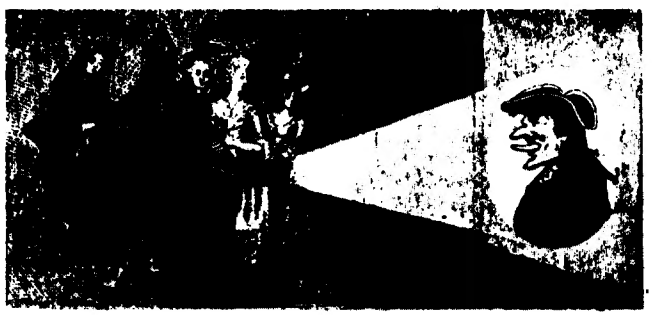
UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

SERRA DE FITA
MOD. SF-70-80-90
MÁQUINA UNIVERSAL
Mod GDFT

Fábrica: **TROFA** (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)



KLUTE
Realização de Alain Pankula
Império

Trata-se de um filme interessante mas, nal gumas passagens, barbaramente agredido. Reacende a faísca do policial negro americano desta vez numa sociedade mito mais convulsionada e dilacerada.

Obra de um **voyeur** observando outros **voyeurs**, flutua num universo ora ameaçador, ora poético, irremediàvelmente povoado por gente solitária no meio de multidões solitárias.

Jane Fonda está sublime e a sua Bree Daniels, uma **call-girl** de Nova Iorque, ficará no cinema. O que escreverá Ado Kyron sobre ela?

A FONTE DA VIRGEM
Realização de Ingmar Bergman
Estúdio

O mais desinteressante, na minha opinião, dos filmes de Bergman. Misticismo de iluminura numa obra que rebenta de academismo por todos os lados.

Se não tem mais nada para fazer...

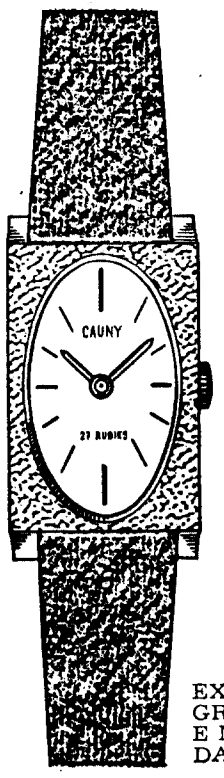
O PASSADO E O PRESENTE
Realização de Manuel de Oliveira
Apollo'70

A vida da morte e a ironia da vida. Manuel de Oliveira faz representar esta comédia de cores negras em estilo amador. Assumem-se, só aparentemente, todas as maldições dos filmes portugueses para melhor contra-atacar pela provocação directa. Ao espectador que gosta do bem feitinho nada é perdoado.

Dum autor que não se cansa de nos desconcertar um filme que exaspera - logo que intervém. Não perder e resistir até adivinhar que se trata duma cabriola portentosa sobre o que nós temos sido e até sobre o que deixamos de ser. O Centro Português de Cinema marcou pontos nesta estreia feita pela mão dum veterano brilhante.

J.V.P.

CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA



Elegância e Distinção

EXIJA A MARCA **CAUNY**
GRAVADA NA COROA
E NA PARTE EXTERIOR
DA CAIXA

DOS "BOATOS"

Aplausos & assobios

César de Oliveira foi entrevistado pelo «DL», no dia 2 do corrente mês, a propósito da sua nova revista **Prà frente, Lisboa**, em ensaios no Monumental. A certa altura da entrevista, pôde ler-se: «**Estamos a pensar** (sublinhado nosso) numa participação do poeta Ary dos Santos, conquanto nada ainda haja de concreto ele foi apenas «tocado» a esse respeito. No entanto, para um espectáculo deste género seria muito útil a intervenção dum poeta como o Ary, através duma charla duns recitativos. Se ele vier a concordar estudaremos o seu número provàvelmente até com palavras do próprio Ary dos Santos».

A 10, neste suplemento e na secção «Apalusos e Assobios», servimo-nos da passagem acima referida como ponto de partida para uma «Sugestão para super-revistas», iniciando a sugestão como segue:

«César de Oliveira, entrevistado, anunciou **estar a pensar** (sublinhado nosso) na participação do poeta Ary dos Santos na sua nova revista **Prà frente, Lisboa**».

A 12, e sob o título «Ary dos Santos diz não à revista», pôde ler-se na pág. 6 do «DL»:

«Segundo **boato** (sublinhado nosso) posto a circular recentemente, o poeta Ary dos Santos seria, ao lado de Florbela Queiroz, por exemplo, uma das atracções da nova revista do Monumental, cujos ensaios tiveram início há poucas semanas. A notícia, entretanto, causou já inúmeros dissabores ao poeta que tem vindo a ser alvo de comentários ásperos e desnecessárias ironias».

Pouco abaixo desta introdução, coube a vez de Ary dos Santos comentar o «boato»:

«Determinada facção de escrevinhadores comandados pela inveja e pela frustração, que já vão sendo habituais, lembrou-se agora de promover a minha entrada na revista».

Não transcrevemos mais, para o efeito. Nem é preciso. Ficamos a saber como os «boatos» são postos a circular e como passa por responsável «determinada facção de escrevinhadores».

Aplausos & assobios

A HOMENAGEM

Foi no sábado. Onze do corrente. No domingo (doze do corrente) houve gravura a três colunas e prosa-prosa-prosa a duas no matutino «Diário de Notícias». Página tal. Relevo o bastante para acontecimento a caixa-alta: «DOMINGOS MONTEIRO/ HOMENAGEADO/ NA CASA DE TRÁS-OS-MONTES».

Rezava o texto (1.º parágrafo) abaixo da foto com elucidativa legenda («No almoço de homenagem ao escritor dr. **(sic)** Domingos Monteiro, nosso ilustre colaborador») e do título-caixa-alta-três-linhas: «Um dos maiores **(sic)** contistas portugueses, transmontano universal **(sic)** de linguagem directa e comunicativa **(sic)**, nosso ilustre **(sic)** colaborador, o escritor dr. **(sic)** Domingos Monteiro foi ontem homenageado com um almoço em que participaram algumas das maiores figuras **(sic)** das Artes e das Letras (caixas altas) portuguesas, assim como destacados transmontanos **(sic)** da vida pública nacional» **(sic)**.

O 2.º parágrafo não era menos significativo:

«Traduzido em várias línguas (parêntesis nosso: quais? quantas? e o quê? e de que maneira? e por quem? e para quem? e para quê?), com uma obra literária que abranje a ficção, a poesia, o teatro, o ensaio e a história, sócio da Academia das Ciências, Prémio Nacional da Novelística (espanto nosso: então Domingos Monteiro não era **contra** os prémios?), em 1966, e Prémio «Diário de Notícias», em 1967 (espanto nosso __ redobrado), Domingos Monteiro viu-se rodeado de cerca de cento e cinquenta amigos **(sic e por extenso)** __ tantos quantos couberam na vasta sala da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, onde decorreu o almoço. Outros tantos, ou mais ainda **(sic)**, que pretendiam estar presentes, não tiveram essa possibilidade mas, através de cartas e telegramas, manifestaram ao homenageado o quanto o apreciam e admiram».

Bem sabemos ser muito chato (que o diga **O Quadriculado**), mas continuamos a citar o referido matutino, com o devido respeito e parabéns a você:

«Terminado o almoço, cuja ementa foi constituída por produtos típicamente transmontanos, **(sic)** falou primeiro o presidente da Casa de Trás-os-Montes, dr. Manuel Joaquim Freire, que se penitenciou pelo facto de não ter prevista a «avalancha» de pessoas ilustres» que acorreram a associar-se à homenagem. «Fomos ultrapassados pelos acontecimentos e disso nos penitenciamos». Recordou, depois, que Domingos Monteiro é natural do concelho de Mesão Frio, que começou a escrever poesia aos 16 anos, «poesia que todos admiramos» e através da qual conseguiu transmitir «aquela pureza de homem serrano, aquela clareza do homem que habituado a poucas palavras consegue dar a ideia nítida do seu intimismo, dos seus problemas, dos seus anseios».

Porque não estivemos no almoço (com grande pesar nosso: pelamo-nos por manjares «tipicamente transmontanos», tal o nosso apego ao torrão lusíada), vemo-nos na obrigação de continuar citando, em nome de sua-excelência-a-informaçãozinha:

«Seguidamente, a locutora Maria Leonor leu um poema do poeta da nova geração Nuno Noselos, dedicado especialmente a Domingos Monteiro. No final, o poeta acentuou que outra finalidade não teve «do que manifestar a gratidão de um pobre transmontano, que sabe ver no grande mestre que é Domingos Monteiro o apoio que merecem velhos e novos e, sobretudo, aqueles que são desconhecidos e a quem se torna necessário, por vezes, um conforto que os levante para fazer qualquer coisa».

(Parêntesis nosso __ e em tom heróico: ainda bem que há, pelo menos, um poeta da «nova geração» que não perdeu o devido respeito a seus maiores e sabe acentuar a «gratidão» praticada e o «apoio» e «conforto» recebidos ou a receber!)

Continuando:

Falou então o escritor dr. **(sic)** João de Araújo Correia, que enalteceu a figura e a obra do homenageado. Lembrou que a análise literária é hoje uma ciência e, como tal, tem uma literatura própria para qual não se sente habituado.

(**Sic**; já o sabiamos mas registamos - para uso, mais que não seja, dos críticos poppes, tão **humanistas**!...)

«Não obstante __ continuou __, a sua sensibilidade permitia-lhe afirmar que Domingos Monteiro é poeta desde a primeira manhã em que acordou para as Letras», e observou:

«É isto muito, é isto pouco? É o essencial. Não há obra que valha sem poesia. Digam o que disserem os apreciadores científicos, a pedra de qualquer obra é uma indefinida joia chamada poesia. Domingos Monteiro, poeta extraído da realidade, homem que sonha acordado, com o seu quê de romântico, muito tem de um novelista imaginativo. Contador de história que vale a pena contar, não perde o senso do humanístico.»

(Parêntesis sempre nosso: o dr. Araújo Correia mostra igualmente um elevado sentido de gratidão relativamente ao dr. Domingos Monteiro, membro do júri que lhe outorgou um prémio literário! Aplausos ao nobre sentimento!).

Mas continuemos na transcrição, homenagem nossa a um documento revelador **in excelsis**:

«Proferiu, depois, vibrantes palavras de elogio a Domingos Monteiro, o escritor e poeta Armindo Rodrigues, que salientou a pertinácia com que o homenageado tem defendido os escritores portugueses, pois mesmo com elevados prejuízos materiais tem uma editora que só publica obras de autores nacionais __ sejam eles conhecidos ou desconhecidos.»

(Ainda sob o signo da informação: a editora tem por nome «Sociedade de Expansão Cultural»; a «Obra Poética» de Armindo Rodrigues tem vindo a ser publicada por esta editora; o dr. Domingos Monteiro é funcionário superior do Serviço de Bibliotecas itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, (instituiçãoonde também desempenha papel dirigente no respectivo conselho de Leitura).

Terminemos (a citação do D.N.), sensibilizadíssimos:

«Por último, falou **Natália Correia** (sublinhado nosso), que fez o **elogio** (sublinhado nosso) de Domingos Monteiro, no seu duplo aspecto de **escritor e homem de carácter** (sublinhados nossos).

O homenageado, então, agradeceu num breve improviso, traído aqui e ali pela comoção de que se sentia possuído. Fez o elogio do seu **colega** (sublinhado nosso) João de Araújo Correia, que classificou com «um dos maiores contistas portugueses» e teceu um hino de louvor a Trás-os-Montes, porque foi a terra em que aprendeu a viver e que tem servido de tema à sua obra literária.

Domingos Monteiro terminou agradecendo a todos os que participaram naquela homenagem que tanto o sensibilizou.»

Nós, que não estivemos no almoço (repetimos: com grande pena nossa), só pudemos trincar esta (aliás saborosa) sobremesa literária. Reforçada, diga-se em abono da verdade, com o panegírico de Guedes de Amorim saído no mesmo dia do almoço de homenagem na pag. 67 do «Século Ilustrado».

Para não empanturrar o leitor, citamos apenas um excerto do último parágrafo da crónica de Guedes de Amorim (que ocupa uma página inteira, alindada com foto); é longa a citação, mas vale a pena. Trata-se da primeira pedra para um lusitano «desejável movimento» no sentido de se outorgar a Domingos Monteiro o Prémio Nobel de Literatura:

«Vivo e já envolvido de celebridade, inteiramente merecida, o académico e mestre inconfundível em poesia e ensaio, dramaturgia e ficção alcança ainda, por cada novo livro, mais alto triunfo. Merecido, pois desta feita fundamentado em páginas que, desafiando o tempo próprio dele, autor, igualmente desafiam a eternidade das Belas Letras. Portanto, se justíssimos foram os galardões que já obteve, como o Prémio Nacional de Novelística e o Prémio «Diário de Notícias», também o Prémio Nobel mereceria. Assim pensando, não se duvida pois que, nesta manhã do segundo sábado de Março, na Casa de Trás-os-Montes, onde lhe é oferecido muito concorrido almoço de homenagem pelos seus comprovincianos residentes em Lisboa, alguém desassombradamente inicie desejável movimento, para que o almejado galardão de Estocolmo venha em 1972 para quem servindo a Pátria e a Humanidade, através da Literatura, jamais deixou cair ao chão a bandeira da Pátria, que é, diria Pessoa, a língua portuguesa»

Palmas ao almoço de homenagem! Palmas aos discursos dos agradecidos! Palmas aos Prémios (que o escritor dizia recusar __ excepto alguns)! Venha o Nobel para o Magnífico Transmontano-e-Tão-Amigo-dos-Novos-e-Desconhecidos!

Não tendo podido comparecer na almoçarada típica, (tristes pregos e cervejolas nossas!) vamos, ainda assim, tomar duas doses de sais de frutos!

...A ver se nos conseguimos livrar da (inevitável) indigestão. Estes transmontanos dão cabo de nós! Livra!

literogramas

TÍTULO: **A CRIAÇÃO CULTURAL NA SOCIEDADE MODERNA**
AUTOR: **LUCIEN GOLDMANN**
COLECÇÃO: **BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS**
EDITORA: **PRESENÇA**
N.º DE PÁGS: **192**
PREÇO: **40$00**

SOCIOLOGIA

A publicação deste volume, aliás composto de textos de vária origem (Cahiers de Royaumont, Centre d'Étude de la Civilization Contemporaine, Bulletin de la Société Française de Philosophie, etc, etc.), reveste-se de um particular relevo no nosso meio cultural. O seu autor - sobre o qual em 12 de Novembro de 1970, neste mesmo «Diário de Lisboa», eu escrevia um artigo de síntese intitulado «Goldmann morreu» - ocupa (ocupará decididamente) lugar cimeiro nos estudos de sociologia, de teoria e de crítica literária. Discípulo de Lukács, talvez o mais imbuido deles, distingue-o no entanto uma posição de abertura perante as formas literárias que passam para cá dos grandes «clássicos» do século passado. Goldmann, na busca das relações entre a vida social e a criação da cultura (centro polar deste complexo de textos sob a designação comum **A Criação Cultural na Sociedade Moderna**) é receptivo a certas formas que Lukács rejeitaria como vanguardismo estéril.

Um dos estudos incluídos neste volume, «Possibilidades de acção cultural através dos **mass media**», parece-me, por exemplo, significar perfeitamente o designio teórico que vinha já sintetizado nas suas palavras da «Introdução a um estudo estrutural aos romances de André Malraux» - estudo que, como se sabe, faz parte do seu livro **Pour une Sociologie du Roman**: «A sociologia literária orientada para o «conteúdo» revela-se operatória e eficaz quando estuda obras de nível médio ou correntes literárias, mas perde progressivamente todo o interesse quando aborda as grandes criações».

Há, evidentemente, quem não tenha entendido esta razão. Houve assim quem pretendesse deduzir dali que, para Goldmann, «sociologia literária» e «mediania» são factores complementares, ou corolários lógicos. Porém, a leitura destes textos de **A Criação Cultural na Sociedade Moderna**, que agora a «Biblioteca de Ciências Humanas» nos traz a lume, permitirá melhor ao leitor informar-se e corrigir o vício daquela injusta acusação. Isto decerto quando retiver, em pleno, que a grande novidade de Goldmann - aquilo que fez com que ele mesmo dissesse, do seu **Pour une Sociologie du Roman**, que tal livro equivalia a uma revolução copernicana - reside neste fulcro fundamental: os verdadeiros sujeitos da crítica cultural são os grupos sociais e não os indivíduos. E o que isto significa, afinal, é o reconhecimento da natureza colectiva do sujeito histórico, e não a ideia (reprovável) de uma redução da cultura a termos médios, ou da individualidade criadora a um tipo único.

F.L.S.

TÍTULO: **D'ONT FALL OF THE MOUNTAIN**
AUTOR: **SHIRLEY MACLAINE**
EDITOR: **BANTAM BOOKS, 1971**
COLECÇÃO: **NÃO-FICÇÃO**
N.º PÁGS: **292**
PREÇO: **38$00**

MUITOS MUNDOS

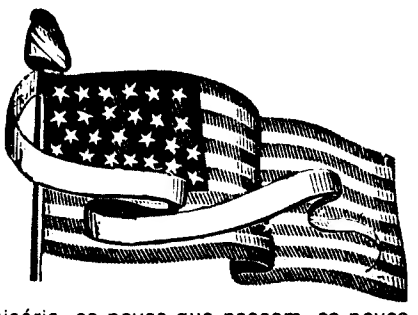
Há uma desconfiança instintiva em relação ao que podem escrever actores e actrizes. Não estará a ser pago, na sombra, um escriba que empresta prosa a nome célebre? O agente artístico da vedeta não quererá provar que a sua cliente tem «talento»?

Shirley MacLaine escreveu e publicou «Don't Fall off The Mountain», uma auto-biografia. O livro obteve sucesso. Mas os seus méritos não são exclusivamente literários. Miss MacLaine escreve com a candura primitiva e com o estilo terra-a-terra que ela tão bem sabe compor no écran. Nunca dá a impressão duma pessoa, encerrada num gabinete, a acumular frases sobre frases «para provar qualquer coisa». Ela diz o que lhe acontece e o que pensa sobre o que lhe acontece. Como lhe acontecem menos coisas do que a Luiz de Camões ou a André Malraux mas mesmo assim bastantes — o resultado é inevitàvelmente rico. Tem que se ter a dimensão dum génio para ser criativo a partir duma vida vazia.

Shirley MacLaine não é génio mas, por outro lado, não tem a vida vazia. A simpatia do seu livro é falar-nos com calor (e com fraqueza) da sua infância, dos seus amores, do cinema, das suas intermináveis viagens. E é tudo tão cheio, tão engrossado de pormenores significativos que, numa visão final, a literatura quase **não** faz falta a esta faladora.

Ela confessa não lhe interessar a maledicência mundana. É que, em última análise, lhe interessam mais as pessoas do que os filmes. Por exemplo: Shirley MacLaine quase não fala na película **Irma La Douce,** de Billy Wilder. Mas emprega páginas e páginas a retratar o estudo que fez, fere a composição da personagem principal do mesmo filme, de Danielle, uma prostituta, da zona parisiense de Les Halles que lhe afirmou serem indispensáveis bons fechos-éclair porque «tempo é dinheiro» no comércio das damas.

Infatigável viajante, ela percorre o Japão, a Índia, o Quénia e o mais estranho dos países: o Sul dos Estados Unidos. Conhece o racismo,



a miséria, os povos que nascem, os povos que morrem como os Masai, da África, roídos pelas doenças de outras civilizações. Descobre que a verdade ocidental que se põe em termos absolutos é apenas duma verdade relativa noutros continentes.

Sabe dar, em duas pinceladas, um meio-ambiente: a casa onde cresceu na Virginia (os pais gostavam da casa limpa, de Deus e de «chichés»); a febre que acompanha as filmagens; os cursos de ballet; a chique de Hollywood; a clan de Frank Sinatra; o teatro Kabriki e a mistura de degradação física, fome e apatia em que se tornou Calcutá-Muitos Mundos.

Encontra-se com nomes que durante, muito tempo, ocupam páginas de jornais. Hitchcock, Nikita Khrushchev, Julie Christie. Ou com outros, militantes dos direitos cívicos, de que se fala durante menos tempo. Ou que desaparecem para sempre. Ou que são descobertos no fundo dum pântano (Kluxklux Klan passou por aqui...) Intervém, com Marlon Brando e outros, a favor de Chessman. Em Chicago-68, assiste, como delegada à Convenção Democrática, ao aparecimento do «cilindro confessor do fascismo americano», para usar as suas palavras.

Fala-nos dos pais que se recusaram a convidar o actor negro Sidney Poitier, o Homem que veio para jantar, «não por eles, mas por causa dos vizinhos». Conta como casou, os primeiros contractos, as suas relações com o marido e com a filha. Talvez seja um livro que não valha a pena discutir mas que convém ler.

J. V. P.

TÍTULO: **HISTÓRIAS DE POUCAS PALAVRAS**
AUTOR: **MARIA EULÁLIA DE MACEDO**
EDITOR: **ÁTICA, LISBOA 1971**
COLECÇÃO: **FICÇÃO ÁTICA**
N.º DE PÁGINAS: **135**

AMAR EM AMARANTE

E sina minha, que com prazer percorro, deter-me nestas prosas na primeira pessoa. A tentação da voz pessoal, o descrever de um itinerário, **as viagens dentro do meu quarto, a volta ao dia em oitenta mundos,** a crónica familiar, a viagem ao fim dos sentimentos.

Recordo, de um prefácio de Eduardo Prado Coelho aos Poemas de António Reis: «**um mundo horrível, mas um mundo pacificado (...) um universo asfixiante e atrofiado, que impõe redução prévia de nós próprios?** A que propósito a citação? A propósito do **mundo** de Maria Eulália de Macedo. A propósito destas **Histórias** sem pretensões, sem o propósito de inovarem formalmente, retomando uma linha intimista muito ligada a Maria Judite de Carvalho (o desencanto) e (agora de acordo com o prefácio) a Raul Brandão. É claro que a autora soube **ler** e **apreender** o sentido profundamente trágico e doloroso de um Rilke, principalmente o Rilke dos **Cadernos.**

O sentido doloroso. Sim. **Dói** assim escrever. E ler. O preencher os espaços vazios, a elegia, o desencanto terrível, um olhar para o espelho e depois para **os outros.** Não. Não é miserabilismo que pretendo nem ele existe no livro), mas a observação de um **amar em Amarante,** as margens inexploradas, toda uma zona vivencial (leia-se: visceral), necessária para uma **praxis** actuante. E claro: não é o caso Mas, o que se escreve, o que se diz, atravessa canais de comunicação. A partir de determinada altura não existe autor. Existe um texto que marca sinais, que se fragmenta na memória de quem lê, que ultrapassa a palavra escrita, que é som, inconsciente apelo, rastilho ou sentimento. O resto são palavras brancas.

O sentido trágico. A província hostil; a morte, a dor, o vício, a solidão; o encontro de coisas, objectos, seres, penetrados por uma sensibilidade à procura da razão última que tudo una e justifique. Um vago panteismo á Pascoaes. Paisagens de contornos quase irreais (**«Era uma casa em ruínas, com salões transformados em cortes de gado, estábulos de vacas que eram mungidas de madrugada (...) As personagens desta história não são os homens nem as mulheres - que ali, nem os homens nem as mulheres tinham história. A eles ninguém os via.»),** no seu desenrolar de um mundo gasto, a esboroar-se na burguesia das vilas e cidades, nas aldeias desertas, nos campos secos e mirrados. **«As personagens são outras: são os cheiros; a podridão que fertiliza a alimentação aquelas terras; o vento do lado do mar: o toque a defuntos, dos sinos ao fim da tarde (...)».**

Dor e tragédia. Retratos amarelecidos no fundo das gavetas, a morte piedosa, a mansa loucura. Afinal: **o nosso mundo.**

E.G.C.

TÍTULO: **CORPO TERRESTRE**
AUTOR: **JOÃO RUI DE SOUSA**
EDITOR: **PORTUGÁLIA LD., LISBOA, 1972**
COLECÇÃO: **POETAS DE HOJE N.º 38**
N. PAGS: **125**

AUSTERIDADE

Com este livro se continua uma das aventuras poéticas mais significativas da moderna poesia portuguesa.

Embora cronològicamente anteriores a «Meditação em Samos» (publicado em 1970), os textos deste livro manifestam o mesmo exercício de um rigor que a si próprio constantemente se questiona. Desse questionar, o que mais resulta é a interrogação sobre o próprio acto da escrita, o texto que assume a sua íntima fragilidade, que se pensa, se vigia. Aqui se retoma portanto o exercício de um registo muito pessoal que, de livro para livro, se tem vindo a tornar cada vez mais exigente e austero. «É preciso usar as palavras/como um cão vigilante» é o que logo de ínicio este livro, declarando-o, nos procura mostrar.

Mas essa austeridade, que os textos, na sua maioria, definitivamente parecem ter assumido ao ponto de em si mesmo a chegarem a tematizar, é no entanto de certo modo compensada através da sua própria estrutura — quase sempre baseada (talvez com demasiada e incómoda insistência) na repetição paralelistica. É essa estrutura que transmite a estes textos (sobretudo os da parte final do livro) um certo sabor de cantiga popular e que, por isso mesmo, nos acaba por transmitir uma injusta sensação de facilidade no que se refere á sua elaboração estilistica. Tal sensação é no entanto menos aparente.

O livro é mais rico do que uma primeira e descuidada leitura o possa querer dizer.

Um verso de Éluard ilumina uma das suas primeiras páginas: «Les mots disent le monde et les mots disent l'homme...» É um mundo muito concreto o que as palavras deste livro, na sua aparente neutralidade, procuram descrever e circular.

N. M.

A. C. Adriano de Carvalho • C. P. Carlos Porto
E. G. C. Eduardo Guerra Carneiro • E. P. C. Eduardo Prado Coelho • F. C. M. Fernando Correia Marques
F. L. S. Fernando Luso Soares • J. V. P. José Vaz Pereira • J. M. Julio Moreira • M. M. C. Manuel Maria Carrilho • N. J. Nuno Judice • N. M. Nelson de Matos • V. S. T. Vitor Silva Tavares